



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB**  
**INSTITUTO DE LETRAS – IL**  
**DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS – LIP**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL**

**Arion de Souza Cruz**

**“OS ‘QUANTIFICADOR’ TÁ *TUDO* FLUTUANDO”:**  
**uma análise de *tudo* como modificador de grau no Português Brasileiro**

Brasília  
2016

Arion de Souza Cruz

**“OS ‘QUANTIFICADOR’ TÁ *TUDO* FLUTUANDO”:  
uma análise de *tudo* como modificador de grau no Português Brasileiro**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília – PPGL/UnB – como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Helena da Silva Guerra Vicente

Brasília  
2016

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Cruz, Arion de Souza  
CAR712 "Os 'quantificador' tá tudo flutuando": uma  
análise de "tudo" como modificador de grau no  
Português Brasileiro / Arion de Souza Cruz;  
orientador Helena da Silva Guerra Vicente. --  
Brasília, 2016.  
117 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Linguística) --  
Universidade de Brasília, 2016.

1. Tudo. 2. Modificador de grau. 3. Flutuação de  
quantificador. 4. PB coloquial. 5. Sintaxe. I.  
Vicente, Helena da Silva Guerra, orient. II. Título.

**Arion de Souza Cruz**

**“OS ‘QUANTIFICADOR’ TÁ *TUDO* FLUTUANDO”:  
uma análise de *tudo* como modificador de grau no Português Brasileiro**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília – PPGL/UnB – como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Linguística, na área de concentração de Teoria e Análise Linguística.

**BANCA EXAMINADORA**

Profa. Dra. Helena da Silva Guerra Vicente (PPGL/UnB) – presidente

Prof. Dr. Marcus Vinicius da Silva Lunguinho (LIP/UnB) – membro

Profa. Dra. Rozana Reigota Naves (PPGL/UnB) – membro

Prof. Dr. Paulo Medeiros Júnior (LIP/UnB) – suplente

À minha família: Francisco, Celma e Alain

## AGRADECIMENTOS

À professora Helena Guerra Vicente, minha orientadora e “mãe acadêmica”, pela dedicação (por vezes, em tempo integral) e confiança devotada a mim; e, sobretudo, pelas broncas e pelo rigor, que, no fim das contas, sempre eram para o meu bem (como toda e qualquer bronca de mãe por amor ao filho). Obrigado por ter compreendido as minhas ausências e falhas e por ter me acompanhado de perto durante todo o processo de graduação e pós-graduação.

Às professoras Heloisa Salles, Rozana Naves e Lurdes Jorge, minhas professoras de sintaxe gerativa desde 2009, ano em que ingressei na graduação em Letras na UnB, por terem me inspirado a enveredar pela área da Linguística. Em especial, à professora Rozana Naves, por aceitar compor a Banca Examinadora deste trabalho.

Ao professor Marcus Lunguinho, pelo acompanhamento da realização deste trabalho, pela avaliação minuciosa de meu projeto de pesquisa, pelas dicas e comentários preciosos, bastante significativos, pelas aulas no âmbito da pós-graduação, pautadas por uma didática incrível, e, sobretudo, por aceitar compor a Banca Examinadora deste trabalho. Sua postura sempre humilde e receptiva é fantástica!

Às professoras que conheci no âmbito da pós-graduação, Eloisa Pilati, Marina Magalhães e Walkíria Praça. À primeira, pelas aulas de sintaxe gerativa extremamente descontraídas. À segunda, especialmente por enxergar o meu potencial e me encorajar a prestar a seleção de Mestrado. À terceira, pelas boas conversas e discussões e pela maravilhosa companhia em Belém, durante a realização da Abralín.

Aos colegas do PPGL, cujos nomes não irei, em geral, citar por receio de esquecer de alguém, pelo companheirismo e pelas conversas, pelos cafés, pelos momentos de estudo (e de desespero compartilhado em relação às obrigações acadêmicas).

Ao Ezekiel Panitz, pela disposição e prontidão em me ajudar na revisão do *abstract*, e também pelas conversas, debates linguísticos e cervejas compartilhadas durante o simpósio que prestigiamos na UNICAMP.

À Paula Baron, “Paulinha”, pela amizade construída desde que ingressamos juntos na graduação (posteriormente, na pós-graduação) e todas as consequências que ela acarreta: pelo apoio mútuo, pelo compartilhamento dos desespos, por me lembrar das obrigações acadêmicas, enfim, por todas as experiências que compartilhamos, que tornaram mais leve a jornada acadêmica.

Ao meu “irmão” de orientação, Wagner Ribeiro, a quem agradeço, no viés acadêmico, pelo apoio e companheirismo, pelos comentários valiosos, julgamento de dados, ademais, pela sugestão para o título deste trabalho. No viés pessoal, pela amizade, pelo alto astral, pela companhia nas viagens divertidíssimas aos congressos, pelas cervejas que compartilhamos e nossas conversas sobre os mais diversos assuntos, e, também, pelos conselhos de vida (estes, geralmente, após as cervejas). Tu és uma figura, meu caro!

À minha “irmã” de orientação, Elisabete Ferreira, “Bete”, pela cordialidade, pelo incentivo e pela presteza em me ajudar (em pleno dia das mães) a estudar.

Ao meu chefe, Welton Rabelo, pela compreensão em todas as vezes que precisei me ausentar para resolver problemas acadêmicos e pela confiança em meu trabalho.

À minha companheira e confidente, Katiélle Lima, pela paciência e compreensão, além das ajudas nos julgamentos de dados, na organização do meu tempo, e nas diversas tarefas do cotidiano.

À minha família, atemporal e incondicionalmente, por serem responsáveis pelo meu ser. A meu irmão, pelo exemplo de competência no que se propõe a fazer. A meus pais, especificamente, pela dedicação a fim de propiciar as condições necessárias para que eu tivesse o máximo de tempo possível para me dedicar a este trabalho.

Agradeço, também, o apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - Brasil, processo 133968/2014-6, vital para a realização desta pesquisa.

No povo meu poema vai nascendo  
como no canavial  
nasce verde o açúcar.

[...]

Meu povo em meu poema  
se reflete  
como a espiga se funde em terra fértil.

Ao povo seu poema aqui devolvo  
menos como quem canta  
do que planta.

Ferreira Gullar

## RESUMO

CRUZ, Arion de Souza. “Os ‘quantificador’ tá *tudo* flutuando”: uma análise de “tudo” enquanto modificador de grau no Português Brasileiro. 117 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – PPGL, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

Esta dissertação, fundamentada pelos pressupostos do modelo teórico de Princípios & Parâmetros, em seu estágio mais atual, o Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995 e trabalhos subsequentes), investiga o uso da palavra *tudo* como modificador de grau no Português Brasileiro (PB) coloquial. Procuramos evidenciar que *tudo* é um elemento pertencente à série *todo-all* (*todo* e flexões: *todo(s)*, *toda(s)*), defectivo em termos de traços- $\phi$ . *Tudo* é um elemento nuclear,  $Q^0$ , que seleciona um elemento nominal (semanticamente plural) como complemento. Nosso objetivo é fornecer uma análise para a sintaxe desse item, pressupondo a argumentação de que ele funciona como um modificador de relações de predicação (QUADROS GOMES, 2009; VICENTE & QUADROS GOMES, 2013), ou seja, nas sentenças em que ocorre, tal item opera semanticamente sobre uma relação de predicação (predicado + argumento), elevando ao grau máximo a aplicação da predicação ao argumento. Essa operação semântica de “maximalização” ou “maximização” (BRISSON, 1998; QUADROS GOMES, 2009; LIMA, 2013) é captada na sintaxe pelo estabelecimento de *Agree* entre um núcleo de grau, Deg (do inglês, *Degree*) – que projeta um sintagma de grau (DegP), em domínio A’, sobre um predicado não-verbal (no caso de a relação de predicação ajustada ao grau máximo ser o complexo [propriedade e argumento possuidor da propriedade]), sobre VP (em se tratando do complexo [predicado e seu argumento interno]) ou vP (em se tratando do complexo [predicado e seu argumento externo]) – e *tudo* – que é selecionado para a numeração portando um traço de grau com valor máximo,  $\forall$ , capaz de valorar o traço de grau não-interpretável presente em Deg (VICENTE, QUADROS GOMES & LUNGUINHO, 2016). Nossa pesquisa justifica-se pela escassez de estudos formais a respeito do uso coloquial da palavra *tudo* no PB.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tudo. Modificador de grau. Flutuação de quantificador. PB coloquial. Sintaxe.

## ABSTRACT

CRUZ, Arion de Souza. “Os ‘quantificador’ tá *tudo* flutuando”: an analysis of *tudo* as a degree modifier in Brazilian Portuguese. Dissertation (MA in Linguistics) - PPGL, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

This dissertation, based on the assumptions of the Principles & Parameters framework, in its current stage, the Minimalist Program (CHOMSKY, 1993 and subsequent work), investigates the use of the word *tudo* as a degree modifier in colloquial Brazilian Portuguese (BP). We seek to demonstrate that *tudo* is an element that belongs to the *todo*-all series (*todo* and its inflections: *todo(s)*, *toda(s)*), and that *tudo* is defective in terms of its  $\phi$ -features. *Tudo* is a head,  $Q^0$ , which selects a nominal element (semantically plural) as a complement. Our goal is to provide the syntax of *tudo*, assuming the argument that it works as a modifier of predication relations (QUADROS GOMES, 2009; VICENTE & QUADROS GOMES, 2013), i.e., in sentences in which it occurs, this item semantically operates over a predication relation (predicate + argument), elevating to the maximal extent the application of the predication to its argument. This semantic operation of “maximalization” or “maximization” (BRISSON, 1998; QUADROS GOMES, 2009; LIMA, 2013) is captured in the syntax by *Agree* between a degree head Deg – which projects a Degree Phrase, in an A’-domain, above a non-verbal predicate (in case the predication relation adjusted to its maximal degree is the complex [property plus the argument possessor of such property]), above VP (in which case the complex is [predicate plus the internal argument]) or vP (in which case the complex is [predicate plus the external argument]) – and *tudo* – which is selected to the numeration bearing a degree feature, valued as “maximum”,  $\forall$ , that is capable of valuing Deg’s uninterpretable degree feature (VICENTE, QUADROS GOMES & LUNGUINHO, 2016). Our research is motivated by the scarcity of formal studies on the colloquial use of *tudo* in Brazilian Portuguese.

**KEYWORDS:** *Tudo*. Degree modifier. Quantifier floating. Colloquial Brazilian Portuguese. Syntax.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1- PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: TEORIA GERATIVA.....	3
1.1 Introdução.....	3
1.2 A Teoria Gerativa .....	3
1.3 O modelo de Princípios & Parâmetros (P&P).....	5
1.4 Do Programa Minimalista em P&P.....	7
1.5 Conclusão do capítulo .....	11
CAPÍTULO 2- SOBRE OS QUANTIFICADORES FLUTUANTES.....	12
2.1 Introdução.....	12
2.2 Introdução ao problema de pesquisa .....	13
2.3 Sportiche (1988): a análise com encalhe ( <i>stranding analysis</i> ).....	19
2.4 Bobaljik (1995): análise adverbial dos quantificadores flutuantes.....	21
2.5 Optando pela análise com movimento.....	26
2.5.1 Bošković (2004): revisando a proposta de Sportiche (1988).....	28
2.5.2 Shlonsky (1991): Q é um núcleo funcional.....	40
2.5.3 Vicente (2006): a relação entre Q e DP é a de complementação .....	48
2.5.4 Lacerda (2012): <i>Q-float</i> é, sobretudo, um fenômeno informacional.....	52
2.6 Sedrins (2011): a ordem [DP Q] é resultante de estrutura com adjunção .....	59
2.7 Conclusão do capítulo .....	62
CAPÍTULO 3- <i>TUDO</i> ENQUANTO MODIFICADOR DE GRAU .....	64
3.1 Introdução.....	64
3.2 Brisson (1998): sobre o efeito de maximalidade.....	65
3.2.1 Lima (2013): <i>todos</i> , em PB, é um maximalizador.....	72
3.3 Uma proposta de análise para <i>tudo</i> como modificador de grau .....	74
3.3.1 A teoria sobre expressões de grau estendida a todo .....	80
3.3.2 A modificação de grau em leituras de quantidade.....	83

3.3.3 Propondo a derivação de sentenças com <i>tudo</i> .....	85
3.4 Contrastando <i>tudo</i> e <i>todo</i> em sentenças com nomes nus ( <i>bare nouns</i> ) .....	88
3.5 Traços- $\phi$ , concordância e ordem .....	92
3.6 Conclusão do capítulo .....	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	102
REFERÊNCIAS .....	103

## INTRODUÇÃO

O objeto de estudo desta pesquisa é o uso de *tudo* no Português Brasileiro (PB) coloquial, em sentenças em que aparece associado a um elemento nominal, podendo estar adjacente à direita desse elemento ou em posições mais baixas na estrutura, como exemplificado em (1). O ponto de partida para este trabalho foi a constatação de que o uso coloquial de *tudo*, nas sentenças em (1), distancia-se do uso de *tudo* previsto pela gramática tradicional, mas se assemelha, nesse caso, ao uso de *todos* (como ilustrado em (2)).

- (1) a. Os quantificador *tudo* tá flutuando.
- b. Os quantificador tá *tudo* flutuando.
- (2) a. Os quantificadores *todos* estão flutuando.
- b. Os quantificadores estão *todos* flutuando.

Na sentença em (1b), verifica-se a possibilidade de *tudo* aparecer “flutuando” à direita na sentença, distante do elemento nominal com o qual se associa. Embora haja diferenças discursivas ocasionadas pela posição que *tudo* ocupa na sentença – o que não será focalizado neste trabalho, ainda que façamos breves menções a tais fenômenos –, a leitura obtida para (1b) é a mesma para (1a): “100% dos quantificadores estão flutuando”; isso quer dizer que, em ambas as posições em (1), *tudo* gera leitura quantificacional.

O fenômeno de “flutuação” já foi bastante estudado em PB tanto na literatura sintática – por trabalhos como os de Kato & Nascimento (1993), Vicente (2006), Sedrins (2011), Lacerda (2012, e em preparação), por exemplo – quanto na literatura semântica – por trabalhos como os de Pires de Oliveira (2003), Quadros Gomes (2004), Müller, Negrão e Quadros Gomes (2007), Quadros Gomes (2009), Lima (2013), por exemplo –, mas pouco se falou a respeito do item *tudo*, especificamente – temos conhecimento apenas do trabalho de Godoy (2005) e Cançado (2006). Geralmente, os autores têm voltado a atenção aos itens *todo* e suas flexões. Em virtude de tal fato, nosso objetivo é abrir espaço na literatura para a discussão do uso coloquial de *tudo*.

Para enriquecer o debate, também defenderemos que *tudo* pode ocorrer, assim como *todo* e flexões (ver (4)), em sentenças com leitura de intensidade, como em (3).

- (3) As filha dele já tão umas moçona *tudo* bonita.
- (4) O rapaz vestia uma roupa toda suja.

A leitura obtida em (3) não é de que “100% das moças estão bonitas”, mas sim de que elas estão “muito bonitas”, ou seja, *tudo* não está quantificando a participação do elemento nominal “umas moçona” no evento, mas intensificando ao máximo o grau de beleza que as moças possuem.

Vicente & Quadros Gomes (2013) argumentam que a função de *todo* em sentenças como (2) e (4) é a mesma: tal item satura ao grau máximo a relação entre um argumento e seu predicador. Desse modo, as autoras propõem a uniformização para o tratamento de *todo* na literatura. Em virtude das propriedades sintáticas e semânticas que *tudo* coloquial apresenta, estenderemos a proposta das autoras a esse item, encarando-o como um modificador de grau, cuja função também é ajustar relações de predicação – assim, as diferentes leituras são fruto do tipo de relação de predicação ajustada. Procuraremos captar na sintaxe essa argumentação, propondo um modelo derivacional (também uniforme) para as sentenças em que *tudo* ocorre.

A dissertação está globalmente estruturada da seguinte maneira: no capítulo 1, apresentamos a abordagem teórico-metodológica utilizada nesta pesquisa, a saber, a teoria gerativa em seu estágio mais atual dentro do modelo de Princípios & Parâmetros (CHOMSKY, 1995 e trabalhos subsequentes); no capítulo 2, introduzimos nosso problema de pesquisa e levamos a escrutínio parte da literatura sobre o fenômeno de *Q-float*, assumindo, para nossa análise, a vertente com encalhe (SPORTICHE, 1998), e buscando respaldo teórico para tratar *tudo* como um núcleo funcional,  $Q^0$ , que projeta um QP, selecionando um elemento nominal como complemento; no capítulo 3, discutimos o efeito maximalizador de *todo/all* e como esse efeito semântico é captado sintaticamente na teoria de graus proposta por Vicente & Quadros Gomes (2013), estendendo a argumentação ao uso coloquial de *tudo* e propondo a sintaxe desse item; finalmente, apresentamos nossas considerações finais.

## CAPÍTULO 1

### PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: TEORIA GERATIVA

#### 1.1 Introdução

Os pressupostos teórico-metodológicos nos quais se assenta a presente pesquisa correspondem ao aparato teórico desenvolvido no âmbito da linguística gerativa (CHOMSKY 1957 e trabalhos subsequentes). O primeiro capítulo desta dissertação tem como duplo objetivo apresentar sucintamente a hipótese inatista da linguagem, que fundamenta a pesquisa em teoria gerativa, e o estágio atual do programa de investigação linguística praticado no seio do modelo de Princípios e Parâmetros (P&P), o *Programa Minimalista* (CHOMSKY 1995 e trabalhos subsequentes).

#### 1.2 A Teoria Gerativa

A Teoria Gerativa surge na década de 50 a partir dos trabalhos de Avram Noam Chomsky e se põe, até certo ponto, como reação à crença behaviorista na aquisição da língua e ao estruturalismo norte-americano. Em outras palavras, o gerativismo reage a pressupostos da teoria comportamental de Skinner que relegavam aos mecanismos de estímulos e reforços a capacidade de aquisição da língua pelo ser humano. Chomsky problematizou os conceitos advindos dessa forma de conceber a capacidade humana para a linguagem ao questionar (dentre várias outras críticas) como a criança, no modelo behaviorista, é capaz de compreender e produzir sentenças que ela nunca ouvira antes, uma vez que deveria ser necessário em tal modelo um condicionamento comportamental para que ela pudesse produzir uma sentença.

Além do mais, de acordo com Hornstein & Lightfoot (1981, p. 9, tradução nossa),

a linguagem que a criança escuta não consiste uniformemente de sentenças gramaticais completas, mas também de enunciados com pausas, lapsos de língua, pensamentos incompletos, etc [além de que] os dados disponíveis são finitos, mas a criança torna-se capaz de lidar com uma variedade infinita de novas sentenças, indo muito além dos enunciados efetivamente ouvidos durante a infância.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> No original: “*The speech the child hears does not consist uniformly of complete grammatical sentences, but also of utterances with pauses, slips of the tongue, incomplete thoughts, etc [besides that] the available data are finite but the child comes to be able to deal with an infinite range of novel sentences, going far beyond the utterances actually heard during childhood.*”

Assim sendo, os dados linguísticos a que a criança é exposta são “pobres” para justificar como ela domina com maestria e eficiência um sistema tão complexo, como o é uma língua natural, em um período relativamente muito curto (se considerarmos que, de acordo com Ferrari-Neto & Silva (2012, p. 21), “uma criança leva, em média, cerca de dois anos e meio para ter um bom domínio de sua língua materna”). Esse argumento de Chomsky ficou conhecido como *argumento da pobreza do estímulo*, que também é apresentado na literatura como uma vertente do *problema de Platão* no domínio da linguagem.<sup>2</sup>

Uma outra crítica de Chomsky à visão behaviorista da linguagem é: sendo a criança uma “tábula rasa” a ser preenchida por meio da experiência a que é socialmente exposta, como é possível que, exposta a dados “pobres” e fragmentados, ela adquira uma determinada gramática em sua totalidade? Destarte, para Chomsky, esse problema, denominado “*Problema Lógico da Aquisição da Linguagem*, [...] surge a partir da constatação de que, sem algo para ‘guiar’ a criança, fica impossível garantir que ela alcance o resultado esperado” (FERRARI-NETO & SILVA, 2012, p. 23, grifos dos autores).

A partir dessas observações críticas, que denotam as fragilidades da concepção externalista da linguagem, Chomsky muda o foco de atenção da Linguística naquele momento para a concepção internalista da linguagem. Para uma explicação concisa do que consiste tal concepção, evoquemos uma comparação: a característica que parece diferenciar fundamentalmente os seres humanos de outros animais (ou mesmo das máquinas) é sua capacidade especializada de utilizar-se criativamente de signos para expressar pensamentos autônomos (cf. CHOMSKY, 1998). Portanto, pode-se assumir que “todos os membros da espécie humana compartilham uma certa estrutura cognitiva a que chamamos ‘*faculdade de linguagem*’. Podemos considerar essa estrutura como sendo o estado inicial da mente (com referência à linguagem), uma dotação humana comum.” (CHOMSKY, 1981, p. 34, grifo nosso, tradução nossa)<sup>3</sup>. A hipótese de uma *Faculdade de Linguagem*, isto é, de um dispositivo mental humano específico para a linguagem surge como uma explicação ao *argumento da pobreza do estímulo* e funda os pilares da Teoria Gerativa. Segundo Lobato (2003, p. 3, grifo nosso), “é em virtude [...] dessa *faculdade de linguagem* [...] que todo membro da espécie humana é capaz de

---

<sup>2</sup> Na verdade, o *problema de Platão* é um problema mais amplo da epistemologia que consiste numa crítica ao modelo empirista sobre a origem do conhecimento. Segundo o filósofo grego, a experiência sensível não pode ser a única fonte para nosso conhecimento, pois não encontramos nela toda a informação necessária para a obtenção de nosso conhecimento. O *argumento da pobreza do estímulo* é uma de suas facetas no âmbito da linguagem.

<sup>3</sup> *All members of the human species share a certain cognitive structure that we call “the language faculty”. This structure we may consider to be the initial state of the mind (with reference to language), a common human endowment.*

adquirir uma língua, sem qualquer ensino, bastando para tanto a experiência do contato com a língua nos primeiros anos de vida”.

O foco na visão internalista da linguagem é, portanto, o olhar para a capacidade de linguagem humana como uma dotação genética, cerebral, mental, visando à explicação de como se desenvolve o processo de aquisição de uma determinada língua. De acordo com Ferrari-Neto & Silva (2012), esse é um dos objetivos mais salientes do gerativismo. Dado tal objetivo, as etapas “inicial” e “final” desse processo devem ser, então, satisfatoriamente explicadas. Em outras palavras, cabe ao gerativista estudar a *competência* linguística, isto é, o construto mental, individual, que corresponde à gramática internalizada (e, conseqüentemente, a todo o repertório linguístico possível) de uma determinada língua pelo indivíduo, bem como o *estado mental compartilhado* por todos os seres humanos como espécie: a GU (Gramática Universal, estado inicial da Faculdade de Linguagem).

O modelo teórico da GU é construído, a partir de 1981, dentro do modelo de Princípios e Parâmetros (P&P), como veremos na seção seguinte. Por ora, basta-nos ter em mente que “a GU é interpretada, portanto, como uma propriedade do cérebro humano. Essa propriedade é a concretização biológica de nossa faculdade de linguagem[...]. Ela é a maneira pela qual a disposição para a linguagem deve estar codificada no genoma [humano].” (Kenedy, 2013, p. 94).

A Teoria Gerativa, ao construir o modelo da GU, tenta explicar satisfatoriamente a capacidade humana de aquisição da linguagem a partir de *input* restrito e deduzir, a partir da análise dos dados das línguas particulares, os princípios universais que subjazem às línguas, codificados biologicamente no *sistema computacional* humano. Para Chomsky (1995, p. 18), “uma teoria da GU é verdadeira se (ou à medida que) ela descreve corretamente o estado inicial da Faculdade de Linguagem. Nesse caso, ela proverá uma gramática adequada descritivamente para cada língua alcançável[...], [atingindo] a condição de *adequação explicativa*” (grifo do autor; tradução nossa)<sup>4</sup>.

### 1.3 O modelo de Princípios & Parâmetros (P&P)

A GU é o estado inicial da *Faculdade de Linguagem*. Como dissemos, a GU representa a *capacidade* inata humana para o desenvolvimento de uma língua natural, podendo chegar a

---

<sup>4</sup> No original: “A theory of UG is true if (or to the extent that) it correctly describes the initial state of the language faculty. In that case it will provide a descriptively adequate grammar for each attainable language [...] [reaching] the condition of explanatory adequacy.”

fornecer uma explicação para o problema lógico de aquisição de linguagem (cf. CHOMSKY, 1998). É no modelo de P&P, a partir de 1981, que a GU ganha detalhamento teórico.

Como sabemos,

a dotação linguística inata, GU, não é suficiente para nos habilitar a falar uma língua. Se tudo de que nós precisássemos fosse a GU, então os seres humanos seriam capazes de falar qualquer língua onde quer que tivessem nascido e em quaisquer circunstâncias em que crescessem. [...] Exposição ao material linguístico é um ingrediente essencial no processo de aprendizagem da criança. A criança precisará da experiência linguística para começar a construir a gramática internalizada de sua língua e então alcançar o conhecimento de uma língua.<sup>5</sup> (HAEGEMAN, 1994, p. 13-15, tradução nossa).

Portanto, é a GU que vai “guiar” – nas palavras de Haegeman (1994) – o modo como o ser humano lidará com os dados linguísticos aos quais é exposto. Ora, se as línguas são aparentemente diferentes entre si e a GU é a mesma para todos os seres humanos, espera-se que a GU contenha as similaridades e as diferenças dos sistemas linguísticos – e que as diferenças entre eles sejam “variações de um mesmo tema” (CHOMSKY, 1998, p. 24). É dentro desse raciocínio que P&P surge. Assim, na concepção do modelo de P&P,

a Gramática Universal seria composta por dois tipos de informações. Uma, mais rígida, invariável, presente em todas as gramáticas possíveis das línguas humanas, e que regulam o funcionamento da gramática como um todo. [São os chamados *princípios*.] Outra, mais flexível, aberta, específica de cada língua humana em particular. A estas denominou-se *parâmetros*. (FERRARINETO & SILVA, 2012, p. 25, grifo dos autores).

Também pelo modelo de P&P, a aquisição de uma determinada língua se dá, portanto, em diferentes estágios, com a “formatação” – nas palavras de Mioto *et al.* (2007) – da Faculdade de Linguagem por meio da fixação dos valores dos parâmetros que estão codificados na GU, atingindo um estágio estável a que chamamos *Língua-I*<sup>6</sup>. A metáfora recorrente na literatura para ilustrar esse pensamento é pensar a GU como um painel de interruptores (os parâmetros) que vão sendo colocados em posições “ligado” ou “desligado” conforme o ambiente em que é

---

<sup>5</sup> No original: “The innate linguistic endowment UG is not sufficient to enable us to speak a language. If all that is needed was UG then human beings would be able to speak any language wherever they were born and in whatever circumstances they grew up. [...] Exposure to linguistic material is an essential ingredient in the child’s learning process. The child will need the linguistic experience to start constructing the internal grammar of his language and thus to attain the knowledge of a language.”

<sup>6</sup> A Língua-I (língua-interna) corresponde à gramática internalizada pelo falante. De acordo com Chomsky (2005, p. 64), “Língua-I [é] um termo para indicar que essa concepção de linguagem é interna, individual e intensional”.

desencadeada a experiência. Daí decorre que a variação entre as diversas línguas corresponde a sua variação paramétrica, contendo todas elas os mesmos universais (princípios).

O léxico, na concepção gerativista atual, tem importância fundamental na fixação dos valores dos parâmetros. Segundo Rodrigues & Augusto (2009, p. 136),

na visão minimalista [– versão mais recente do gerativismo chomskyano –] [...], o léxico comporta toda a informação paramétrica peculiar a uma dada língua e o sistema computacional é sensível a esse tipo de informação. Essa codificação paramétrica é possibilitada pela concepção de que os itens lexicais constituem conjuntos de traços que retratam tanto propriedades fonéticas e semânticas, como também propriedades gramaticais, representadas por traços formais.

A adoção do modelo de P&P tornou-se, a partir dessa concepção da GU, um programa de pesquisa muito profícuo e, até então, bem-sucedido, que se apresenta como a investigação dos universais das línguas naturais. “No âmbito desse programa de pesquisa, a tarefa principal é descobrir os princípios e parâmetros” (CHOMSKY, 1998, p. 26). Destarte, o modelo da GU na Teoria Gerativa, de acordo com Chomsky (1981), deve ser amplo o suficiente para abstrair das idiosincrasias das diferentes línguas naturais as regularidades da Faculdade de Linguagem, ou seja, seus universais.

#### **1.4 Do Programa Minimalista em P&P**

Com o desenvolvimento de P&P, na década de 1980, a Teoria Gerativa adquire, então, a difícil tarefa de explorar os universais linguísticos, bem como a organização da Faculdade de Linguagem. Segundo Chomsky (1998, p. 44), “a faculdade de linguagem se encaixa dentro da arquitetura mais ampla da mente/cérebro. Ela interage com outros sistemas, que impõem condições que a linguagem tem de satisfazer se ela é para ser utilizável de qualquer modo que seja.” O desempenho linguístico, isto é, a externalização da linguagem pelo indivíduo, é precedido de operações mentais, abstratas, demandadas de forma interna ao Sistema Computacional para, só então, cumprir seus diversos papéis e funções sociais, comunicativas, expressivas, dentre outras.

A linguagem, como descrita por Saussure, é um sistema de signos linguísticos, que, por sua vez, são constituídos pelo pareamento de som (ou sinais, no caso das línguas de sinais) e significado. A concepção saussureana é captada pela vertente gerativista, na qual as expressões linguísticas são constituídas de uma forma – representação fonética: sons/sinais ( $\pi$ ) – associada a um conteúdo – representação lógica: significado ou condição de verdade (no caso de uma

sentença) ( $\lambda$ ). Dessa forma, “as línguas naturais são um *sistema* capaz de produzir associações entre determinada *forma* e certo *conteúdo*. [...] O par ( $\pi$ ,  $\lambda$ ) corresponde à díade *som* e *significado*.” (KENEDY, 2013, p. 116, grifos do autor).

Nossa capacidade de produzir/compreender os signos linguísticos é parte de nossa capacidade cognitiva cerebral, embora distinta da Faculdade de Linguagem. De acordo com Ferrari-Neto & Silva (2012), os sistemas de produção/compreensão não fazem parte diretamente da linguagem, mas estão estreitamente relacionados a ela. Em outras palavras, os sistemas de produção/compreensão são acionados para que haja comunicação, embora não sejam internos à linguagem. A Faculdade de Linguagem possui sistemas de *interface* com os sistemas de produção/compreensão.

Assim, o som (ou sua contraparte gestual, no caso de uma língua de sinais) produzido no sistema *articulatório-perceptual* (A-P), ou *sensorio-motor*, que é conectado com o nível fonético de interface, *Forma Fonética* (PF), é associado a um significado, surgido como parte do sistema *conceptual-intensional* (C-I), o qual se conecta à gramática na interface *Forma Lógica* (LF). De acordo com Ferrari-Neto & Silva (2012), cabe à Faculdade de Linguagem associar o conteúdo produzido no sistema C-I a um conteúdo sonoro produzido em A-P, por meio de instruções geradas por ela a cada nível de interface, respectivamente.

Na “*Teoria da Regência e Ligação*”<sup>7</sup>, ou GB, os níveis de representação gramatical eram quatro: DS (Estrutura Profunda), SS (Estrutura Superficial), PF e LF.

A DS corresponde ao nível em que os primitivos lexicais são inseridos na estrutura sintática, transformando-se em objetos sintáticos, de acordo com o *Princípio de Projeção*, segundo o qual todo material lexical deve ser projetado na sintaxe. Nesse nível de representação, há a atribuição dos respectivos papéis- $\theta$  aos objetos sintáticos inseridos na estrutura. Segundo Hornstein *et al.* (2005), a DS também é o local de aplicação da *recursividade*, característica inerente às línguas humanas, e o “ponto de partida” para a derivação sintática.

A SS corresponde ao nível em que as línguas diferem sintaticamente entre si, após ocorrência dos movimentos manifestos na derivação motivados por alguma necessidade interna ao sistema. “Pode ser funcionalmente caracterizada como o ponto no qual a derivação se cinde,

---

<sup>7</sup> Tradução adotada para a expressão *Government and Binding Theory*, que compreende um conjunto de módulos da gramática gerativa desenvolvidos sob a arquitetura de *Princípios e Parâmetros* (CHOMSKY, 1981 a 1986), como, por exemplo, a Teoria de Ligação. Frequentemente, é utilizada como sinônimo ou alcunha para o modelo de Princípios e Parâmetros, talvez pelo seu nítido sucesso explicativo dentro de P&P.

enviando uma cópia a PF para interpretação fonética e uma cópia a LF para interpretação semântica”<sup>8</sup> (HORNSTEIN *et al.*, 2005, p. 21, tradução nossa).

Forma Fonética, PF, e Forma Lógica, LF, são, como já dissemos, níveis de interface, que interpretam/decodificam as instruções/expressões produzidas pela Faculdade de Linguagem, convertendo-as em instruções a serem enviadas para o processamento nos sistemas de desempenho.

Com o sucesso da abordagem de P&P e, conseqüentemente, com o aumento potencial da capacidade explicativa dos fatos linguísticos à luz das pesquisas feitas no modelo GB, todo o ferramental teórico criado no âmbito da Teoria Gerativa foi levado a escrutínio. Especulava-se que o modelo poderia ser otimizado, potencializando seu alcance descritivo e explicativo, levando-se em consideração “a ideia de que a Faculdade da Linguagem tem um *design* ótimo” (FERRARI-NETO & SILVA, 2012, p. 32) – o que significa dizer que a Faculdade de Linguagem atinge a perfeição em eficiência com um “mínimo” possível de operações. Assim, surge o *Programa Minimalista*, com a intenção de descrever a Faculdade de Linguagem com um ferramental também ótimo, ou seja, sem mais recursos, operações, princípios e parâmetros que o necessário, entendendo-se por “necessário” aquilo que é mais econômico, atendendo estritamente às condições impostas pelas interfaces. De acordo com Haegeman (1994, p. 616, tradução nossa), “o Programa Minimalista é guiado por economia. O *link* entre PF e LF tem de ser estabelecido tão economicamente quanto possível.”<sup>9</sup>

Chomsky, na busca minimalista pelos níveis estritamente essenciais à teoria, indaga se há outros níveis além daqueles *virtual e conceptualmente necessários* (como PF e LF): “Existem níveis ‘internos’ à linguagem, em particular os níveis de estrutura profunda e de superfície [...]? O programa minimalista procura mostrar que tudo o que foi explicado até agora em termos desses níveis foi mal descrito” (CHOMSKY, 1998, p. 47). Portanto, no *Programa Minimalista*, dispensam-se os níveis DS e SS, por serem construtos internos à teoria sem motivação empírica para existir, já que os mesmos fenômenos caros a esses níveis (como recursividade, Teoria- $\theta$ , Teoria do Caso, Teoria da Ligação etc.) podem ser explicados da mesma forma com as operações da Faculdade de Linguagem. Minimamente,

a arquitetura do modelo minimalista de língua [...] engloba um léxico, composto de traços fonológicos, semânticos e formais/gramaticais e um sistema computacional, responsável pela derivação das sentenças da língua.

<sup>8</sup> No original: “[It] can be functionally characterized as the point in which the derivation splits, sending off one copy to PF for phonetic interpretation and one copy to LF for semantic interpretation.”

<sup>9</sup> No original: “The Minimalist Program is economy-driven. The link between PF and LF has to be established as economically as possible.”

Os traços formais são relevantes para a atuação do sistema computacional, cujas operações são, por eles, acionadas. Uma derivação linguística parte de um arranjo de itens lexicais, os quais serão combinados entre si em estruturas hierárquicas. *Merge* é a operação que concatena itens lexicais, formando objetos sintáticos mais complexos. *Agree* é responsável pela eliminação de traços formais não interpretáveis, que são pareados a traços de mesma natureza, interpretáveis, em um domínio sintático. *Move* é acionado pela presença de traços específicos que demandam o deslocamento de um elemento, já presente na estrutura em derivação, para uma nova posição – sendo mais recentemente denominado *Merge Interno*. Uma vez exaurido o arranjo de itens lexicais e disparadas todas as operações relevantes, há o momento de *Spell-Out*, em que se enviam os traços fonológicos para o nível de interpretação PF [...], que faz interface com o sistema sensorio-motor, e os traços semânticos e os formais interpretáveis para o nível de representação LF [...], interface com os sistemas conceituais-intensionais. (FERRARI-NETO & SILVA, 2012, p. 274, grifos dos autores).

Como dito acima, o léxico, na visão minimalista, é constituído por um conjunto de *traços* especificados (interpretáveis ou não pelas interfaces) sobre os quais opera o Sistema Computacional. Sabemos que a Faculdade de Linguagem tem como objetivo gerar instruções inteligíveis nas interfaces (PF e LF) para os sistemas de *desempenho* (A-P e C-I), e isso significa dizer que as estruturas remetidas aos níveis de interface devem ser totalmente legíveis por eles, atendendo, desse modo, ao chamado *Princípio de Interpretação Plena* (ou FI)<sup>10</sup>. Como resultado das operações sintáticas, a sentença converge se, até *Spell-Out*, todos os traços não interpretáveis nos níveis de interface forem eliminados através de *checagem* (ou *valoração*), atendendo a FI (cf. CHOMSKY, 1995). Do contrário, a derivação “fracassa”<sup>11</sup>.

As computações sintáticas no Programa Minimalista são sempre guiadas por princípios de economia, como dissemos. Nessa condição, o movimento deve ocorrer somente quando extremamente necessário – sendo encarado como um “último recurso”<sup>12</sup> (cf. CHOMSKY, 1995; HAEGEMAN, 1994; HORNSTEIN *et al.*, 2005). Em outras palavras, o movimento só é lícito quando há necessidade de se checar algum traço.

De acordo com Haegeman (1994, p. 617, tradução nossa),

no Programa Minimalista, a distinção entre movimento sintático manifesto e movimento encoberto é mantida. [...] Movimento que ocorre antes do momento de spell-out [...] é manifesto; movimento que ocorre depois de spell-out, i. e., em LF, [...] é não-manifesto. [...] Chomsky propõe que o movimento manifesto é uma operação mais cara que o movimento encoberto.<sup>13</sup>

<sup>10</sup> Do inglês *Full Interpretation Principle* – FI.

<sup>11</sup> Essa palavra tem sido usada na literatura como tradução ao termo *to crash*, do inglês.

<sup>12</sup> Do inglês *Last Resort*, uma das condições de economia.

<sup>13</sup> No original: “*In the Minimalist Program the distinction between overt syntactic movement and covert movement is maintained. [...] Movement which takes place before the spell-out point [...] is overt; movement which occurs*

Em consonância com o modelo arquitetônico da Faculdade de Linguagem, após *Spell-Out*, ocorre a cisão da derivação, enviada para os dois níveis de interface (o que capta a noção saussureana de arbitrariedade do signo); porém, movimentos sintáticos ainda podem ocorrer em LF para satisfazer as necessidades desse nível de interface, não sendo visíveis para PF. Podemos concluir, então, que os “traços ocorrem com dois sabores, *fraco* e *forte*. Traços fortes são fonologicamente indigeríveis e então devem ser checados antes de a gramática cindir [...]; traços fracos [...] precisam ser checados somente em LF.”<sup>14</sup> (HORNSTEIN *et al.*, 2005, p. 364, grifos dos autores, tradução nossa). Dessa constatação vemos que, como condição de economia (denominada *Procrastinar*), o movimento é adiado até o último instante possível, ocorrendo como último recurso para salvar a derivação do fracasso.

### 1.5 Conclusão do capítulo

O pequeno recorte histórico que traçamos em relação a dois estágios de P&P teve como objetivo principal revisitar os pressupostos fundamentais que norteiam o fazer científico do pesquisador de linguagem no âmbito da Teoria Gerativa.

Vimos que o Programa Minimalista configura-se como um programa científico dentro do modelo de Princípios e Parâmetros cuja base epistemológica é o *Princípio de Occam*, o qual requer que a elaboração teórica deva ser a mais econômica possível, já que se pressupõe que a arquitetura da Faculdade da Linguagem deve ter um *design* ótimo. Sob esta orientação teórico-metodológica, encaminhar-se-á nossa pesquisa.

No capítulo 2, serão apresentados (i) o problema que motivou esta pesquisa, (ii) as duas principais vertentes na literatura dos quantificadores flutuantes para a abordagem do problema, e (iii) análises de trabalhos na vertente, sob nosso ponto de vista, com maior potencial explicativo frente aos dados do PB e que fundamentarão a nossa análise, desenvolvida no capítulo 3.

---

*after spell-out, i.e. at LF, [...] is non-overt. [...] Chomsky proposes that overt movement is a more costly operation than covert movement.*”

<sup>14</sup> No original: “Features come in two flavors, weak and strong. Strong features are phonologically indigestible and so must be checked before the grammar splits [...]; weak features [...] need only be checked by LF.”

## CAPÍTULO 2

### SOBRE OS QUANTIFICADORES FLUTUANTES

#### 2.1 Introdução

Neste capítulo, revisar-se-á parte da literatura sobre os quantificadores flutuantes e sobre o fenômeno de *Q-float*, especificamente em relação a *todos/all*, partindo-se da hipótese clássica de Sportiche (1988). Propostas anteriores à de Sportiche (1988) sobre o fenômeno de *Q-float* serão apenas esporadicamente mencionadas.

Analisaremos duas propostas expressivas nas duas principais vertentes de análise para *Q-float* na literatura: o trabalho de Sportiche (1988), que representa parte da literatura alcunhada de “análise com movimento” ou *trace view*; e a vertente de análise adverbial para os quantificadores flutuantes ou *adverbial view*, por meio do trabalho de Bobaljik (1995). Optando pela primeira vertente de análise, a partir da proposta de Sportiche (1988), que evidencia que *Q-float* é uma mera “ilusão de ótica”, causada pelo movimento do DP, deixando Q, na verdade, encajado em uma posição mais baixa na estrutura, passaremos à revisão teórica de propostas de mesma orientação frente aos dados de outras línguas (SHLONSKY, 1991; BOŠKOVIĆ, 2004), passando gradativamente às propostas para o PB (VICENTE, 2006; SEDRINS, 2011; LACERDA, 2012). Analisaremos tais propostas com vistas ao fornecimento de evidências para assumir, nessa língua, o estatuto categorial de Q como o de núcleo funcional que seleciona um DP, para assumir a relação entre Q e DP como a de complementação, e para assumir que os dois formam um único constituinte sintático no início da derivação (podendo ou não se manter juntos no curso da derivação).

O capítulo se encontra organizado da seguinte forma: na seção 2.2, introduzimos o nosso problema de pesquisa ao constatar algumas ocorrências de *tudo* em PB pelo trabalho de Godoy (2005) (e consequente desenvolvimento em Cançado (2006)) e os motivos que nos levaram a tal empreitada, adiantando algumas hipóteses que assumiremos para a análise dos dados; nas seções 2.3 e 2.4, apresentar-se-ão as duas principais vertentes de análise dos quantificadores flutuantes na literatura: a *trace view*, por meio da análise com encaixe de Sportiche (1998), e a *adverbial view*, por meio da análise de Bobaljik (1995); na seção 2.5 (e respectivas subseções), optaremos, para os dados do PB, pelo espírito da vertente de análise de Sportiche (1988), analisando e extraindo conclusões de algumas propostas na literatura que seguem em essência tal vertente e analisam o estatuto categorial das expressões QP e seu arranjo interno. Na seção

2.6, apresentamos a análise de Sedrins (2011), que propõe que há relação de adjunção entre Q e DP em estruturas de ordem [DP Q], o que se coloca como uma contraproposta à análise que assumimos (de que a relação entre Q e o DP a ele associado é de complementação); em 2.7, conclui-se o capítulo.

## 2.2 Introdução ao problema de pesquisa

Há um fenômeno interessante no Português Brasileiro, em contexto de fala coloquial, com relação ao uso da palavra *tudo* (GODOY, 2005; CANÇADO, 2006; VICENTE, 2006; SEDRINS, 2011; LACERDA, 2012). Observa-se o uso inovador da palavra *tudo* em sentenças como (1), como contraponto ao uso “conservador” da mesma palavra em (2):

(1) Comi as maçã tudo (que havia no prato).

(2) Comi tudo (que havia no prato).

Sua ocorrência em (1) é interessante porque mostra um uso bastante produtivo dessa palavra em algumas variedades do PB, coexistindo com o uso de prestígio da mesma palavra, como em (2).

Seria possível, segundo Cançado (2006), parafrasear *tudo* em (2) pelo sintagma nominal pleno *todas as coisas*<sup>15</sup>, como em (4a), ao passo que a mesma paráfrase para *tudo* em (1) geraria a sentença agramatical (3a), o que mostra que, nessas ocorrências, *tudo* tem o valor de um DP pleno; por outro lado, seria possível parafrasear *tudo* em (1) pelo quantificador nu *todas* em (3b), enquanto isso não seria possível em (4b), o que mostra que *tudo* pode ter o valor de um “quantificador”. Visto que seguiremos a análise de Vicente & Quadros Gomes (2013), para quem o rótulo “quantificador” é inadequado para classificar o item *todo(a)(s)* (por motivos que serão elucidados no capítulo 3 desta pesquisa), classificaremos tal item como *modificador de grau*.

(3) a. \*Comi as maçã(s) todas as coisas.

b. Comi as maçãs todas.

(4) a. Comi todas as coisas.

---

<sup>15</sup> A autora relata que a paráfrase não é semanticamente perfeita pelo fato de *tudo* ser massivo, isto é, não dar visibilidade às partes que compõem sua restrição inerente de quantificação, ao passo que *todas as coisas* é contável. Porém, assegura a boa compatibilidade semântica da paráfrase.

b. \*Comi todas. (em contextos *out of the blue*)

Dado que, de acordo com Cançado (2006, p. 158), “toda operação de quantificação conta com a presença de um quantificador, uma restrição e um escopo nuclear”, o uso pronominal substantivo de *tudo*, assim como sua paráfrase, *todas as coisas*, seriam expressões bastante complexas, pois agrupariam inerentemente o “quantificador” e sua restrição de seleção. Por exemplo, em *todas as coisas*, *todas* é o modificador e *as coisas* é a restrição da operação semântica operada por ele. Já o uso mais peculiar de *tudo*, assim como sua paráfrase, *todas*, requer uma restrição, isto é, um DP complemento. Isso mostraria que, de fato, temos duas possibilidades de ocorrência de *tudo* em PB<sup>16</sup>.

A tradição gramatical normativa considera que *tudo* é uma forma neutra (isto é, invariável) de *todo*; este último, por sua vez, pode se flexionar em gênero e número. Porém, ela só reconhece como gramatical o uso de prestígio, não reconhecendo o uso coloquial que apontamos em (1). Por isso, assumir que *tudo* coloquial é uma forma neutra (que não expressa nenhum tipo de concordância), é uma conclusão que pode ser um tanto precipitada se forem observadas as possibilidades combinatórias dos dois itens.

Quadros Gomes (2004 apud GODOY, 2005; CANÇADO, 2006) apresenta, no português, três espécies diferentes de ocorrência de *todo*, de acordo com a restrição selecionada por ele: *todo* (Q) + *bare* NP, chamado pela autora de TN; Q + DP singular, chamado de TDPs; Q + DP plural, chamado de TDPp. De acordo com Godoy (2005), *tudo* se aproxima de TDPp por ter como restrição um DP plural, como se vê a partir da comparação de (5a) com (6a), ao passo que não pode tomar como sua restrição um DP singular, em (5b), enquanto TDPs em (6b) pode.

(5) a. Os menino tudo veio/vieram<sup>17</sup>.

b. \*O menino comeu a pizza tudo.

<sup>16</sup> Com isso eu não quis dizer que há dois *tudo* diferentes, e, sim, que *tudo* ocorre (i) como um operador semântico cuja restrição é inerente ao item ou (ii) como um operador semântico cuja restrição é o DP externo a ele, sobre o qual opera. Cançado (2006) argumenta que o uso coloquial de *tudo* é um fenômeno de variação no sistema de quantificadores do PB, de modo que as duas formas coexistem na língua em contextos diferentes.

<sup>17</sup> Cançado (2006) salienta a opcionalidade de, nesses dialetos, o verbo estar (ou não) flexionado em número. No *corpus* coletado por Godoy (2005), composto de cerca de setenta ocorrências de *tudo*, de acordo com a autora, os DPs modificados por *tudo* só apresentam flexão de número no determinante; o NP nunca aparece flexionado em número.

É interessante observar que, nesses dialetos, quando o verbo aparece flexionado na 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo, a pronúncia do morfema número-pessoal -ram torna-se algo próximo a -ru: “vieru”, “bateru”, “construíru” etc... As formas verbais flexionadas na 1ª pessoa do plural também alteram a pronúncia do morfema -mos para algo próximo a -mu: “viemu”, “batemu”, “construímu” etc...

(6) a. Os meninos todos vieram.

b. O menino comeu a pizza toda.

Apesar de *tudo* possuir essa semelhança com TDPP, há restrições sintáticas que impossibilitam o quantificador *tudo* de aparecer à esquerda do DP que modifica, encabeçando o sintagma nominal, o que não acontece com TDPP. Observemos os dados (1) e (5), repetidos abaixo como (7) e (8), respectivamente, nos quais há os dois itens em comparação:

(7) a. Comi (\*tudo) as maçã (tudo).

b. Comi (todas) as maçãs (todas).

(8) a. (\*Tudo) os menino (tudo) veio/vieram.

b. (Todos) os meninos (todos) vieram.

Cançado (2006) aponta que tal restrição pode estar relacionada à queda das marcações de plural em registros coloquiais do PB: quando há queda da flexão de número no DP, apenas o elemento mais à esquerda é que carrega a flexão morfológica de número, conforme ilustrado em (9), extraído de Cançado (2006).

(9) a. As menina branquela feliz

b. \*A meninas branquela feliz

c. \*A menina branquelas feliz

d. \*A menina branquela felices

De acordo com Cançado (2006), já que esse uso de *tudo* é coloquial e que *tudo* é um item invariável morfológicamente em gênero e número, espera-se que ele não possa encabeçar um DP, como (9) parece evidenciar.

Além da posição adjacente à direita do DP modificado, conforme observam Godoy (2005) e Cançado (2006), o quantificador *tudo* pode gramaticalmente aparecer em outras posições sintáticas, como mostra a sentença passiva em (10):

(10) Os documento (tudo) foi/foram (tudo) enviado (tudo).

Esse fenômeno, no qual esse item aparece deslocado para uma posição não adjacente à direita do DP que modifica, tem sido chamado pela literatura de *Q-float*, isto é, “flutuação do quantificador”, em virtude do fato de que, mesmo em uma posição distante à direita na sentença, um item dessa natureza tem escopo<sup>18</sup> sobre um DP que está mais alto na estrutura.

Godoy (2005) e Cançado (2006) descrevem as posições em que *tudo*, associado a um DP plural sujeito, pode flutuar, em sentenças com verbos de diferentes transitividades. As autoras constataam que *tudo* pode ocorrer entre o verbo e o objeto da sentença, como em (11), de modo marginal, mas que tal marginalidade se desfaz se o verbo é *ter*, como em (12).

(11) a. ?Os menino viram tudo o filme.

b. ?Os menino comeram tudo o bolo.

(12) a. Os menino tinham tudo carro importado.

b. Nós temos tudo cabelo loiro.

Para as autoras, a perfeita formação de (12) pode ter a ver com a hipótese de que o verbo *ter* é um verbo leve (VIOTTI, 2003 apud CANÇADO, 2006), porém, nenhuma das autoras fornece alguma argumentação a respeito, advertindo sobre o caráter descritivo de seus trabalhos. É preciso salientar, também, que a degradação das sentenças em (11) não é uma peculiaridade de *tudo* nessa posição sintática, pois o mesmo é observado por Quadros Gomes (2004) em relação a *todos*:

(13) Os bárbaros destruíram todos a cidade.

A autora afirma que a sentença em (13) só é boa com pronúncia muito enfática em *todos*. Isso porque, de acordo com Quadros Gomes (2004), quanto mais *todo* está em posição interna ao VP, mais fica difícil modificar o DP sujeito. Tanto é que, de acordo com a autora, é impossível que *todos* figure na última posição de uma sentença como (13), após o objeto direto.

(14) \*Os bárbaros destruíram a cidade todos.

---

<sup>18</sup> Sportiche (1988) argumenta que a relação entre Q e o DP tem de ser local, obedecendo a algumas propriedades anafóricas nas estruturas que envolvem *Q-float*. Dessa forma, dado que a relação semântica de escopo é tratada sintaticamente na Teoria Gerativa por relação de c-comando, Q, gerado como c-comandante de um NP, deve ser c-comandado por este NP movido para uma posição mais alta na estrutura.

Vicente (2006) e Lacerda (2012) também constataam a impossibilidade de *todos* ocorrer nessa posição em que se encontra em (14), sem material à direita (ver seção 2.5.4), assim como Godoy (2005) e Cançado (2006) mostram que o mesmo ocorre com *tudo* em sentenças transitivas, a menos que se tenha um adjunto após *tudo*.

- (15) a. \*Os menino viram o filme tudo.  
 b. \*Eles moram em BH tudo.  
 c. \*Os menino deram presente pra namorada tudo.  
 d. Os menino viram o filme tudo no sofá.  
 e. Eles moram em BH tudo com os pais.  
 f. Os menino deram presente pra namorada tudo sorrindo.

Seguindo a análise de Quadros Gomes (2004) em relação a TN (*todo* + nome nu), Godoy (2005) e Cançado (2006) afirmam que *tudo*, quando seleciona um nome nu, não pode flutuar (contrariamente à nossa visão, sobre a qual iremos nos debruçar no capítulo 3 deste trabalho (ver seção 3.4)). As autoras atentam para o fato curioso de *todo* estar fixo em posição adjacente ao nome nu, ao passo que *tudo* se encontra fixo, nesses casos, em posição pós-verbal.

- (16) a. Toda mulher é chorona. / \*Mulher é toda chorona.  
 b. Mulher é tudo chorona. / \*Tudo mulher é chorona.

Em relação às propriedades semânticas de *tudo*, as autoras o distinguem de *todos*, exibindo um teste de escopo relativo em relação às duas sentenças em (17):

- (17) a. Os menino todos comeram seis sandubas.  
 a'.  $\forall x \exists y ((x \text{ é menino } \& y \text{ é seis sandubas}) \rightarrow x \text{ comeu } y)$  (*leitura distributiva*)  
 a''.  $\exists y \forall x ((x \text{ é menino } \& y \text{ é seis sandubas}) \rightarrow x \text{ comeu } y)$  (*leitura coletiva*)  
 b. Os menino tudo comeu/comeram seis sanduba.  
 b'.  $\exists y \forall x ((x \text{ é menino } \& y \text{ é seis sandubas}) \rightarrow x \text{ comeu } y)$  (*leitura coletiva*)

A sentença em (17a), nas visões de Godoy (2005) e Cançado (2006), é ambígua, podendo ter leitura distributiva (em que cada menino comeu seis sanduíches) ou coletiva (em que os menino compartilharam entre si seis sanduíches), como mostram as duas possibilidades de escopo dos quantificadores universal e existencial na forma lógica da sentença, representadas

em (17a') e (17a''), ao passo que a sentença em (17b) gera leitura preferencialmente coletiva. De acordo com Cançado (2006, p. 179, grifos da autora), “enquanto *todo* pode tanto *distribuir* quanto *agrupar* os elementos denotados por sua restrição, *tudo*<sub>Q</sub> parece ter sempre a mesma função lógica de *agrupar* os átomos denotados pela restrição.” A nosso ver, o teste de escopo relativo não seria definitivo para mostrar diferenças nas propriedades dos dois itens, visto que (17b), em um contexto específico, poderia gerar leitura distributiva. Ademais, conforme assumiremos no capítulo 3, a função de *tudo* é sempre a de maximalizar (BRISSON, 1998; QUADROS GOMES, 2009; LIMA, 2013; VICENTE & QUADROS GOMES, 2013; VICENTE, QUADROS GOMES & LUNGUINHO, 2016), e não a de gerar leitura coletiva ou distributiva (ver seção 3.2).

A partir da observação de que *Q-float* pode ocorrer com *tudo* em relação ao DP que modifica, ou seja, segundo estamos assumindo, que há movimento sintático manifesto do DP para uma posição mais alta que Q, e que *tudo* geralmente seleciona um DP sintaticamente plural como sua restrição<sup>19</sup>, tornou-se nosso objetivo analisar o fenômeno, buscando encontrar respostas que possam ser úteis para o desenvolvimento do conhecimento e da literatura a respeito do tema. Nossa pesquisa justifica-se, num primeiro momento, pela constatação de que, embora o uso quantificacional – e, também, intensificacional, como acreditamos (e que tentaremos provar no capítulo 3 deste trabalho) – de *tudo* seja bastante produtivo no PB, não há trabalhos formalistas relacionados especificamente a essa questão que alcancem um grau satisfatório de adequação explicativa<sup>20</sup>, sendo esta, portanto, uma pesquisa de certa forma original.

A presente pesquisa revisará parte da literatura que trata do fenômeno de *Q-float* nas línguas naturais a partir da proposta clássica com encalhe do quantificador (*Stranding Analysis*), elaborada por Sportiche (1988), a qual iremos adotar em essência para nossa análise. Pressupomos, com Sportiche (1988), que *tudo* e o DP formam um constituinte num primeiro momento da derivação, e que a aparente “flutuação” de *tudo* é, na verdade, resultado de movimento do DP para uma posição mais alta na estrutura; com Shlonsky (1991), pressupomos

---

<sup>19</sup> À exceção das estruturas com interpretação genérica em que *tudo* (a) modifica um nome nu (*bare noun*), como (i); ou (b) modifica, em sentenças episódicas, um DP sintaticamente singular que denota um conjunto de entidades, como em (ii).

(i) Homem é tudo igual.

(ii) O pessoal tudo chegou atrasado.

<sup>20</sup> Na verdade, há apenas um trabalho na área de semântica formal que trata especificamente de *tudo*: um artigo de Cançado (2006), adaptado da pesquisa de Godoy (2005). Outros autores também fazem menção ao fenômeno (VICENTE, 2006; SEDRINS, 2011; LACERDA, 2012 e em preparação), deixando aberta a questão para estudos subsequentes. Lacerda (2012) chega a mapear a estrutura DP+*tudo* no PB, mas o próprio autor reconhece sua explicação como uma abordagem que carece de motivações independentes.

que *tudo* é um núcleo que toma um DP como complemento, projetando um sintagma do tipo QP; verificaremos, também, as diversas análises sobre os quantificadores flutuantes no PB<sup>21</sup> e, então, iremos pressupor, a partir das recentes propostas de Vicente & Quadros Gomes (2013) e Vicente, Quadros Gomes & Lunguinho (2016), que *tudo*, na verdade, é um modificador de grau, isto é, um “ajustador de relações de predicação” (VICENTE & QUADROS GOMES, 2013, p. 130), que pode ter escopo tanto sobre relações de predicação sentenciais (sobre o evento e o argumento participante do evento) quanto sobre relações de predicação em que uma propriedade é aplicada a um argumento (sobre a propriedade e o argumento portador da propriedade).

### 2.3 Sportiche (1988): a análise com encalhe (*stranding analysis*)

Sportiche (1988), em seu artigo clássico sobre o fenômeno de *Q-float* no francês, propõe que um quantificador (flutuante ou não) seja gerado na base adjungido ao DP que é por ele modificado. Como se sabe, um quantificador flutuante é um quantificador que não se encontra adjacente à esquerda do DP que modifica (como em (18b)).

- (18) a. **Tous** les enfants ont vu ce film.  
todas as crianças têm visto esse filme  
'Todas as crianças viram esse filme.'
- b. Les enfants<sub>i</sub> ont **tous** t<sub>i</sub> vu ce film.  
as crianças têm todas visto esse filme.  
'As crianças viram todas esse filme.'

Para o autor, a flutuação do quantificador em (18b) é uma mera ilusão de ótica, estando o quantificador, na verdade, encajado na posição em que se encontra na sentença após o DP que ele modifica ter se deslocado dali por movimento para uma posição mais alta – diferentemente das propostas anteriores (cf. KAYNE, 1973; POSTAL, 1974; McCAWLEY, 1993), que propunham que, após uma transformação, Q se deslocava para a direita da sentença e era associado ao DP que modifica por uma regra interpretativa. Como corolário de sua proposta, a flutuação de Q evidencia que o DP argumento externo é gerado numa posição interna ao VP, onde recebe papel- $\theta$  e só então é alçado para SpecIP em busca de Caso (Koopman & Sportiche, 1991). Sportiche afirma que o quantificador (seja ele flutuante ou não) é gerado

---

<sup>21</sup> A esse respeito, ver os trabalhos de Cançado (2006); Vicente (2006); Quadros Gomes (2004, 2009); Sedrins (2011); Lacerda (2012 e em preparação); Lima (2013); Vicente & Quadros Gomes (2013); Vicente, Quadros Gomes & Lunguinho (2016).

adjungido à esquerda do DP. Assim, de acordo com Sportiche (1988, p. 427, tradução nossa), “é bastante claro que uma análise ótima de estruturas de Qs flutuantes é aquela na qual nada essencial precisa ser dito além de [que] Qs (flutuantes) podem aparecer na posição inicial do [D]P”<sup>22</sup>. A estrutura para uma sentença como (18b) seria, então:

(19) [IP [NP<sup>^</sup> Les enfants] [I<sup>r</sup> ont [V<sup>n</sup> [NP tous NP\*] [VP vu ce filme]]]]<sup>23</sup>.

De acordo com essa argumentação, as estruturas com quantificadores (flutuantes ou não) são idênticas em algum momento da derivação e, “como corolário dessa análise, toda posição em que um quantificador flutuante possa ser superficializado indica uma posição por onde o [D]P sujeito passa em seu caminho para Spec,IP” (LACERDA, 2012, p. 18). Q e o DP modificado são, então, sintática e semanticamente dependentes, havendo entre eles propriedades anafóricas<sup>24</sup>.

Ao tentar estender sua proposta para o inglês, Sportiche encontra sérios problemas, e o primeiro deles advém do rico sistema de auxiliares do inglês. Em uma sentença como (20), é possível que Q fique encajado em qualquer posição-<sup>^</sup>, mas também na posição-# – posição que não é lícita para o Q no francês. Assim, Sportiche argumenta que, no inglês, em tal posição pré-Infl, Q estaria adjacente a um DP\* (vazio), provavelmente em SpecIP, e o DP teria sido topicalizado.

(20) The carpets # will <sup>^</sup> have <sup>^</sup> been <sup>^</sup> being <sup>^</sup> dusted for two hours.

O caso mais problemático apontado por Sportiche, e que será encarado na literatura como o ponto fraco de sua análise, é justamente o fato de o quantificador não poder aparecer encajado em posição pós-verbal nas construções passivas e inacusativas, nas quais há maior evidência de que o DP foi gerado naquela posição.

(21) \*The children were seen all.  
as crianças foram vistas todas

(22) \*The children have arrived all.

<sup>22</sup> No original: “It is quite clear that an optimal analysis of floating Q structures is one in which nothing essential needs to be said beyond [that] (floating) Qs may appear in NP-initial position.”

<sup>23</sup> Na representação, o símbolo <sup>^</sup> indica que o NP foi alçado de sua posição de base; V<sup>n</sup> indica uma projeção de V, irmã de VP; e \* indica o vestígio do NP sujeito.

<sup>24</sup> De acordo com Sportiche (1988), a relação entre o Q flutuante e o vestígio do DP movido (NP\*) obedece a duas condições de antecedente-anáfora: (i) Q deve ser c-comandado pelo DP alçado para Spec,IP; (ii) a relação entre o DP alçado e Q deve ser local. Dessa forma, “se um quantificador não puder ocorrer em uma determinada posição, então é porque não há, adjacente a esta, uma posição de DP vazia” (VICENTE, 2006, p. 36).

as crianças têm chegado todas

Para Sportiche (1988), de acordo com a lógica de sua proposta, seríamos levados a concluir que não há vestígio de DP pós-verbal. A solução proposta pelo autor partiria do pressuposto de que “todo XP tem uma posição de especificador autorizada a conter um NP”<sup>25</sup> (SPORTICHE, 1988, p. 444, tradução nossa). Assim, o papel- $\theta$  de objeto nas passivas seria atribuído em SpecVP, e o mesmo se daria em relação ao papel- $\theta$  de objeto nas inacusativas. O movimento do DP, conseqüentemente, não envolveria vestígio pós-verbal, não autorizando um Q encajado naquela posição.

#### 2.4 Bobaljik (1995): análise adverbial dos quantificadores flutuantes

Em um dos capítulos de sua tese, Bobaljik (1995) se propõe a advogar contra a análise de Sportiche (1988) e/ou qualquer outra que proponha que quantificadores flutuantes marcam o vestígio do DP sobre o qual quantificam (para as quais o autor dá o nome de *trace view*). Para ele, Qs flutuantes se comportam como advérbios ou “*adverb-like creatures*” (BOBALJIK, 1995, p. 243) por ocorrerem em posições adverbiais, adjungidos à borda esquerda de projeções máximas (ou intermediárias) e serem associados a um DP por uma regra interpretativa (*adverb view*).

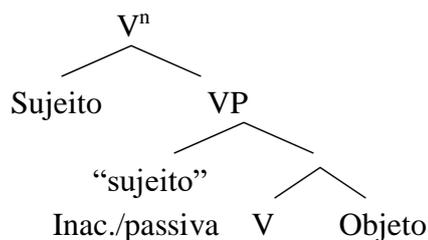
Para o autor, a análise de Sportiche (1988) é falha para o inglês por: (i) *all* não poder ocorrer em posições nas quais teríamos razões independentes para postular um vestígio de DP (como no caso das passivas e inacusativas); (ii) *all* poder ocorrer em outras posições além daquelas nas quais há vestígios de DP; (iii) *all* flutuado poder ser associado a outro DP com o qual ele não poderia ter formado um único constituinte em qualquer ponto da derivação.

Em relação à primeira asserção, Bobaljik (1995) cita os exemplos (21) e (22) aqui listados, argumentando que as posições cujos vestígios de objetos lógicos (argumentos internos) têm forte motivação para ali estar são exatamente aquelas onde os quantificadores não podem estar encajados. Além disso, o autor também explora a solução dada por Sportiche (1988), segundo a qual o DP das construções passivas ou acusativas seria gerado em SpecVP, onde receberia papel- $\theta$ , e a partir do qual se deslocaria para receber Caso nominativo, deixando seu vestígio, conforme ilustrado na estrutura abaixo:

(23) *Sportiche's VP*

---

<sup>25</sup> Every XP has a specifier position allowed to contain an NP.



Segundo Bobaljik (1995, p. 207, tradução nossa), “essa proposta, no entanto, também faz previsões erradas a respeito das posições nas quais quantificadores flutuantes podem aparecer”.<sup>26</sup> Em uma passiva simples como em (24), por exemplo, *all* pode ocorrer como quantificador encaixado entre o verbo *be* e a forma participial; porém, em uma sentença com um conjunto de auxiliares, *all* pode ocorrer como quantificador flutuante à esquerda de qualquer um dos auxiliares (como em (25)), mas não entre o verbo *be* e a forma participial, pois, nessa posição, ele forçaria a leitura completiva da sentença (como em (26)):

- (24) a. The dogs were *all* petted.  
os cães foram todos acariciados
- b. The children were *all* scolded.  
as crianças foram todas repreendidas

(25) *Onde all pode flutuar*

The dogs (all) should (all) have (all) been petted.  
os cães (todos) deveriam (todos) ter (todos) sido acariciados

(26) *Onde all não pode flutuar*

- a. #The dogs have been *all* petted.  
os cães têm sido todos acariciados
- b. #The children have been *all* scolded.  
as crianças têm sido todas repreendidas

Para o autor, uma vez que *all* completivo não é (e não pode ser) flutuante<sup>27</sup>, a solução proposta por Sportiche (1988) não daria conta da distribuição dos quantificadores flutuantes,

<sup>26</sup> No original: “*This proposal, however, also makes the wrong predictions about the positions in which floating quantifiers may appear.*”

<sup>27</sup> As sentenças com leitura completiva são aquelas em que o *all* (ou equivalente) “intensifica a predicação do adjetivo sobre seu argumento” (GOMES & VICENTE, 2013, p. 112), isto significa que *all*, nesses casos, funciona na verdade como intensificador. Bobaljik (1995) propõe que *all* completivo (intensificador) é gerado entre o verbo *be* e o predicativo e não pode flutuar:

- (i) *All* completivo:
- a. Sam will be *all* alone.
- b. The carpet has been *all* dusted.

pois a posição de SpecVP em (26) deveria permitir o encalhe do quantificador, o que não é o caso.

Sob sua *adverbial view*, isso também seria inesperado, pois se *all* é um advérbio, ele deveria ocorrer adjungido ao VP. Porém, Bobaljik (1995) argumenta que isso não é tão problemático para a sua análise quanto é para a *trace view*, pois os dados poderiam nos levar à conclusão de que um adjetivo ou um particípio passivo não é um predicado em si mesmo, mas somente quando combinado ao verbo *be*; dessa forma, somente a adjunção ao complexo XP [*be* + particípio] seria gramatical.

A segunda asserção crítica tecida por Bobaljik à proposta de Sportiche (1988) diz respeito à possibilidade de quantificadores flutuarem em posições onde não há vestígio de DP; segundo a hipótese adverbial dos quantificadores flutuantes, tais posições seriam lícitas desde que correspondessem a bordas esquerdas de predicados que fossem semanticamente associados com o DP modificado pelo quantificador, como nos dados apresentados abaixo pelo autor:

- (27) a. Larry, Darryl and Darryl came into the café \* all.  
 ‘Larry, Darryl e Darryl entraram no café todos.’
- b. Larry, Darryl and Darryl came into the café  $\checkmark$  all [<sub>PP</sub> at the same time.]  
 ‘Larry, Darryl e Darryl entraram no café todos ao mesmo tempo.’
- c. Larry, Darryl and Darryl came into the café  $\checkmark$  all [<sub>7P</sub> very tired.]  
 ‘Larry, Darryl e Darryl entraram no café todos muito cansados.’

Em (27), os dados são facilmente explicáveis sob a *adverbial view*; a agramaticalidade de (27a) se daria justamente pelo fato de não haver borda esquerda de uma projeção máxima à qual *all* pudesse se adjungir. O mesmo raciocínio pode ser estendido às passivas e inacusativas, mesmo aceitando-se a proposta de Sportiche de que nessas construções não haveria vestígio pós-verbal:

- (28) a. The magicians disappeared all [<sub>PP</sub> at the same time.]  
 ‘Os mágicos desapareceram todos ao mesmo tempo.’
- b. The votes were cast all [<sub>PP</sub> in alphabetical order.]  
 ‘Os votos foram registrados todos em ordem alfabética.’

---

(ii) *All* completivo não pode flutuar:  
 a. \*Sam will *all* be alone.  
 b. \*The carpet has *all* been dusted.

Por fim, em relação ao terceiro ponto de divergência para com a proposta de Sportiche (1988), Bobaljik (1995) tenta mostrar que o quantificador nem sempre quantifica sobre um DP com o qual ele teria formado um constituinte sintático em algum ponto da derivação. Em sentenças como (29a-b), por exemplo, o autor diz que a interpretação e as condições de verdade mudam significativamente em razão da “força quantificacional” de *all* sobre DPs coordenados:

- (29) a. *All* (the) students and professors came to the show.  
*todos* (os) estudantes e professores vieram para o espetáculo  
 \* quantifica sobre estudantes ou sobre estudantes e professores.
- b. Students, professors and clowns *all* came to the show.  
 estudantes, professores e palhaços *todos* vieram para o espetáculo

“Na teoria de vestígio [...] a força de *all* em (b) deveria ser a mesma que em (a), já que em ambos os casos ele é um quantificador quantificando sobre o DP sujeito.”<sup>28</sup> (BOBALJIK, 1995, p.226, tradução nossa). Porém, sendo (29a) e (29b) semanticamente<sup>29</sup> diferentes, a proposta de Bobaljik não demonstra necessidade de que *all* tenha a mesma interpretação se ele for adjungido a posições diferentes na mesma sentença.

Similarmente, o autor apresenta (30a-b), argumentando que *all* não poderia ter formado um único constituinte sintático com os nomes próprios pelo fato de não ser nada usual *all* nessa posição, como parte do DP sujeito:

- (30) a. ??*All* (of) Seth, Pilar and Diana have left in one car.  
 todas (de) Seth, Pilar e Diana têm partido em um carro  
 ‘Seth, Pilar e Diana partiram todas em um carro.’
- b. Seth, Pilar and Diana have (all) left in one car.

Segundo Bobaljik (1995), a pouca naturalidade da sentença (30a) seria problemática para a abordagem de Sportiche (1988), já que o DP com o qual o quantificador forma um constituinte não poderia acomodar perfeitamente o quantificador não flutuado, além de que a posição do quantificador influenciaria “contudentemente” o significado das duas sentenças.

<sup>28</sup> No original: “On the trace theory, [...] the force of *all* in (b) should be the same as in (a), since in both cases it is a quantifier quantifying over the subject DP.”

<sup>29</sup> Segundo Bobaljik (1995, p. 226), “it is certainly not the case that the (b) example has the same entailments or truth conditions as the (a) example. Rather, the preferred meaning for me is with existential quantification for the bare plural DPs: there were students who came to the show, and there were professors who did, and there were clowns who did.” Tradução livre: “certamente não é o caso que o exemplo (b) tenha os mesmos acarretamentos ou as mesmas condições de verdade do exemplo (a). Pelo contrário, o sentido preferido por mim é com quantificação existencial para os DPs plurais nus: havia estudantes que vieram ao espetáculo, e havia professores que vieram e havia palhaços que vieram.”

Acreditando ter fornecido evidências suficientes para derrubar empiricamente a proposta de Sportiche, Bobaljik (1995) explora, então, as consequências de sua proposta, apresentando uma regra interpretativa para os Qs flutuantes, segundo a qual eles só podem ser associados a um determinado DP se este atender a duas condições primordiais: estar em uma posição-A e preceder (ou c-comandar) o quantificador flutuante.

Como uma das evidências (além de outras), o autor traz um caso de topicalização, em que o movimento do DP ocorre para uma posição-A', não podendo se associar ao quantificador *all*:

(31) *Movimento-A' não licencia quantificadores flutuantes*

\*These professors, Taylor will have *all* met before the end of term.  
 esses professores, Taylor irá ter *todos* conhecido antes o fim do período.letivo  
 'Esses professores, Taylor terá conhecido todos antes do fim do período letivo.'

A condição de precedência (c-comando) do DP em relação ao quantificador flutuante que o modifica, segundo o autor, foi observada originalmente por Baltin (1978), que trouxe em seu estudo dados translinguísticos, dentre os quais destacamos os do espanhol em (32). Jaeggli (1982 apud BOBALJIK, 1995) atesta a condição de precedência também para o espanhol.

(32) *Quantificadores flutuantes devem ser precedidos por seu antecedente*

- a. *Todos* los estudiantes llegaron muy tarde.  
*todos* os estudantes chegaram muito tarde
- b. Los estudiantes llegaron *todos* muy tarde.  
 os estudantes chegaram *todos* muito tarde
- c. \*Llegaron *todos* muy tarde los estudiantes.  
 \*chegaram *todos* muito tarde os estudantes

Uma observação importante, feita por Bobaljik, é que essa condição deve valer apenas para a estrutura-S (ou nível equivalente), dada a possibilidade de, em espanhol, por exemplo, a sentença (24c) ser gramatical sem o quantificador, o que poderia sugerir o movimento encoberto obrigatório do DP sujeito para checagem de traço de Caso. De acordo com Bobaljik (1995, p. 248, tradução nossa), “o resultado dessas operações é que o NP sujeito c-comanda o quantificador flutuante em LF, mas a agramaticalidade [de (32c)] mostra que esse movimento

encoberto não é suficiente para estabelecer a relação requerida entre o quantificador flutuante e seu antecedente.”<sup>30</sup>

## 2.5 Optando pela análise com movimento

Esta seção configura-se como o recorte teórico que iremos minuciosamente analisar sobre o fenômeno de *Q-float*. Optaremos, para os dados do PB, pelo espírito da análise de Sportiche (1988), o que nos levará à focalização da literatura que segue, em essência, tal vertente. Nossa escolha justifica-se pela cobertura que as análises com movimento têm frente aos dados do PB, conforme veremos ao analisar as propostas de Vicente (2006), Sedrins (2011) e Lacerda (2012). Antes de partir para a análise da literatura do PB, vamos explorar as análises de (i) Bošković (2004), que pretende consertar as falhas na proposta de Sportiche (1988); e (ii) a análise de Shlonsky (1991), que apresenta o fenômeno de *Q-float* no hebraico, língua que apresenta muitas propriedades semelhantes ao PB em relação ao comportamento das estruturas em que figuram quantificadores flutuantes. Vamos assumir a proposta de Vicente (2006) para o PB, assim como a de Shlonsky (1991), para o hebraico, de que o quantificador é um núcleo que seleciona como complemento um DP.

Nas seções 2.3 e 2.4, procuramos mostrar duas das propostas mais significativas existentes na literatura sobre os quantificadores flutuantes: (i) a análise com enclive de Sportiche (1988), de acordo com a qual os quantificadores são gerados em uma posição adjacente à esquerda de um DP, que pode ser, então, movido no curso da derivação, deixando enclivado o quantificador ao qual está associado (semântica e sintaticamente); (ii) a análise adverbial dos quantificadores flutuantes, aqui representada por um de seus defensores<sup>31</sup>, Bobaljik (1995), segundo a qual os quantificadores flutuantes são gerados em adjunção à borda esquerda de VP (ou de alguma projeção máxima) e associados a algum DP por meio de uma regra interpretativa.

Embora essas análises tenham sido consideradas ferramentas importantes na investigação da estrutura da sentença (sendo fundamentais para confirmar a Hipótese do Sujeito Interno ao VP ou mesmo para evidenciar a Hipótese do IP cindido<sup>32</sup>), nenhuma delas consegue

<sup>30</sup> No original: “*The result of these operations is that the subject NP does c-command the floating quantifier at LF, but the ungrammaticality of [(24c)] shows that this covert movement is not sufficient to establish the required relation between the floating quantifier and its antecedent.*”

<sup>31</sup> Ver também Baltin (1995), Torrego (1996), Brisson (1998).

<sup>32</sup> Embora não haja, ainda, na literatura uma generalização capaz de explicar satisfatoriamente a distribuição dos quantificadores flutuantes nas diversas línguas, sua distribuição é utilizada frequentemente como teste de movimento. A análise de Sportiche (1988), segundo a qual o quantificador está sintaticamente relacionado à posição do DP, forneceu evidências para confirmar a hipótese de que a posição de base do DP argumento externo

se conformar perfeitamente aos dados do PB (e do próprio inglês, simultaneamente) (cf. VICENTE, 2006).

A análise adverbial dos quantificadores flutuantes parece, a nosso ver, ser mais restrita que a análise com encaixe, dado que ela não consegue prever dados do português como (33), no qual não há necessidade de nenhum predicado ao qual o quantificador possa se adjungir (dada a opcionalidade do PP entre parênteses), como já havia sido apontado em Vicente (2006). Além do mais, o quantificador compartilha traços de concordância com o DP por ele modificado, e uma regra interpretativa não seria suficiente para explicar tal fato.

(33) Os alunos chegaram todos (ao mesmo tempo).

A análise com encaixe de Sportiche possui um poder de cobertura muito mais amplo frente aos dados do PB que a análise adverbial, restando-nos fornecer possíveis explicações sobre as propriedades sintático-semânticas de *tudo* nas construções como as que serão investigadas neste trabalho (como em (34), por exemplo, adaptada ao uso de *tudo* a partir de um dado de Vicente, Quadros Gomes & Lunguinho (2016)), em que *tudo* pode ocorrer em diversas posições na sentença e gerar mais de uma leitura, a depender da posição que ocupa na sentença, além de não exprimir marca morfológica de concordância com o DP com o qual formaria um único constituinte sintático.

(34) Os menino (tudo) gritaram (tudo) animado.

Dessa forma, adotaremos o espírito da análise com movimento de Sportiche (1988), sendo necessário analisar mais a fundo a estrutura e o comportamento do sintagma nominal em sentenças com leitura quantificacional no Português Brasileiro, buscando compreender precisamente as características sintático-semânticas de *tudo*, tarefa a que nos dedicaremos nas próximas subseções, ao fazermos um balanço da literatura e suas contribuições para a análise que pretendemos construir.

---

se encontra no âmbito de VP (cf. KOOPMAN & SPORTICHE, 1991); assim como o teste de comparação distribucional de advérbios baixos, quantificadores flutuantes e negação no francês e no inglês contribuíram para a proposta de cisão do IP de Pollock (1989), evidenciando movimento manifesto do verbo finito no francês e permanência do verbo finito *in situ* no inglês (cf. BOBALJIK, 2001).

### 2.5.1 Bošković (2004): revisando a proposta de Sportiche (1988)

O objetivo de Bošković (2004), para quem a análise com encalhe de Sportiche (1988) é a mais profícua na literatura, é explicitado logo de início: resolver os maiores problemas encontrados na proposta desse autor para que ela seja plenamente aceita e explorar as consequências teóricas e empíricas da solução proposta.

Como vimos, os problemas da proposta de Sportiche (1988) são ilustrados pelos exemplos repetidos abaixo como (35) e (36), aos quais Bošković (2004) acrescenta (37):

(35) \*The students arrived all.

(36) \*The students were arrested all.

(37) \*Mary hates the students all.

A agramaticalidade das sentenças se deve ao fato de não ser possível o encalhe do quantificador na posição em que são originados os sujeitos das construções inacusativas e passivas – (35) e (36), respectivamente –, acrescentado o caso das sentenças com movimento manifesto do objeto (*object shift*), como (37). De acordo com Bošković (2004), se o inglês apresenta movimento manifesto do objeto, como proposto por uma gama de autores mencionados por ele, seria esperado que o encalhe de *all* na posição em que se encontra em (37) fosse lícito, pois o movimento do objeto para SpecAgrOP (ou, em termos mais recentes, para SpecvP, para onde os argumentos internos se deslocariam para checar traços de Caso na estrutura da sentença proposta por Chomsky (1995)), deveria permitir o encalhe do quantificador.

Bošković (2004) reformula tais problemas em termos de uma generalização descritiva mais ampla, evidenciada pelos dados translinguísticos que apresenta: “quantificadores não podem flutuar em posições- $\theta$ ”<sup>33</sup> (BOŠKOVIĆ, 2004, p. 685, tradução nossa). Para compreendermos a fundamentação de tal generalização, faz-se necessário observar parte dos dados explorados por Bošković.

---

<sup>33</sup> No original: *Quantifiers cannot be floated in  $\theta$ -positions*. Deve-se considerar “flutuar”, na proposta de Bošković (2004), como uma metáfora cujo significado é “encalhar”, pois sua análise é pautada nos termos da proposta de Sportiche (1988). Na verdade, o uso de “flutuação do quantificador” na literatura é um termo cristalizado que quase sempre quer dizer “encalhe do quantificador”, haja vista que “flutuação”, de acordo com as propostas pioneiras (cf. KAYNE, 1973; POSTAL, 1974; McCRAWLEY, 1993), envolvia movimento do quantificador à direita da estrutura arbórea.

Portanto, as duas terminologias – “flutuação” e “encalhe” – serão utilizadas, a partir desta etapa do trabalho, sem distinção, considerando que utilizamo-nos das propostas de análise com encalhe do quantificador.

Alguns dados selecionados de Bobaljik (1995) pelo autor (representados abaixo em (38)) evidenciam que *all* encachado pode preceder ou suceder advérbios sentenciais, “altos” (como *obviously*), mas tem de preceder advérbios de modo, “baixos” (como *completely*).

- (38) a. The students *all* *completely* understood.  
os estudantes todos completamente entenderam
- b. \*The students *completely* [<sub>VP</sub> *all* understood].
- c. The students *obviously* *all* understood.
- d. The students *all* *obviously* understood.

Vê-se que, se advérbios baixos encontram-se logo acima de VP quando precedem o verbo, a posição de SpecVP  $\theta$ -marcada não é lícita para o encaixe de *all*. Sportiche (1988 apud BOŠKOVIĆ, 2004) mostra que o mesmo se sustenta no francês<sup>34</sup>:

- (39) Les enfants ont *probablement intelligemment tous soigneusement* formulé  
as crianças têm provavelmente inteligentemente todas cuidadosamente formulado  
leur demande.  
seu pedido

Segundo Sportiche (1988), das 24 combinações matematicamente possíveis para os quatro elementos em itálico (juntos entre I e VP), esta é a única gramatical – com *tous* precedendo o advérbio de modo *soigneusement*. O padrão se sustenta no espanhol:

- (40) a. ?Los estudiantes entenderán todos completamente (ese problema).  
os estudantes entenderão todos completamente (esse problema)
- b. \*Los estudiantes entenderán completamente todos (ese problema).

No sueco, língua em que, segundo Bošković (2004), verbos auxiliares em sentenças encaixadas não se movimentam na sintaxe aberta, um quantificador encachado, quantificando sobre um sujeito, não pode ocorrer entre o verbo auxiliar e o particípio nas orações encaixadas (pois ficaria encachado em uma posição  $\theta$ -marcada para o sujeito (SpecVP)). Bošković (2004) extrai um exemplo de Holmberg (1999), citado abaixo:

- (41) Jag undrar *varför* studenterna inte (alla) har (\*alla) läst boken.

<sup>34</sup> Embora Bošković (2004) não tenha citado o dado trazido por Sportiche (1988) em (39), decidimos trazê-lo à baila a fim de proporcionar uma melhor visualização da afirmação do autor.

eu me.pergunto por.que os.estudantes não (todos) têm (\*todos) lido os.livros

Evidência semelhante é encontrada no inglês. Em (42), segundo Bošković (2004), visto que *being* não sofre movimento manifesto, *all* não pode sucedê-lo, já que ficaria enclachado em uma posição  $\theta$ -marcada para o sujeito<sup>35</sup>.

- (42) a. They are all being noisy.  
eles estão todos sendo barulhentos
- b. \*They are being all noisy.

Outra evidência dessa natureza, trazida pelo autor, e citada abaixo em (43), é encontrada no japonês. O dado em (43a) é agramatical porque o quantificador “3-*nin*”, de acordo com o autor, estaria em SpecVP, uma posição temática.

- (43) a. \*Gakusee-ga hanbaagaa-o 3-nin tabeta.  
estudantes-nom hambúrguer-acus 3-cl comeram
- b. Gakusee-ga 3-nin hanbaagaa-o tabeta.  
estudantes-nom 3-cl hambúrguer-acus comeram  
‘Os estudantes comeram três hambúrgueres.’

Mais um exemplo de Sportiche (1988), em (44), provê evidência adicional para o fato de que *Q-float* não é possível na posição temática SpecVP:

- (44) \*Les enfants ont vu tous ce film.  
as crianças têm visto todas esse filme

Em contraste, Belletti (1990 apud BOŠKOVIĆ, 2004) observa que o italiano permite construções semelhantes a (44), baseada em (45):

- (45) Gli invitati hanno salutato tutti Maria.  
os convidados têm cumprimentado todos Maria

De acordo com Bošković (2004, p. 688, tradução nossa), “isso não é inesperado, dado que os participios do italiano se movem [para uma posição] mais alta que os do francês, como mostrado por Belletti (1990) e Cinque (1999)”<sup>36</sup>. Para ele, deveria haver pelo menos uma

<sup>35</sup> O autor propositalmente descarta a possível leitura de completude de (42b), por não ter relação, segundo ele, com o fenômeno de *Q-float* em si. O autor não fornece detalhes a respeito dessa afirmação.

<sup>36</sup> No original: “This is not unexpected given that Italian participles move higher than French ones, as shown in Belletti (1990) and Cinque (1999).”

projeção máxima XP entre os participípios do italiano e do francês para capturar a diferença entre seus alcances (sua altura na estrutura arbórea). Logo, o dado em (45) satisfaz os propósitos do autor, uma vez que *tutti*, em (45), pode estar localizado na posição de especificador desse XP, em vez de estar numa posição  $\theta$ -marcada. O XP em questão deveria situar-se acima de AgrOP, dado o exemplo extraído de Cinque (1999) em (46):

- (46) I bambini le avranno [Y<sub>P</sub> sistemate [X<sub>P</sub> (**tutti**) [<sub>AgrOP</sub> tutte  
as crianças(masc) as(fem) terão preparado (todos(masc)) todas(fem)  
[<sub>VP</sub> (\*tutti) subito]]]].  
(\*todos(masc)) imediatamente

Bošković (2004) aproveita o dado em (46), em que o quantificador flutuante *tutti* é lícito após o verbo no participípio, comparado ao dado (47) abaixo, para tecer uma crítica à análise adverbial dos quantificadores flutuantes de Bobaljik (1995), que trata a distribuição de Qs flutuantes paralelamente a de advérbios sentenciais (especificamente, a de advérbios modais). Como mostra (47), “contrariamente a Q[uantificadores] F[lutuantes], advérbios sentenciais não podem seguir participípios no italiano.”<sup>37</sup> (BOŠKOVIĆ, 2004, p. 689, tradução nossa).

- (47) a. \*Lui ha sbagliato probabilmente.  
ele tem errado provavelmente

Por último, Bošković (2004) cita um dado do coreano, extraído de Baek (1998), que argumenta (“convincentemente”, segundo Bošković (2004, p. 689)) que a negação *an* localiza-se em SpecNegP e o núcleo Neg toma como complemento o VP onde o sujeito é gerado na base.

- (48) a. \*Haksayng-tul-i **an sey-myeng(-i)** ttena-ss-ta.  
estudante-pl-nom não três-cl.(-nom) sair-pass-dec

- b. Haksayng-tul-i **sey-myeng(-i) an** ttena-ss-ta.

Todos esses dados amplamente justificam a generalização de que quantificadores não podem estar enclachados em posições temáticas. Porém, Bošković (2004) afirma que sua generalização também é um “teorema” que pode ser deduzido a partir da interação de mecanismos independentes do fenômeno de *Q-float*, a saber: (i) Qs flutuantes são adjungidos

<sup>37</sup> No original: “(...) in contrast to F[loating] Q[uantifier]s, sentential adverbs cannot follow participles in Italian.”

ao NP (DP) que modificam (SPORTICHE, 1988; BENMAMOUN, 1999); (ii) não há adjunção a argumentos, já que esta interfere na atribuição de papéis- $\theta$  (CHOMSKY, 1986); (iii) adjuntos podem entrar aciclicamente na estrutura (LEBEAUX, 1988). É necessário pontuar, como o faz o autor, que (i) e (ii) são contraditórios, a menos que se leve (iii) em consideração.

Assumindo esses mecanismos, a proposta de derivação de uma sentença como “Os estudantes foram todos presos”, *The students were all arrested*, ocorreria como em (49):

- (49) a. [<sub>V</sub> arrested the students]  
 b. the students [<sub>V</sub> arrested *t*]  
 c. all the students [<sub>V</sub> arrested *t*]  
 d. The students were all *t* [<sub>V</sub> arrested *t*]

Tal proposta consiste na inserção tardia do adjunto *all* na estrutura, depois de o DP *the students* ter se deslocado de sua posição temática. Com esses mecanismos – que acarretam a generalização de que os quantificadores não podem estar enclachados em posição temática –, Bošković (2004) acredita ter resolvido o problema mais sério da proposta de Sportiche (1988).

Uma das consequências de sua proposta diz respeito à estrutura de IP sob a Hipótese de IP Cindido (*Split IP Hypothesis*). Segundo Bošković (2004, p. 693, tradução nossa), “segue, então, que nós precisamos de uma estrutura oracional mais articulada que aquela proposta em Chomsky (1995), que tem apenas TP sobre o VP em que o sujeito é  $\theta$ -marcado.”<sup>38</sup> Assim, na derivação da sentença “Os estudantes todos saíram”, *The students all left*, em (50), o DP,  $\theta$ -marcado em SpecVP, se alçaria a uma posição não temática, onde *all* a ele se adjungiria, e, depois, mover-se-ia para sua posição de superfície, deixando *all* enclachado (em posição não temática acima de VP):

- (50) The students<sub>i</sub> [all *t*<sub>i</sub>] [<sub>VP</sub> *t*<sub>i</sub> left].

Embora o autor proponha que seus dados sejam evidência para a necessidade de uma estrutura oracional mais rica, como bem observa Vicente (2006, p. 61), ele “opta por não rotular essas projeções adicionais.”

Também como consequência de sua análise, o autor tem o propósito de mostrar que há estruturas diferentes para sentenças com *Q-float* e suas contrapartes sem *Q-float*. Seu raciocínio

---

<sup>38</sup> No original: “It follows, then, that we need a more articulated clausal structure than the one proposed in Chomsky (1995), which has only TP above the VP where the subject is  $\theta$ -marked.”

é que considerar *Q-float* como algo opcional (para sentenças como (51), abaixo) acarreta problemas para uma abordagem minimalista. Logo, as sentenças em (51) teriam derivações diferentes:

(51) a. All the students were failed by Mary.  
 todos os estudantes foram reprovados pela Maria

b. The students were all failed by Mary.

O argumento de Bošković (2004) para a possível não opcionalidade de *Q-float* tem a ver com o efeito de congelamento de escopo de *Q-float*, isto é, a impossibilidade de reconstrução de escopo com quantificadores flutuantes. Consideremos os exemplos trazidos por Bošković (2004):

(52) a. The students don't all know French. not>all  
 os estudantes aux.não todos sabem francês

b. The students all don't know French. all>not

As possibilidades de escopo estão representadas nos exemplos: em (52a), a negação tem escopo sobre *all*, em (52b), ocorre exatamente o contrário.

Considerando-se *Q-float* como opcional, a derivação para (52b) ocorreria, pela análise de Bošković (2004), da seguinte forma: *all* se adjungiria ao DP *the students* abaixo da negação logo após este DP ter saído da posição em que é  $\theta$ -marcado; depois disso, ocorreria o *pied-piping*, isto é, toda a expressão QDP se moveria por sobre a negação, onde ocorreria, então, o *Q-float*, com o DP se movendo para sua posição de superfície, deixando *all* encalhado. O problema é que, uma vez que haveria uma cópia de *all* abaixo da negação, esta poderia ter escopo sobre o quantificador, o que, de fato, não acontece. Segundo Bošković (2004), em uma análise com a obrigatoriedade de *Q-float*, o problema não ocorre, pois o “*Q-float* deve ocorrer assim que *all* entra na estrutura”<sup>39</sup> (BOŠKOVIĆ, 2004, p. 697, tradução nossa). Em outras palavras, a obrigatoriedade de *Q-float* significa que não é permitido o *pied-piping* de um Q que será flutuado. Isso implica dizer que a posição de superfície de um quantificador encalhado é justamente a posição em que ele entrou na estrutura. Assim, considerando-se a obrigatoriedade de *Q-float* e suas implicações, Bošković (2004) propõe que a derivação de (52b) ocorra como (53):

<sup>39</sup> No original: “*Q-float must occur as soon as all enters the structure.*”

(53) [The students] [all [the students]] don't [the students] [VP [the students] know French.]

Dessa forma, em (53), o DP *the students* origina-se em sua posição temática e se move ciclicamente por sobre a negação; *all* entra aciclicamente na estrutura, adjungindo-se ao DP, que se move para sua posição de superfície, obrigatoriamente encalhando o quantificador. Não havendo cópia do quantificador abaixo da negação, ela não pode ter escopo sobre ele. É justamente a leitura que temos em (52b). O autor conclui, então, que o efeito de congelamento de escopo do quantificador é uma evidência para a obrigatoriedade de *Q-float*.

Se há a obrigatoriedade de *Q-float*, uma sentença como (51a), *All the students were failed by Mary*, obviamente possui uma estrutura diferente de (51b). Para Bošković (2004), pode-se explicar a suposta opcionalidade das sentenças em (51) com a noção da obrigatoriedade de *Q-float* se a estrutura das sentenças não flutuantes (como (51a), por exemplo) for tal que o *Q-float* é simplesmente impossível.

A argumentação do autor segue um raciocínio complexo que tentaremos simplificar nos seguintes termos: Bošković (2004, p. 698, tradução nossa) pressupõe a generalização de que “*pied-piping* supérfluo não é permitido”<sup>40</sup>, a partir da condição observada por Chomsky (1995)<sup>41</sup>, que prevê que, se F for um traço sob checagem, F carrega consigo apenas material suficiente para a convergência. Dessa forma, o autor propõe que a explicação para ausência de *Q-float* seja análoga à explicação utilizada para o *pied-piping* sob movimento *wh-* (como o da sentença em (54)).

(54) Whose book did Mary buy?

Segundo a condição observada por Chomsky (1995), o movimento de *whose* para a checagem do traço +Wh- de C é preferível ao movimento de *whose book*, seguindo o princípio da economia. Mas, como se observa, o movimento de *whose* sozinho incorre no fracasso da derivação. Logo, não havendo essa opção de movimento, o *pied-piping* da expressão *whose book* não pode ser considerado supérfluo, mas necessário à convergência da derivação. Levada às estruturas sem flutuação do quantificador, a explicação sugerida por Bošković (2004) é que o *pied-piping* do complexo QDP não pode deslocar apenas a subparte DP – assim como não é

<sup>40</sup> No original: “*Superfluous pied-piping is not allowed.*”

<sup>41</sup> O autor cita, também, uma outra versão dessa condição presente em Stateva (2002 apud BOŠKOVIĆ, 2004, p. 698, tradução nossa):

(i) *Pied-Pipe Menos Peso (Pied-Pipe Less Weight)*: em um dado estágio da derivação, um objeto sintático A não pode ser movido para K se há um objeto sintático B contido em A (isto é, se houver uma relação de subconjunto-superconjunto entre B e A) que possa ser movido para K.

possível, em (54), o deslocamento de *whose* sozinho. Por isso, deve haver diferentes estruturas para a sentença com flutuação e a sentença sem flutuação do quantificador. Bošković (2004) chega a afirmar que tal análise constitui a hipótese nula, cabendo o ônus da prova àquele que trata os dois tipos de construção (com e sem *Q-float*) da mesma maneira.

Embora, segundo o próprio autor, extrapole os objetivos de seu artigo determinar precisamente a estrutura das construções sem *Q-float*, ele aceita duas possibilidades para a derivação dessas construções. Em uma delas, não haveria adjunção de Q ao DP. Em uma sentença como (55), por exemplo, QDP seria gerado na posição temática interna ao VP e sofreria movimento cíclico até SpecIP.

(55) [All the students] [<sub>VP</sub> [all the students] know French].<sup>42</sup>

Pela outra possibilidade, o DP seria gerado sozinho em posição- $\theta$  e se deslocaria ciclicamente até SpecIP, sua posição de superfície, onde o Q se adjungiria a ele, como em (56).

(56) [All [the students]] [<sub>VP</sub> [the students] know French.]

Resumindo: “sob a análise corrente, então, em construções sem flutuação, estruturas com e sem adjunção são válidas, [...] enquanto, em construções com flutuação, somente a estrutura com adjunção é válida.”<sup>43</sup> (BOŠKOVIĆ, 2004, p. 701, tradução nossa). A aceitação das duas possibilidades para construções sem *Q-float* não é gratuita. Bošković (2004) fornece evidências empíricas de línguas como o alemão e o árabe, em que um padrão morfológico recorrente é encontrado no que tange à concordância entre Q e o DP a ele associado.

Nos exemplos do alemão, observa-se que o quantificador, em construções com *Q-float* (exemplos (57a) e (57c)), precisa estar flexionado em sua forma nominativa/acusativa, enquanto a flexão é opcional em estruturas sem *Q-float* (exemplos (57b) e (57d)).

(57) a. Diese Studenten haben alle/\*all protestiert.  
esses.nom alunos têm todos.nom/todos protestado

b. Gestern haben alle/all diese Studenten protestiert.  
ontem têm todos.nom/todos esses.nom alunos protestado.

c. Diese Bücher habe ich alle/\*all gelesen.

<sup>42</sup> Neste exemplo, bem como no exemplo seguinte, segundo Bošković (2004), devem-se ignorar os locais intermediários de pouso de QDP. O que interessa no exemplo é que Q é gerado junto ao DP em posição- $\theta$ , havendo o *pied-piping* até sua posição de superfície.

<sup>43</sup> *Under the current analysis, then, in non-floating constructions both the adjunction and non-adjunction structures are available [...], while in floating constructions only the adjunction structure is available.*

esses.acus livros tenho eu todos.acus/todos lido

d. Gestern habe ich alle/all diese Bücher gelesen.  
ontem tenho eu todos.acus/todos esses livros lido

De acordo com Benmamoun (1999), conforme explica Bošković (2004), assim como outros modificadores, FQs, sendo modificadores nominais adjungidos, têm de concordar em Caso com o DP/NP que modificam. “Para Benmamoun, concordância de Caso é um reflexo da estrutura da adjunção.”<sup>44</sup> (BOŠKOVIĆ, 2004, p. 702, tradução nossa). Bošković (2004), aceitando o padrão de concordância relacionado às estruturas com adjunção, compreende, então, que o padrão relacionado às estruturas sem adjunção é a não concordância (a opcionalidade de concordância, no caso das estruturas sem flutuação), o que evidentemente corrobora sua análise.

Os dados do árabe, extraídos de Benmamoun (1999), de acordo com Bošković, são a comprovação para uma análise que envolva duas estruturas distintas para construções com e sem *Q-float*.

(58) a. kull-u      ṭ-ṭullaab-i      žaaʔ-uu.  
         todos-nom os-estudantes-gen veio-3MP

b. ṭ-ṭullaab-u      kaan-uu      kull-u-hum      ya-drus-uun.  
         os-estudantes-nom estava-3MP todos-nom-eles 3-estudar-MP

De acordo com Benmamoun (1999), em estruturas não flutuantes, como (58a), Q toma o DP como seu complemento; já em estruturas flutuantes, como (58b), Q é adjungido à direita do DP em momento anterior ao seu encaixe. Em (58a), é interessante notar que o Q recebe Caso fora do complexo QNP e atribui Caso genitivo ao N; em (58b), o Q concorda em Caso com o N (o qual recebe Caso fora do complexo QNP) e carrega consigo um clítico de concordância.

Se o padrão da adjunção é algo necessário às estruturas com *Q-float*, e a adjunção tem como reflexo a expressão de concordância, um dado como (59), com um quantificador flutuado, tem sua agramaticalidade explicada pelo fato de não poder ocorrer *Q-float* sem adjunção de Q ao elemento nominal, isto é, sem concordância de Caso.

(59) \*ṭ-ṭullaab-i      kaan-uu      kull-u      ya-drus-uun.  
         os-estudantes-gen estar.pass-3MP todos-nom 3-estudar-MP

<sup>44</sup> No original: “For Benmamoun, case agreement is a reflex of the adjunction structure.”

Vale lembrar que, no árabe, segundo Benmamoun (1999), a adjunção se manifestaria pela concordância de Caso morfológico e com o quantificador carregando consigo um clítico de concordância (compare-se (58b) com (59)).

Por outro lado, se nos casos sem *Q-float* há opcionalidade, ambas as estruturas com e sem adjunção seriam lícitas. É o que mostram os dados sem flutuação em (60):

- (60) a. raʔay-tu ʔ-ʔullaab-a            kull-a-hum.  
           vi-1s    os-estudantes-acus todos-acus-eles
- b. raʔay-tu kull-a            ʔ-ʔullaab-i.  
           vi-1s    todos-acus os-estudantes-gen
- c. maʔa ʔ-ʔullaab-i            kull-i-him.  
           com os-estudantes-gen todos-gen-eles
- d. maʔa kull-i            ʔ-ʔullaab-i.  
           com todos-gen os-estudantes-gen

(60a) e (60c) mostram o padrão com adjunção do quantificador ao elemento nominal (lembrando que a adjunção do quantificador, no árabe, ocorre à direita do DP, de acordo com Benmamoun (1999)), enquanto (60b) e (60d) mostram o padrão sem adjunção do quantificador (Q é um núcleo que toma como complemento o N e a ele atribui Caso genitivo).

Esboçada a proposta do autor, podemos fazer, neste ponto, algumas considerações no que diz respeito ao alcance dessa proposta em relação ao problema de pesquisa. Segundo Vicente (2006), frente aos dados do PB, a argumentação de que o quantificador é adjungido ao DP, nessa proposta de Bošković (2004)<sup>45</sup>, não se sustenta. Recordemos que o autor aceita a argumentação em Benmamoun (1999) de que a concordância de Caso seria reflexo da estrutura com adjunção e que, sendo modificadores nominais adjungidos, os quantificadores flutuantes devem concordar em Caso assim como qualquer outro modificador (como um adjetivo, por exemplo). Para Vicente (2006), essa argumentação pode ser rechaçada no PB por dois motivos (além de outros, que serão explorados posteriormente na subseção 2.5.3): (i) não é possível adotar uma hipótese em que quantificadores e adjetivos sejam tratados como objetos sintáticos semelhantes, (ii) o padrão de concordância nominal no PB, de gênero e de número, em estruturas com quantificadores, mostra-se totalmente avesso se comparado ao padrão da concordância de Caso morfológico dos exemplos do alemão e do árabe em Benmamoun (1999) e Bošković (2004).

---

<sup>45</sup> Bem como na proposta de Sportiche (1988). Porém, conforme afirma Vicente (2006), a argumentação em Sportiche (1988) para justificar a relação de adjunção entre o Q e o DP é quase inexistente.

Em relação ao primeiro ponto de discordância à argumentação de Bošković (2004), Vicente (2006), analisando a proposta de tratamento igualitário para quantificadores e adjetivos em Herdan (2005 apud VICENTE, 2006) para os dados do romeno e comparando-a com os dados do PB, aceita que haja uma pequena “intersecção” no comportamento sintático de adjetivos e quantificadores. Porém, não aceita que eles sejam tratados num mesmo patamar. Um dos argumentos remete à variabilidade do significado frente à posição pré ou pós-nominal que o adjetivo ocupa.

(61) a. *bieții studenți*  
 pobres.os estudantes  
 ‘os pobres estudantes.’ (=dignos de pena)

b. *studenții bieți*  
 estudantes.os pobres  
 ‘os estudantes pobres.’ (\*dignos de pena)

Para a autora, essa variabilidade de significado acarretada pela posição ocupada pelo adjetivo, como os dados do romeno atestam em (61)<sup>46</sup>, não pode, de nenhuma forma, ser equiparada à invariabilidade do conteúdo semântico do quantificador nas diferentes línguas, independentemente da posição que ocupa, como mostra (62):

(62) a. A Maria odeia **todos os alunos**. (=100% dos alunos)

b. A Maria odeia **os alunos todos**. (=100% dos alunos)

Independentemente da posição ocupada pelo quantificador, seu sentido é sempre de maximalidade, isto é, sempre denota totalidade, exaustão, ainda que haja diferenças de escopo, que podem remeter a noções discursivas, informacionais (QUADROS GOMES, 2004).

Outros argumentos têm a ver com a distribuição dos quantificadores e adjetivos. De acordo com Vicente (2006), enquanto a sequência [Q Art N] é possível no PB, a sequência [Adj Art N] é banida, como mostra (63):

(63) a. todos os alunos

b. \*inteligentes os alunos

---

<sup>46</sup> Os dados do PB também atestam essa total mudança de significado do adjetivo frente à posição que ocupa. Ver, por exemplo, os dados em (i), extraídos de Vicente (2006, p. 91):

(i) a. pobres alunos (=alunos dignos de piedade)  
 b. alunos pobres (=desprovidos de bens materiais)

Ademais, somente a classe dos adjetivos licencia a presença de modificadores como “muito” e “demais”, enquanto a dos quantificadores, não.

(64) a. muito inteligentes

b. \*muito(s) todos

a'. inteligentes demais

b'. \*todos demais

Por último, se equiparado o tratamento dos quantificadores e adjetivos com relação à modificação de DPs lexicais, esse tratamento não pode ser estendido, pelo menos em português e em romeno, à modificação de DPs pronominais, pois estes não podem ser modificados por adjetivos:

(65) a. \*eles bonitos

b. eles todos

A segunda observação de Vicente (2006) em discordância com a argumentação de Bošković (2004) diz respeito à questão da concordância. Relembremos que este autor mostra, por meio de dados do alemão e do árabe, um padrão morfológico recorrente de concordância de Caso entre o quantificador e o DP por ele modificado: nas ocorrências de *Q-float*, é obrigatória a concordância de Caso entre o DP e o quantificador – o que provaria que há adjunção de Q ao DP, de acordo com a generalização, presente em Benmamoun (1999), de que a concordância de Caso reflete a estrutura com adjunção –, já nas estruturas sem *Q-float*, tal concordância seria opcional, ou seja, duas possibilidades estruturais seriam lícitas – se houvesse concordância, estaríamos diante de um caso de adjunção; se não houvesse, estaríamos diante de um caso de Q nuclear selecionando um DP.

Embora o PB não realize marcação de Caso morfológico<sup>47</sup>, segundo Vicente (2006), é possível fazer analogia entre o padrão da concordância de Caso nos dados das línguas citadas por Bošković (2004) e os fatos de concordância de gênero e de número disponível no PB. Como já dissemos, esse tipo de concordância no PB, em estruturas com quantificadores, mostra-se totalmente avesso ao padrão de concordância de Caso morfológico de línguas como o alemão e o árabe (rever os dados de (57) a (60)). O fato é que, no PB coloquial, o quantificador *tudo*,

<sup>47</sup> A autora salvaguarda, é claro, a presença de Casos residuais no PB.

forma não flexionada (concorrente de *todo* e até mais produtiva que este, segundo a análise de Pinto (1996)<sup>48</sup>) de *todos(as)*, só pode ocorrer, como vimos na seção introdutória ao problema de pesquisa deste capítulo (seção 2.2), posposto ao DP.

(66) *PB coloquial*

- a. Todos os menino
- b. Os menino tudo/todo
- c. \*Tudo/todo os menino

Considerando, por ora, a generalização de Benmamoun (1999), o PB fornecerá, então, evidências contrárias a essa linha de pensamento, ou seja, a relação entre Q e o DP a ele associado não é a de adjunção<sup>49</sup>. Logo, a proposta de Bošković (2004) de que estruturas com *Q-float* envolvam adjunção de Q ao DP talvez não se sustente para o PB, ao menos em relação à ordem [Q DP] (ver, a esse respeito, a seção 2.6, sobre a análise de Sedrins (2011)). A consequência dessa afirmação é tal que, segundo Vicente (2006, p. 109), “o quantificador não pode ser inserido aciclicamente, ou seja, adjungido tardiamente, em uma derivação. [...] ‘Todos’ não pode ser *adjungido* tardiamente, simplesmente por não se tratar de um adjunto no PB.” (grifo da autora).

A proposta de Vicente (2006) para o PB, assim como a de Shlonsky (1991) para o hebraico, é a de que o quantificador é um núcleo que seleciona como complemento um DP. Apresentaremos, na próxima seção, a análise de FQs em Shlonsky (1991) para o hebraico, a qual apresenta semelhanças com a análise de Vicente (2006) para o PB.

### 2.5.2 Shlonsky (1991): *Q é um núcleo funcional*

Analisando os dados do hebraico moderno, que parecem sustentar fortemente o *insight* fundamental da proposta de Sportiche (1988), isto é, de que *Q-float* consiste no movimento à esquerda de um NP (DP) sujeito a partir de uma posição interna ao VP, deixando para trás o

<sup>48</sup> Pinto (1996) observa, por meio de *corpus* de estudo sociolinguístico variacionista, que a forma “tudo” é mais produtiva que “todo” no PB coloquial.

<sup>49</sup> Tal raciocínio não é ponto pacífico. Conforme veremos na seção 2.6, Sedrins (2011) invoca justamente a generalização de Benmamoun (1999) em relação à concordância para afirmar que a ordem [DP Q] em PB é resultado de uma estrutura com adjunção (ao contrário da ordem [Q DP]), pois somente com essa ordem pode ocorrer concordância parcial do DP com Q, o que seria evidência de que Q não concorda, nessas estruturas, com o DP, mas com um *pro*, co-referente do DP, gerado como complemento de Q.

quantificador com ele originado, Shlonsky (1991) defende que o quantificador *kol*<sup>50</sup> (equivalente a *todo-all*) é um núcleo funcional que seleciona um DP complemento encabeçado por um determinante definido.

A hipótese de Shlonsky (1991) para a implementação da ideia presente em Sportiche (1988) é que o movimento à esquerda do DP por sobre o quantificador tem como primeiro local de pouso a posição de especificador do sintagma QP, do qual, obviamente, o Q é o núcleo, para só então mover-se para uma posição mais alta na estrutura. (67) representa genericamente tal hipótese:

(67) [NP]<sub>i</sub> ... [QP [e]<sub>i</sub> Q [e]<sub>i</sub>]

Sabendo-se que *e* é uma categoria vazia, isto é, um vestígio (*trace*), um dos objetivos decorrentes da hipótese em (67) é motivar a presença dessa categoria vazia à esquerda de Q para o hebraico; outro objetivo é mostrar que só é possível a extração de um sujeito para fora de QP em virtude de movimento *wh*- se o DP estiver em uma posição regida por um núcleo (*head-governed position*).

Shlonsky (1991) apresenta o fenômeno de *Q-float* no hebraico a partir dos dados em (68):

- (68) a. Katafti ?et kol ha-praxim bi-zhirut.  
colhi acus todas as-flores com-cuidado  
'Colhi todas as flores cuidadosamente.'
- b. Katafti ?et ha-praxim kul-am bi-zhirut.  
colhi acus as-flores todas-[3MPL] com-cuidado.  
'Colhi as flores todas cuidadosamente.'

Embora as sentenças sejam sinônimas, quando aparece à direita do DP quantificado, como em (68b), o quantificador carrega obrigatoriamente consigo um clítico que deve concordar em gênero, número e pessoa com tal DP, motivo pelo qual (69a) é agramatical. Assim, um quantificador nu, como em (68a), não pode aparecer à direita do DP quantificado (vide (69b)), bem como não pode hospedar um clítico quando o precede (vide (69c)).

- (69) a. \*Katafti ?et ha-praxim kul-o bi-zhirut.  
colhi acus as-flores todas-[3MS] com-cuidado.

---

<sup>50</sup> Shlonsky (1991) adverte que o artigo lida apenas com a leitura coletiva do quantificador *kol* ('*all*'), conquanto seja possível, segundo ele, encontrar as interpretações de '*every*' e '*each*', como em *Kol gever ohev xatul* ('*Todo(Every)/Cada homem ama um gato*').

- b. \*Katafti ?et ha-praxim kol bi-zhirut.  
colhi acus as-flores todas com-cuidado.
- c. \*Katafti ?et kul-am ha-praxim bi-zhirut.  
colhi acus todas-[3MPL] as-flores com-cuidado.

Shlonsky (1991) afirma que o fenômeno de *Q-float* no hebraico não se restringe aos objetos diretos, demonstrando, a partir dos dados (70-72) aqui representados, que tal fenômeno acontece com sujeitos, objetos de preposições subcategorizadas e adjuntos preposicionados:

(70) *Q-float em sujeito oracional*

- a. Kol ha-yeladim ?ohavim le-saxek.  
todas as-crianças gostam de-brincar
- b. Ha-yeladim kul-am ?ohavim le-saxek.  
as-crianças todas-[3MPL] gostam de-brincar  
'(Todas) as crianças (todas) gostam de brincar.'

(71) *Q-float em objeto de preposição subcategorizada*

- a. Dan himer ?al kol ha-kesef.  
Dan apostou em todo o-dinheiro
- b. Dan himer ?al ha-kesef kul-o.  
Dan apostou em o-dinheiro todo-[3MS]  
'Dan apostou (todo) o dinheiro (todo).'

(72) *Q-float em adjuntos preposicionados*

- a. Dan sixek ?im kol xatulei-ha-rexov.  
Dan brincou com todos gatos-a-rua.
- b. Dan sixek ?im xatulei-ha-rexov kul-am.  
Dan brincou com gatos-a-rua todos-[3MPL]  
'Dan brincou com (todos) os gatos de rua (todos).'

O primeiro passo de Shlonsky (1991) rumo à análise de *kol* diz respeito a sua natureza categorial. Para ele, esse quantificador é um elemento  $X^0$ , isto é, um núcleo, não um especificador (ABNEY, 1987) ou um adjunto (SPORTICHE, 1988).

Tal afirmação decorre simplesmente do fato de que, no hebraico, apenas núcleos podem hospedar pronomes clíticos, exceto adjetivos.<sup>51</sup> O autor mostra, por meio de dados, que clíticos podem aparecer produtivamente junto a verbos no infinitivo (mas apenas em contextos bastante

<sup>51</sup> As razões para isso, segundo Shlonsky (1991), são desconhecidas. O mesmo acontece no árabe, de acordo com o autor.

restritos junto a verbos flexionados), junto a substantivos, preposições e junto ao particípio negativo *ʔeyn* (considerado como um elemento Infl° (DORON, 1983 apud SHLONSKY, 1991)). Embora os complementizadores em hebraico padrão não possam hospedar clíticos, Shlonsky afirma que, no árabe padrão e em dialetos coloquiais, isso é possível (bem como é produtivo no árabe os verbos flexionados hospedarem clíticos, ao contrário do hebraico).

Assim, Shlonsky (1991) afirma que tal paralelismo no comportamento dos elementos nucleares lexicais e funcionais no que diz respeito à ocorrência com clíticos, suporta, por si só, a hipótese de que Qs são naturalmente núcleos. Assumindo que Q é um núcleo funcional que seleciona (ou subcategoriza) um DP encabeçado por um determinante definido, obtém-se a seguinte representação do constituinte sintático QP:

(73) [QP [Q' kol [DP ha-praxim]]]  
todas as-flores

A mesma análise se aplica às construções com flutuação do quantificador, que têm a mesma estrutura subjacente das construções sem flutuação, a partir das quais derivam por meio de transformações. Segundo Shlonsky (1991, p. 164, tradução nossa), “[devem-se] tomar as expressões com Q final como sendo derivadas daquelas com Q inicial por uma aplicação de *Move-α*, que põe o DP complemento de Q na posição de especificador de Q”<sup>52</sup>.

(74) [QP [DP ha-praxim]<sub>i</sub> [Q' kol t<sub>i</sub>]]<sup>53</sup>

Para o autor, construções com Q final (com flutuação) e/ou com Q inicial (sem flutuação) são, ambas, expressões de uma mesma categoria e de um mesmo nível na representação sintagmática, pois ambas podem aparecer nas mesmas posições. A validade dessa afirmação (e, conseqüentemente, da representação desse constituinte) pode ser atestada por testes de constituintes, como clivagem (75a-a’), pseudoclivagem (75b-b’), topicalização (75c-c’) e coordenação de constituintes (75d-d’), aplicados às construções sem *Q-float* (75a-d) e às construções com *Q-float* (75a’-d’):

(75) *Clivagem*

a. Ze hayu kol ha-yeladim še-zarku ʔavanim.  
isso foram todas as-crianças que-jogaram pedras

<sup>52</sup> No original: “Let us, then, take the *Q-final* expressions to be derived from the *Q-initial* ones by an application of *Move-α*, which preposes the DP complement of *Q* into the specifier position of *Q*.”

<sup>53</sup> O exemplo tem apenas o intuito de ilustrar o movimento de DP para SpecQP, motivo pelo qual o quantificador aparece sem o clítico de concordância (que, nessa situação, seria obrigatório).

- a'. Ze hayu ha-yeladim kul-am še-zarku ?avanim.  
 isso foram as-crianças todas-[3MPL] que-jogaram pedras  
 'Foram (todas) as crianças (todas) que jogaram pedras.'

*Pseudoclivagem*

- b. Mi-še zorek ?avanim ze kol ha-yeladim.  
 quem-que joga pedras isso todas as-crianças
- b'. Mi-še zorek ?avanim ze ha-yeladim kul-am.  
 quem-que joga pedras isso as-crianças todas-[3MPL]  
 'Quem joga pedras são (todas) as crianças (todas).'

*Topicalização*

- c. Kol ha-yeladim, ?ani batu?ax še-zorkim ?avanim.  
 todas as-crianças, eu convicto que-jogam pedras
- c'. Ha-yeladim kul-am, ?ani batu?ax še-zorkim ?avanim.  
 as-crianças todas-[3MPL], eu convicto que-jogam pedras  
 '(Todas) as crianças (todas), eu estou convicto de que jogam pedras.'

*Coordenação de constituintes*

- d. ??etmol zarku štei banot ve-kol ha-banim ?avanim ?al ha-mora.  
 ontem jogaram duas garotas e-todos os-garotos pedras em o-professor.
- d'. ??etmol zarku štei banot ve-ha-banim kul-am ?avanim ?al ha-mora.  
 ontem jogaram duas garotas e-os-garotos todos-[3MPL] pedras em o-professor.  
 'Ontem, duas garotas e (todos) os garotos (todos) jogaram pedras no professor.'

Por último, Shlonsky apresenta um dado de coordenação de dois constituintes quantificados, um flutuado e outro não, ambos precedidos do marcador acusativo *?et*<sup>54</sup>.

- (76) ?Ra?iti ?et kol ha-banot ve-?et ha-banim kul-am.  
 vi acus todas as-garotas e-acus os-garotos todos-[3MPL]  
 'Vi todas as garotas e os garotos todos.'

Atestado o estatuto categorial de QP e sua representação sintagmática, Shlonsky (1991) lida com a análise da concordância em QP e o licenciamento da categoria vazia (do vestígio) na posição de complemento de Q.

Para o autor, o movimento do DP da posição de complemento para a posição de especificador de QP deixa um vestígio que deve ser regido por seu antecedente (*antecedent-governed*). A regência do vestígio se dá via coindexação com o DP em SpecQP. Além disso, o vestígio deve ser também regido por Q (*head-governed*). Segundo Rizzi (1990), conforme

<sup>54</sup> As sentenças (75d-d') e (76) têm caráter marginal – como indica o ponto de interrogação. Shlonsky (1991) especula que tal marginalidade provavelmente é devida ao fato de que, nessas sentenças, as duas expressões quantificadas não apresentam o mesmo ordenamento linear, são “assimétricas”.

explica Shlonsky (1991), nem todos os núcleos são inerentemente regentes. No entanto, se carrega concordância, um núcleo deficiente pode se tornar um núcleo regente. Por analogia, Shlonsky (1991) afirma que o pronome clítico – que varia de acordo com o gênero, o número e a pessoa gramatical do DP – que obrigatoriamente aparece sobre o quantificador *kol*, quando o DP se desloca para SpecQP, é um marcador de concordância e sua função é transformar o núcleo Q, a princípio deficiente, em um núcleo regente para o vestígio na posição de complemento de Q.

A ausência obrigatória do clítico de concordância em estruturas sem *Q-float* – como a agramaticalidade de (69c) atesta –, por outro lado, pode ser explicada sob a generalização de que “concordância é uma relação que se mantém exclusivamente entre um núcleo e um especificador local e não entre um núcleo e seu complemento.”<sup>55</sup> (SHLONSKY, 1991, p. 165, tradução nossa).

Vimos dizendo até este ponto, para facilitar a exposição, que *Q-float*, na proposta de Shlonsky (1991), envolve movimento do DP para SpecQP. Porém, é necessário pontuar que, na verdade, tal configuração sintática é uma construção, digamos, “pré-flutuante”. Essa operação visa satisfazer o ECP (do inglês, *Empty Category Principle*, isto é, Princípio da Categoria Vazia) do vestígio por meio da noção de regência (*antecedent government* e *head government*), como vimos acima. *Q-float*, de fato, ocorre somente quando há deslocamento do DP para uma posição mais alta na estrutura, fora de QP, deixando o quantificador enclachado. Vejamos as etapas da derivação de sentenças com *Q-float* na proposta de Shlonsky (1991).

Segundo o autor, sua proposta se aproxima do sistema desenvolvido em Sportiche (1988). Recapitulemos que, de acordo com a análise deste último, o quantificador é gerado junto ao DP sujeito numa posição interna a uma projeção de V ( $V^n$ , a saber). Nessa posição de base, o DP sujeito recebe seu papel- $\theta$  e, então, é alçado para a posição de sujeito sentencial (SpecIP) a fim de receber Caso nominativo via concordância com o núcleo I. Para Shlonsky (1991), com vistas a adotar a essência da proposta de Sportiche (1988) para os dados do hebraico, deve-se assumir que os sujeitos, nessa língua, são gerados em SpecVP (não numa projeção irmã de VP, como na proposta de Sportiche (1988)), e que SpecVP, na representação sintagmática, é posposto a  $V'$ . Assim, numa derivação que envolva *Q-float*, DP é gerado na base em SpecVP, dentro do complexo QP, e sofre pelo menos dois movimentos, um para SpecQP, onde desencadeia concordância, e subsequentemente para SpecIP. A derivação é ilustrada em (77), sem alguns detalhes, por ora, irrelevantes:

---

<sup>55</sup> No original: “(...) *agreement is a relation which holds exclusively between a head and a local specifier and not between a head and its complement.*”

(77) [IP DP<sub>i</sub> [I' [VP [V'] [QP t<sub>i</sub> [Q' t<sub>i</sub>]]]]]

Segundo Shlonsky (1991, p. 170, tradução nossa), “o fenômeno de *Q-float* pode ser amplamente equiparado a um caso de extração a partir de um  $X^{\max}$ , em que  $X$  não é um núcleo regente próprio.”<sup>56</sup> Em outras palavras, a “extração” do DP de dentro da projeção máxima QP deve ocorrer somente se o DP for movido para SpecQP, posição em que desencadeará a concordância necessária para transformar Q em um núcleo regente, e, conseqüentemente, tornará lícito o vestígio na posição de complemento de Q. Após a extração, o vestígio em SpecQP também satisfaz o ECP da mesma forma que o vestígio na posição de complemento: é regido pelo antecedente/DP (*antecedent-governed*) na posição de sujeito sentencial (SpecIP, a saber) e regido pelo núcleo (*head-governed*) V alçado a I<sup>57</sup>.

O motivo por que Shlonsky (1991) afirma que SpecVP é posposto a V' (e não, anteposto, como amplamente assumido na literatura) tem a ver com o fato de ocorrer *Q-float* em posição final de sentenças transitivas no hebraico, como (78):

(78) Ha-saparim hiku    ?et ha-yeled kul-am.  
 os-barbeiros bateram acus o-garoto todos-[3MPL]  
 ‘Os barbeiros bateram todos no garoto.’

Parece-nos que a gramaticalidade de sentenças como (78) sugere a Shlonsky (1991) que os DPs seriam originados na base em posição posterior aos objetos, motivo pelo qual o autor propõe uma representação “espelhada” para o VP em hebraico<sup>58</sup>.

Ainda, a presença de advérbios “baixos”, como advérbios de modo – considerados como sendo adjungidos a VP no hebraico, segundo Shlonsky (1991) – entre material interno ao VP (o objeto, nesse caso) e o quantificador, incorre na agramaticalidade da sentença:

(79) \*Ha-saparim hiku    ?et ha-yeled *be-?axzariyut* kul-am.  
 os-barbeiros bateram acus o-garoto *com-crueldade* todos-[3MPL]

<sup>56</sup> [...] *the phenomenon of Q-float can be fully assimilated to a case of extraction from an  $X^{\max}$  where X is not a proper head-governor.*

<sup>57</sup> Assume-se que, no hebraico, o núcleo verbal seja manifestamente alçado a I (DORON, 1983; SHLONSKY, 1987 apud SHLONSKY, 1991).

<sup>58</sup> Deve-se lembrar que, à época do artigo de Shlonsky (1991), alguns teóricos ainda discutiam a questão da linearização da estrutura hierárquica de um constituinte sintático como um parâmetro (ver, a esse respeito, Roberts (1997)). Shlonsky (1991), então, para explicar a ocorrência de QP, que marca o vestígio de um DP, posposto a um objeto com Caso acusativo recebido *in situ*, afirma que o VP, no hebraico, possui parâmetro *Spec-final*, isto é, V' precede Spec. Utilizando-se da Hipótese de IP cindido (POLLOCK, 1989) e da noção de *Object Shift* (HOLMBERG, 1986), não seria necessário afirmar tal coisa, uma vez que o objeto, no exemplo (78), poderia ter se movido manifestamente para AgrOP (ou, em se tratando de uma visão minimalista, para SpecvP).

‘Os barbeiros bateram todos cruelmente no garoto.’

De acordo com Shlonsky (1991), se sujeitos fossem gerados na base como irmãos de VP e adjungidos a VP como na proposta de Sportiche (1988), esperaríamos a gramaticalidade da sentença em (79), o que não se verifica. Desse modo, a agramaticalidade de (79) é evidência a favor de que os DPs sujeitos são gerados internamente ao VP, em posição de SpecVP.

Embora não possa seguir advérbios baixos, o QP pode flutuar entre o verbo e o objeto ou entre o verbo e o adjunto adverbial.

- (80) Ha-banot hadfu kul-an (be-šadinut) ?et ha-kadur.  
 as-garotas rebateram todas-[3FPL] (com-gentileza) acus a-bola  
 ‘As garotas rebateram todas (gentilmente) a bola.’

O contraste nos testes com advérbios baixos (dados (79) e (80)) evidencia que, nessa última construção, o QP é alçado para fora de VP, e, somente a partir dessa posição exterior ao VP, ocorre o movimento do DP para SpecIP, deixando o Q encalhado.

Consequentemente, para captar o movimento do quantificador para fora de VP, deve haver mais estrutura entre I e VP. É o que sugere, então, Shlonsky (1991), fundamentando-se na, então recente, proposta de Pollock (1989). Porém, o autor, para não comprometer sua análise, prefere não rotular tal projeção adicional, alcunhando-a de F1 (que, de acordo com ele, poderia ser *Tense* (POLLOCK, 1989) ou *Agr* (CHOMSKY, 1989; BELLETTI, 1990)). A derivação de uma sentença como (80) ocorreria, simplificada, como em (81)<sup>59</sup>, seguindo a análise de Shlonsky (1991):

- (81) [<sub>IP</sub> [<sub>DP</sub> As garotas]<sub>i</sub> [<sub>I'</sub> rebateram<sub>v</sub> [<sub>F1P</sub> [<sub>QP</sub> **t<sub>i</sub>** todas]<sub>k</sub> [<sub>F1'</sub> t<sub>v</sub> [<sub>VP</sub> Adv [<sub>VP</sub> [<sub>V'</sub> t<sub>v</sub> [<sub>DP</sub> a bola]]  
**t<sub>k</sub>]]]]]]].**

O que é relevante na representação em (81) é que o quantificador se desloca de SpecVP para uma posição mais alta que VP, e essa posição é anterior a I, ou seja, há um sintagma F1 projetado sobre o VP, onde o quantificador fica encalhado quando o DP se desloca para sua posição de superfície.

Uma extensão da proposta de análise de Shlonsky (1991) para o fenômeno de *Q-float* no hebraico diz respeito ao movimento *wh-* do DP sujeito a partir de QP. Dado que a extração do DP quantificado para fora de QP, como vimos, só pode ocorrer se o DP em questão estiver

<sup>59</sup> Para facilitar a leitura, apresentou-se a tradução do dado.

em SpecQP, posição em que pode ser regido por um núcleo externo (o núcleo verbal em I), é possível afirmar que, em construções envolvendo *Q-float*, o movimento *wh-* de um DP que se encontre na posição de SpecQP é lícito, ao passo que o movimento *wh-* de um DP que se encontre na posição de sujeito sentencial não é, pois não há núcleo regente para o DP em SpecIP. Isso explica, segundo o autor, a agramaticalidade do dado em (82):

- (82) \*ʔeize kita **kul-a** ʔavra ʔet ha-mivxan?  
 qual classe toda-[3FS] passou acus o-exame  
 ‘Em qual classe todos passaram no exame?’
- (83) ʔeize kita ʔ**avra** ʔet ha-mivxan **kul-a**?  
 qual classe passou acus o-exame toda-[3FS]
- (84) ʔeize kita ʔ**avra kul-a** ʔet ha-mivxan?  
 qual classe passou toda-[3FS] acus o-exame

Em (82), uma vez que o QP se encontra flutuado na posição de SpecF1, o DP *kita*, provavelmente, antes do movimento *wh-*, encontrava-se em SpecIP, posição ilícita para extração por movimento *wh-*, já que não há núcleo regente para DP em tal posição. Logo, a ocorrência do movimento *wh-* fez com que a derivação fracassasse. Em (83), por outro lado, o QP encontra-se em VP, posição em que o DP, estando em SpecQP, pode ser regido pelo núcleo verbal *ʔavra* em I e, conseqüentemente, extraído via movimento *wh-* sem violar o ECP. O mesmo ocorre em (84), com a diferença de que o QP encontra-se em SpecF1.

Uma proposta como a de Shlonsky (1991), que trate de Qs como núcleos que selecionam DPs como complementos, parece ser bem atrativa. Principalmente, se levarmos em consideração que muitos dos fenômenos observados no hebraico são semelhantes aos fenômenos observados no PB. Portanto, acreditamos por hipótese que tal análise segue um caminho profícuo para a análise de *Q-float* em PB. Para que nossa hipótese se confirme (ou não), passemos à análise de alguns pontos da proposta de Vicente (2006) para a sintaxe de *todos* no DP do PB.

### 2.5.3 Vicente (2006): a relação entre Q e DP é a de complementação

Vicente (2006), ao comparar o comportamento do quantificador *todos* no DP do PB ao comportamento de *all* no inglês, chega à conclusão de que a estrutura [Q DP] no português envolve complementação, e não adjunção, como pressupõe a maioria da literatura analisada pela autora para os dados do inglês. Sua proposta para o PB, assim como a de Shlonsky (1991)

para o hebraico, é a de que o quantificador é um núcleo,  $Q^0$ , que toma um DP como seu complemento, e esse DP pode mover-se para SpecQP caso Q porte, na numeração, um traço-EPP não-interpretável, que precisa ser checado/valorado antes de *Spell-out*.

Ao aplicar testes de constituintes, como respostas a perguntas com extrações de sujeito e de objeto (85), coordenação (86) e deslocamento de constituinte à esquerda (87), a autora constata que as sequências QDP e DPQ são perfeitamente gramaticais no PB:

(85) a. *Perguntas e respostas com extração de sujeito*

A: Quem odeia a Maria?

B: (Todas) as mulheres (todas).

b. *Perguntas e respostas com extração de objeto*

A: Quem a Maria odeia?

B: (Todos) os alunos (todos).

(86) a. *Coordenação com DP lexical em posição de sujeito*

(Todos) os alunos (todos) e a Maria foram ao cinema.

b. *Coordenação com DP lexical em posição de objeto*

Ontem nós vimos (todos) os alunos (todos) e a Maria no cinema.

(87) *Deslocamento para a esquerda*

(?Todos) os alunos (??todos), eu vi.<sup>60</sup>

Observemos que os testes de coordenação e topicalização, em (86) e (87), respectivamente, também foram aplicados para o hebraico por Shlonsky (1991) e que os resultados obtidos nas duas línguas foram os mesmos. Observa-se que, não só estes, mas todos os testes aplicados para o hebraico por Shlonsky (1991) apresentam os mesmos resultados no PB:

(88) *Objeto de preposição*

Te falei de (todos) os dramas (todos) da minha vida pessoal.

(89) *Clivagem*

Foram (todas) as crianças (todas) que jogaram pedras.

(90) *Pseudoclivagem*

<sup>60</sup> Vicente (2006) diz que, embora marginais para a maioria dos seus informantes, para alguns deles, ambas as construções são completamente gramaticais. A meus ouvidos, ambas também soam perfeitamente gramaticais.

Segundo Aguiar (2007), um DP quantificado pode ser topicalizado quando possui uma estrutura complexa, com modificação interna. A topicalização do DP quantificado no exemplo em (87) é um pouco degradada, para alguns, pois um NP partitivo que modificaria a expressão quantificada estaria elidido, de acordo com Aguiar (2007). Com essa modificação explícita, a sentença torna-se perfeitamente gramatical:

I- Todos os alunos de sintaxe, eu vi.

II- Os alunos de sintaxe todos, eu vi.

Quem jogou pedras foram (todas) as crianças (todas).

(91) *Adjuntos preposicionados*

A Anne já pregou as etiquetas em (todos) os livros (todos).

Os dados são evidência a favor da hipótese de que Q e DP no PB formam um constituinte sintático. Dessa forma, analogamente a Shlonsky (1991), Vicente (2006) considera que a configuração DPQ é obtida por meio de movimento do elemento nominal associado ao quantificador, como ilustra (84a):

(92) [os alunos]<sub>i</sub> todos  $t_i$

A possibilidade de ocorrência de Q-inicial e de Q-final mostram que tal constituinte pode reorganizar-se internamente a seu domínio no que diz respeito a seu ordenamento linear. Em outras palavras, parece haver opcionalidade no ordenamento linear desse tipo de constituinte. Porém, segundo afirma Vicente (2006), no estágio atual da teoria, cuja primazia por princípios de economia – como vimos no capítulo 1 deste trabalho – é necessária, não deve haver operações opcionais. “Isso basicamente quer dizer que uma operação é obrigatória a partir do momento em haja a possibilidade de ela ocorrer.” (VICENTE, 2006, p. 96). Com isso, Vicente (2006) propõe que a configuração DPQ é resultante de movimento motivado pela checagem/valoração de um traço-EPP não-interpretável presente em Q.

Voltaremos à questão da motivação em Vicente (2006) para justificar a presença ou não de traço-EPP em Q tão logo façamos uma breve comparação entre as propostas de Shlonsky (1991) e Vicente (2006). A diferença na proposta dos dois autores diz respeito à motivação para o movimento de DP para SpecQP. Lembremos que, na proposta de Shlonsky (1991), calcada no estágio de P&P amplamente conhecido como GB<sup>61</sup>, o movimento do DP para SpecQP cumpre a função de estabelecer a concordância de gênero, número e pessoa com o quantificador, por meio da fixação de um clítico marcador de concordância em Q, a fim de transformar esse núcleo, naturalmente deficiente em sua capacidade de regência, em um núcleo apto a reger o vestígio de DP na posição de complemento de QP, para que o DP possa, então, ser alçado para fora de QP. Na proposta de Vicente (2006), fundamentada nos pressupostos do Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995 e trabalhos subsequentes)<sup>62</sup>, a checagem/valoração

<sup>61</sup> A esse respeito, ver o capítulo 1 desta dissertação.

<sup>62</sup> Idem.

de traços- $\phi$  não-interpretáveis de gênero e número entre Q e DP se dá *in situ*<sup>63</sup> por meio de *Concord*, e o movimento do DP, operação dispendiosa, ocorrerá forçosamente caso Q tenha sido selecionado do léxico com um traço-EPP; neste caso, “diremos que um traço não-interpretável em Q atua como uma ‘sonda’ (*probe*) em busca de outro elemento, no caso um traço do DP, um gol (*goal*), o qual poderia checar/valorar seus traços não-interpretáveis.” (VICENTE, 2006, p. 97). Em suma, o movimento do DP na proposta de Vicente (2006) é motivado pela presença, em Q, de um traço-EPP não-interpretável que precisa ser checado/valorado. O esquema em (93) ilustra a representação sintática para o movimento do DP em (92):

(93) [<sub>QP</sub> [<sub>DP</sub> OS alunos]<sub>i</sub> [<sub>Q'</sub> todos  $t_i$ ]]

Obviamente, se o Q presente na numeração não portar um traço não-interpretável, o DP permanecerá *in situ*, como ilustra a representação em (94):

(94) [<sub>QP</sub> [<sub>Q'</sub> todos [<sub>DP</sub> OS alunos]]]

O que motiva a postulação de um traço-EPP para o quantificador flutuante *todos* na proposta de Vicente (2006) é, além de anular a aparente opcionalidade para *Q-float* – o que seria totalmente indesejável a uma análise minimalista –, a hipótese de que a ordem linear dos elementos (QDP e DPQ) remete a significados diferentes – embora não altere isoladamente o significado do quantificador, que, como dissemos anteriormente, sempre remete à noção de maximalidade. Na verdade, as diferentes configurações alteram as relações de escopo entre o quantificador e o DP e, conseqüentemente, acarretam mudanças interpretativas.

De acordo com Vicente (2006), a ordem QDP “*todos os alunos*” é *default*, sendo favorecida em contextos em que, no ato comunicativo, não haja qualquer conhecimento prévio partilhado entre as partes, isto é, entre falante e ouvinte. Contextos assim são chamados de *out of the blue*. Já a ordem DPQ “*os alunos todos*” parece prevalecer em contextos em que há referencialidade e resumitividade, isto é, respectivamente, contextos em que há a noção de referência a elementos já mencionados no discurso e/ou elementos de conhecimento tácito, e contextos em que parece haver uma espécie de resumo das ideias associado ao uso do quantificador. A autora fornece como exemplos os dados em (95), extraídos de Pinto (1996):

(95) a. *Referencialidade*

<sup>63</sup> O mecanismo de *Concord* entre Q e DP é explicitado, detalhadamente, em Vicente, Quadros Gomes & Lunguinho (2016) e no capítulo 3, na seção 3.5 desta pesquisa.

Eu tive esses filho todo.

b. *Resumitividade*

Já saímos de melindrosa. De Pedrita, de (...) Que mais? Essas besteira toda.

Assim esses livros: Sabina, essas... esses troço tudo eu pego pra ler.

É preciso salientar que, em sua análise, a autora aceita que a configuração *default*, QDP, também possa remeter a essas noções de referencialidade e resumitividade; fenômeno para o qual a autora não tem uma explicação, tendo em vista que isso foge aos propósitos de sua pesquisa.

Conforme dissemos anteriormente, uma proposta de análise para Qs em que o estatuto categorial de Q seja o de núcleo,  $Q^0$ , e em que a relação entre ele e o DP a ele associado seja a de complementação, parece fazer previsões corretas acerca dos dados do PB. Na próxima subseção, esboçaremos, de modo bastante objetivo e resumido, a proposta de Lacerda (2012), para quem o fenômeno de *Q-float* é um fenômeno informacional.

#### 2.5.4 Lacerda (2012): *Q-float é, sobretudo, um fenômeno informacional*

O objetivo de Lacerda (2012) é mostrar que o fenômeno de flutuação de quantificadores no PB é resultado de movimento sintático (conforme Sportiche (1988)) e que tal fenômeno é relacionado ao discurso (conforme Valmala Elguea (2008)). Segundo Lacerda (2012), o movimento sintático que origina a flutuação de quantificadores também pode alcançar projeções informacionais, como as de tópico e foco (conforme estudos cartográficos de Rizzi (1997) e Belletti (2004)).

De acordo com Lacerda (2012), a análise de Shlonsky (1991) – quantificadores projetam QPs – é a que melhor se adequa aos dados do PB, pois analisar a estrutura de um quantificador como parte interna da projeção de DP (situado em SpecDP) ou como um adjunto, adjungido à esquerda de DP, pode levar a problemas empíricos. Por exemplo, um traço de tópico presente no DP objeto em (96) provocaria a topicalização de toda a expressão quantificada:

(96) ??<sub>[DP</sub> Todos os livros]<sub>i</sub>, o João leu <sub>t<sub>i</sub></sub> semana passada.<sup>64</sup>

---

<sup>64</sup> O autor confirma que há diferentes julgamentos de aceitabilidade para a sentença, mas que, para ele, o dado é marginal. A meus ouvidos, tal dado soa perfeitamente gramatical. Rever nota 60 sobre a questão da topicalização de estruturas quantificadas, de acordo com a análise de Aguiar (2007).

Seguindo o raciocínio, estando o traço de tópico presente apenas no DP, não haveria como gerar a sentença gramatical em (97), em que apenas o DP é topicalizado (pois não seria possível mover apenas um segmento (D') da projeção máxima DP, se o quantificador fosse gerado em SpecDP):

(97) [<sub>DP</sub> Os livros]<sub>i</sub>, o João leu todos t<sub>i</sub> semana passada.

Além disso, tais estruturas atribuídas às expressões quantificadas poderiam sobregerar (*overgenerate*) sentenças, como em (98), por exemplo, em que o quantificador porta traço de foco (sendo tal traço licenciado na periferia esquerda alta da sentença).

(98) \*<sub>[FocP</sub> TODOS<sub>i</sub> [<sub>TP</sub> o João leu [<sub>DP</sub> t<sub>i</sub> [<sub>DP</sub> os livros]] semana passada]]

Segundo Lacerda (2012), assumindo-se, então, que expressões quantificadas projetam QPs<sup>65</sup>, os problemas supracitados são resolvidos. Assim, tomando-se como exemplo a sentença em (97), se o núcleo Top<sup>0</sup> sondasse a expressão quantificada em que apenas o DP apresentasse traço de tópico, o movimento do DP para SpecTopP ocorreria sem obrigar o deslocamento do quantificador.

O autor procura apresentar a estrutura interna de diferentes quantificadores que projetam QPs, porém, iremos nos ater apenas à representação de *todos* e *tudo*, que estão mais relacionados ao foco de nossa pesquisa. Em relação à representação sintática de *todos*, Lacerda (2012) pressupõe, seguindo Vicente (2006), que *todos* seleciona um DP como complemento. Porém, o autor não adota completamente a proposta de Vicente (2006) (e tampouco a de Shlonsky (1991)) para a ordem DP+*todos*, porque, segundo ele, o movimento interno do DP da posição de complemento para a posição de especificador fere a Hipótese de Antilocalidade (GROHMANN, 2003, 2011 apud LACERDA, 2012), que proíbe que o movimento seja muito local. Em outras palavras, é banido o movimento que não cruze pelo menos uma projeção máxima, como ilustra (99), abaixo.

(99) *Proibição de movimento de complemento para especificador*

<sup>65</sup> Nem todos os quantificadores projetam QPs. É o caso, por exemplo, dos quantificadores *muitos*, *poucos* e *vários*, que projetam NumPs, segundo Avelar (2006 apud LACERDA, 2012). De acordo com Lacerda (2012), tal afirmação é correta, visto que, sendo NumPs, tais itens lexicais podem (i) estar em distribuição complementar com numerais cardinais, (ii) aparecer à direita de determinante, e (iii) co-ocorrer com um quantificador de tipo Q<sup>0</sup>, como mostrado em (a):

(a) Todos os muitos/poucos/vários/vinte alunos (que estavam na sala) já saíram.

Dessa forma, Lacerda (2012) assume a estrutura nominal em (b):

(b) [<sub>QP</sub> todos [<sub>DP</sub> os [<sub>NumP</sub> muitos/poucos/vários [<sub>NP</sub> alunos]]]]

\*[<sub>XP</sub> YP<sub>i</sub> [<sub>X'</sub> X<sup>0</sup> ~~YP<sub>i</sub>~~]]

De acordo com Lacerda (2012), a ordem DP+*todos* é uma idiosincrasia desse quantificador, pois, de todos os quantificadores analisados por ele, esse é o único que apresenta tal ordenamento, como atestam os dados em (100-102):

(100) a. \*[Os alunos ambos] foram bem na prova.

b. \*O professor aprovou [os alunos ambos].

(101) a. \*[Os alunos cada um] fez duas provas.

b. \*O professor deu duas provas pr[os alunos cada um].

(102) a. \*[Alunos muitos/poucos/vários] foram bem na prova.

b. \*O professor aprovou [alunos muitos/poucos/vários].

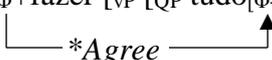
Como o autor propõe que o quantificador *ambos* tem a mesma estrutura de *todos*, não é desejável à sua proposta que *todos* possa reorganizar-se internamente por meio de movimento para SpecQP, e *ambos*, não. Com isso, para explicar a ordem DP+*todos*, Lacerda (2012) lança mão da hipótese de que o PB apresenta camadas informacionais acima do QP projetado por *todos*. O autor justifica tal hipótese na afirmação de Vicente (2006) de que a ordem DPQ é favorecida em contextos nos quais há noções discursivas como referencialidade e resumitividade. Com base nessa informação, Lacerda (2012) argumenta que essas nuances interpretativas são captadas com a aplicação de uma projeção de tópico sobre QP, que evita o movimento local. Assim, a representação sintática para a ordem DP+*todos* seria como em (103):

(103) [<sub>TopP</sub> [<sub>DP</sub> OS alunos]<sub>i</sub> [<sub>Top'</sub> [<sub>QP</sub> todos t<sub>i</sub>]]]

Em relação a *tudo*, Lacerda (2012) afirma que seu uso “peculiar” como quantificador no PB seria um uso coloquial de *todos*, podendo selecionar um DP como complemento e, também, flutuar. O autor constata a impossibilidade da ordem *tudo*+DP na posição de sujeito de uma sentença, evocando a explicação dada por Cançado (2006), de que *tudo* não pode aparecer à esquerda do DP porque não carrega a flexão de número – segundo Cançado (2006), quando há perda de concordância de número no sintagma, o elemento mais à esquerda deve carregar a flexão de número. Assim, para explicar a agramaticalidade de *tudo*+DP, o autor

levanta a hipótese<sup>66</sup> de que *tudo* não possui traços- $\phi$ , sendo “incapaz de estabelecer a concordância com a flexão verbal em T<sup>0</sup>” (LACERDA, 2012, p. 52). Em (104), por exemplo, nem a morfologia *default* de singular é capaz de salvar a sentença, que estará fadada a não convergir pela ausência da concordância:

(104) a. \*Tudo os alunos fez a prova.

b. \*[<sub>TP</sub> T <sub>$\phi$</sub> +fazer [<sub>VP</sub> [<sub>QP</sub> tudo<sub>[ $\phi$ -]</sub> [<sub>DP</sub> OS alunos]] [<sub>VP</sub> a prova]]]  


Todavia, de acordo com Lacerda (2012), não se trata de mera questão de concordância com a flexão verbal, já que na posição de objeto também não é possível encontrar a mesma ordem, como em (105a), em contraste com (105b), exceto se o quantificador for focalizado, como em (106a):

(105) a. \*Eu já comprei [tudo os Livro].

b. Eu já comprei [os livro TUDO].

(106) a. Eu dei [TUDO os livro] ontem pra Maria.<sup>67</sup>

b. \*Eu dei PRA MARIA ontem tudo os livro.

Em (106b), a focalização de outro elemento barra a ordem QDP. Assim, o autor relega a suposta gramaticalidade de (106a) à marcação inerente para valor informacional de foco do quantificador *tudo*, que o obriga a mover-se para uma camada estrutural de foco, projetada sobre o QP especialmente para abrigar *tudo*. A representação sintática para a ordem DP+*tudo* seria como em (107):

(107) [<sub>TopP</sub> [<sub>DP</sub> OS aluno(s)]<sub>i</sub> [<sub>Top'</sub> [<sub>FocP</sub> tudo<sub>k</sub> [<sub>QP</sub> t<sub>k</sub> t<sub>i</sub>]]]]

De acordo com Lacerda (2012), as projeções de foco e tópico acima de QP não interferem em sua visibilidade para o sistema, do mesmo modo que as projeções informacionais da periferia esquerda baixa são “transparentes” para as relações entre T<sup>0</sup> e vP; a postulação de uma projeção qP assegurará a categorialidade de QP para o sistema, encabeçando a estrutura:

<sup>66</sup> Hipótese cujo crédito é dado a Jairo Nunes.

<sup>67</sup> De acordo com minha intuição, essa sentença seria agramatical. A maioria de meus informantes também julgou o dado como agramatical, mas não de modo unânime. Porém, os que o aceitaram, julgaram-no como marginal: nenhum deles aceitou-o como natural.

(108) [<sub>qP</sub> [<sub>TopP</sub> [<sub>Top'</sub> [<sub>FocP</sub> [<sub>Foc'</sub> [<sub>QP</sub> [<sub>DP</sub>]]]]]]]]]

Apesar de tudo, Lacerda (2012) admite que faltam evidências independentes para as estruturas sugeridas, embora acredite que tal ordenamento sintático possa ser tratado em termos de periferias e movimentos informacionais.

A proposta de Lacerda (2012), como um todo, é bastante interessante do ponto de vista de sua capacidade de captar noções discursivas por meio de movimentos sintáticos periféricos. Contrastemos em pontos específicos as propostas de Lacerda (2012) e Vicente (2006), para que possamos extrair alguma conclusão.

É constatada, em ambas as propostas, a impossibilidade de um “quantificador” associado ao DP sujeito aparecer flutuado em posição pós-objeto em construções transitivas no PB, como em (109), extraídas de Lacerda (2012):

(109) a. \*Os alunos leram essa revista todos.<sup>68</sup>

b. \*As mulheres comeram a lagosta todas.

Porém, se houver material posterior a esse “quantificador”, a sentença passa a ser perfeitamente gramatical, como Lacerda (2012) aponta por meio dos dados em (110):

(110) a. Eles leram a revista todos ao mesmo tempo.

b. As mulheres comeram a lagosta todas com as mãos.<sup>69</sup>

Vicente (2006), seguindo Kato & Nascimento (1993), para explicar a gramaticalidade de sentenças como em (110), propõe que o “quantificador” esteja ligado a um PRO, sujeito de uma minioração (*Small Clause*):

(111) [<sub>PP</sub> todas [<sub>PP</sub> PRO<sub>i</sub> [<sub>P'</sub> com as mãos]]]

<sup>68</sup> Em línguas como o espanhol (i), o hebraico (ii) e o romeno (iii), por exemplo, é gramatical a flutuação do quantificador nessa posição.

(i) Los alumnos han leído dos revistas todos. (extraído de LACERDA, 2012)  
os alunos têm lido duas revistas todos  
'Os alunos leram todos duas revistas.'

(ii) Ha-yeladim medabrim sinit kul-am. (extraído de SHLONSKY, 1991)  
as-crianças falam chinês todas-[3MPL]  
'As crianças falam todas chinês.'

(iii) Elevii au luat notã mare toþi (extraído de VICENTE, 2006)  
alunos.os tem tirado nota alta todos  
'Os alunos tiraram todos notas altas.'

<sup>69</sup> O dado apresentado em (110b) é de Kato & Nascimento (1993).

PRO, sendo pronome e anafórico, teria como antecedente o próprio “quantificador” e seria co-referente ao DP sujeito em IP. Para se obter a linearização da sentença, seria necessário o movimento da minioração à direita por sobre o objeto, o que Kato & Nascimento, segundo Vicente (2006), chamam de “posposição”. Vicente (2006) afirma, tentativamente, que o movimento para a direita poderia ser independentemente motivado pela pausa entre o objeto e a minioração.

(112) a. [As mulheres comeram a lagosta] [todas com as mãos]

b. \*[As mulheres comeram a lagosta todas] [com as mãos]

A autora prefere não rotular o tipo de movimento envolvido, designando-o genericamente, assim como Kato & Nascimento (1993), como “posposição”.

Já Lacerda (2012), ao lidar com o problema, afirma que a licitude de *todos* em tal posição ocorre quando o objeto é topicalizado na periferia esquerda baixa da estrutura, estando em projeção informacional de tópico, TopP, enquanto *todos* é licenciado em projeção de foco, FocP, liberando o movimento do DP para a posição de sujeito sentencial sem violar Minimalidade Relativizada.

(113) a. Os alunos leram esta revista, todos (mas aquele jornal, só alguns leram).

b. Os alunos<sub>i</sub> leram [<sub>TopP</sub> esta revista [<sub>FocP</sub> todos t<sub>i</sub> [<sub>VP</sub> ]]]

Quando o material à direita do quantificador nessa posição pós-objeto é um adjunto adverbial, segundo Lacerda (2012), eles (adjunto + quantificador) compõem o comentário do tópico, que é o objeto direto, como evidenciado em (114):

(114) A: Todos os alunos leram esta revista na terça.

B: Acho que alguns alunos leram essa revista aí na quarta.

A': Não, os alunos leram esta revista todos na terça.

Lacerda (2012), então, afirma que sua proposta capta o fato de quantificador e adjunto adverbial formarem um constituinte (FocP), como ilustrado em (115):

(115) Os alunos leram [<sub>TopP</sub> esta revista [<sub>FocP</sub> todos [<sub>VP</sub> [<sub>VP</sub> ] [<sub>PP</sub> na terça]]]]

Parece-nos, frente a este problema específico, que a proposta de Lacerda (2012) consegue ter maior potencial explicativo que a “solução” proposta por Vicente (2006), já que

não envolve “emendas” ao sistema que vinha sendo proposto pelo autor. Lembremos que, conforme reconhece Vicente (2006), a adoção de PRO em uma proposta minimalista geralmente traz implicações negativas, visto que há propostas no sentido de eliminar PRO da teoria em favor de operações envolvendo movimento.<sup>70</sup>

Por outro lado, frente ao problema da ordem DP+*todos/tudo*, parece-nos *ad hoc* a proposta de Lacerda (2012), que relega o movimento do DP a uma camada informacional especial e exclusivamente projetada na periferia da expressão nominal QP encabeçada por *todos/tudo*. Relembremos que, pela proposta de Lacerda (2012), o DP é originado como complemento de Q no sintagma QP, sendo *default* a ordem *todos*+DP. Se *todos* não tem valor informacional neutro, isto é, se é selecionado do léxico com um traço de tópico ou foco, haverá a projeção de uma camada informacional na periferia esquerda de QP para onde o DP possa se mover. No caso do “quantificador” *tudo*, que é intrinsecamente marcado com foco, o movimento ocorre obrigatoriamente tanto por parte do DP, para a posição de especificador de TopP, quanto por parte do quantificador, para Foc. Para garantir sua visibilidade para o sistema, acima dessa estrutura ainda é projetado um qP. Desse modo, a flexão verbal em T, quando sonda a estrutura, é capaz de encontrar qP ativo como alvo, ocorrendo o *pied-piping* de toda a expressão para checagem/valoração de Caso.

Já pela proposta de Vicente (2006), a ordem DP+*todos/tudo*, é derivada da ordem *default* pela presença de um traço-EPP não-interpretável em Q, que sonda a estrutura e obriga o movimento do DP para SpecQP para checagem/valoração desse traço. Na prática, como já havia observado Lacerda (2012), esse mecanismo serve ao DP como um *scape hatch* para fora de QP, já que, estando no domínio de Q (isto é, sendo c-comandado por Q), o movimento violaria a Condição de Impenetrabilidade da Fase, PIC<sup>71</sup> – pois o DP só estará visível para computações na periferia/borda/margem (*edge*) da fase, isto é, em posição de especificador de QP.

Aplicando a Navalha de Occam, assumimos, por ora, o modelo de Vicente (2006), que parece explicar os fatos sem lançar mãos de ferramentais que não são empiricamente motivados. Estamos cientes da questão de minimalidade envolvida – o problema do movimento local –, mas tal problema será revisto na proposta de Vicente, Quadros Gomes & Lunguinho (2016), abordada no capítulo 3.

Pressupondo ter fornecido aparato teórico para o tratamento sintático de *tudo* como núcleo no PB, analisaremos na seção seguinte uma contraproposta em relação ao que viemos assumindo sobre a relação entre DP e Q, presente em Sedrins (2011).

<sup>70</sup> Ver, a esse respeito, Hornstein (1999) e Boeckx, Hornstein & Nunes (2010).

<sup>71</sup> Do inglês, *Phase Impenetrability Condition*.

## 2.6 Sedrins (2011): a ordem [DP Q] é resultante de estrutura com adjunção

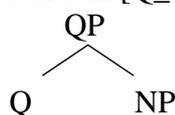
Convergente com os pressupostos da análise com encaixe de Sportiche (1988), a análise de Sedrins (2011), para o PB, seguindo a proposta de Benmamoun (1999) para o árabe, é de que a ordem [DP Q] não é derivada da ordem [Q DP], pois, na verdade, aquela é uma realização de estrutura com adjunção de Q ao DP, ao passo que esta última envolve subcategorização de DP a Q, ou seja, DP é complemento de Q.

A proposta de Sedrins (2011) fundamenta-se em diferenças entre as duas ordens no que diz respeito a (i) relações de concordância entre quantificador e DP, e (ii) possibilidade de leituras distintas, a depender do ordenamento dos dois constituintes.

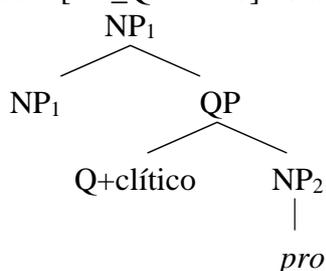
De acordo com Sedrins (2011), sua proposta, se comparada às de Kato & Nascimento (1993) e Vicente (2006), leva vantagem em termos teóricos por não incorrer em problemas de minimalidade. Segundo Sedrins (2011), essas propostas baseiam-se no fato de que, no PB, DP e Q se comportam como um único constituinte, como mostram alguns testes de constituintes (rever seção 2.5.3). Nesse sentido, a ordem linear DPQ é um rearranjo interno ao QP por que o DP se move para SpecQP. Porém, como vimos anteriormente (rever seção 2.5.4), esse movimento fere a Hipótese de Antilocalidade (GROHMANN, 2003, 2011 apud LACERDA, 2012), uma vez que não cruza uma projeção máxima.

Para resolver esse problema, Sedrins (2011) acata a análise de Benmamoun (1999), que afirma que no árabe as ordens [Q\_NP] e [NP\_Q] são sintagmas diferentes que apresentam diferentes relações sintáticas. A proposta do autor para as duas ordens é ilustrada em (116):

(116) a. a ordem [Q\_NP] no árabe



b. a ordem [NP\_Q+clítico] no árabe



Segundo Sedrins (2011), Benmamoun (1999) argumenta contra a ideia de Shlonsky (1991) de que, em línguas como o árabe, o clítico de concordância na ordem [NP\_Q+clítico] é obtido

exclusivamente em configuração *Spec-head*, mostrando como evidência casos como em (117), em que o NP e o clítico, embora coindexados, estão separados por ilhas:

- (117) hadu lə-wlad<sub>i</sub> lli mš-at [island qbəl ma-y-ži-w kull-hum<sub>i</sub>]  
 these the-children that leave.PAST-3FS before NEG-3-come-P all-them  
 ‘These are the children that she left before meeting them all.’  
 ‘Essas são as crianças que ela saiu antes de encontrá-las todas.’

Em (117), o raciocínio é de que os traços de concordância observados no quantificador seriam checados por um pronome nulo *pro* dentro da ilha (como mostra a estrutura em (116b)). Assim, a concordância se daria com um pronome resumptivo ligado ao NP fora da ilha. O mesmo raciocínio é aplicado por Sedrins (2011) ao PB.

- (118) a. Vou salvar *os capítulos* [antes que *todos* sejam apagados].

- b. Dei chocolate para *as meninas* [depois que *todas* fizeram o dever de casa].

Segundo o autor, não é possível assumir que o DP tenha sido extraído a partir da ilha para a oração matriz, pois o PB não permite extração de constituintes a partir de ilhas de adjunto, como se observa em (119):

- (119) \**Que livro* a Maria limpou a casa depois que o João leu ~~que livro~~?

Se, em (118), o DP não foi gerado nas orações encaixadas, para dar conta da concordância, Sedrins (2011), seguindo Benmamoun (1999), postula a existência de pronome nulo gerado com Q na oração encaixada, com o qual Q realiza *Concord*. Segundo Sedrins (2011), em termos de subcategorização, é uma proposta que mantém a homogeneidade de Q em relação a sua transitividade, visto que Q seleciona um sintagma nominal, seja ele um DP ou um *pro*. Dessa forma, como ilustrado em (120), a ordem DPQ é uma estrutura resultante da adjunção de Q(P) a DP.

- (120) [DP [DP [QP [Q *pro*]]]]

Para Sedrins (2011), tal análise, em que a checagem/valoração de traços de concordância de Q se dá com *pro*, e não com o DP, prevê a possibilidade de não haver concordância total com o DP. É o caso das estruturas envolvendo *tudo*. De acordo com Sedrins (2011, p. 214), *tudo* é “uma variante [de *todos*] realizada sem marca visível de concordância para gênero e número (*tudo*, *tudinho*), um tipo de quantificador neutro em relação à morfologia

visível de traços- $\phi$ , o qual é apenas permitido na ordem [DP Q].” (grifos do autor). Para o autor, nas estruturas envolvendo ilhas, em que se apresente na ilha um *pro* deficiente em termos de traços- $\phi$ , é esperada a forma neutra do quantificador, como em (121)<sup>72</sup>:

(121) a. Vou salvar os capítulos [antes que *tudinho* seja apagado].

b. Dei chocolate para as meninas [depois que *tudinho* fizeram o dever de casa].

Para Sedrins (2011), as sentenças em (121) são evidências empíricas de que a ordem DPQ envolve adjunção de Q ao DP, visto que somente nessa ordem a concordância entre Q e DP pode não ser visivelmente completa (pois Q entraria em relação de concordância com um *pro* defectivo); ao passo que a concordância seria obrigatória na ordem QDP, já que o DP seria complemento de Q, apresentando com ele concordância morfológica.

Em termos empíricos, segundo Sedrins (2011), sua proposta também é mais vantajosa que as propostas de Kato & Nascimento (1993) e Vicente (2006), por captar nuances interpretativas que Q teria quando posposto ao DP, em sentenças como em (114):

(122) a. Maria riscou todas as duas páginas. (*leitura não exaustiva*)

b. Maria riscou as duas páginas todas. (*leitura exaustiva – riscou por inteiro*)

O contraste observado na leitura das sentenças em (122), de acordo com Sedrins (2011), é captado mais adequadamente em sua proposta, pois, quando posposto ao DP, o quantificador se comporta como um adjetivo – a leitura de exaustividade, para o autor, poderia ser capturada pela paráfrase com um adjetivo como “inteiras”/“completas”, por exemplo. Galves (2001), de acordo com Sedrins (2011), já havia observado esse fenômeno, analisando o comportamento de adjetivo de *todo* (singular) em sentenças como (123b), abaixo.

(123) a. *Todo* (o) dia ela faz tudo sempre igual.

b. Eu passei o dia *todo* procurando uma solução.

<sup>72</sup> A meus ouvidos, as duas sentenças em (121) são inaceitáveis se *tudinho* tem como co-referente o DP da oração matriz.

Em (121a), por exemplo, minha única leitura para a sentença é a de que *tudinho* seja um DP pleno (ver seção 2.2). Pensando em um contexto, por exemplo, em que a memória de um computador está prestes a ser formatada, mas seu proprietário ainda precisa fazer o *backup* dos capítulos do livro que está escrevendo, seria possível parafrasear *tudinho* (utilizando-me das paráfrases propostas por Cançado (2006)), por um DP como *todos os arquivos (do computador)*, o que atesta seu estatuto categorial:

I. Vou salvar os capítulos [antes que *todos os arquivos (do computador)* sejam apagados.]

De acordo com Sedrins (2011), Galves observou que, quando anteposto ao DP, como em (123a), *todo* apresenta leitura de quantificação universal (“todos os dias”), ao passo que, quando posposto ao DP, como em (123b), atribui ao DP um atributo (“o dia inteiro”), da mesma forma que um adjetivo.

Então, para Sedrins (2011), encarar Q posposto ao DP como sendo adjungido a este, de modo paralelo aos adjetivos em relação a DP, é mais vantajoso empiricamente que assumir uma proposta envolvendo movimento.

Fortemente ancorada na questão da concordância, ao assumir uma estrutura com adjunção, a proposta de Sedrins (2011) teria um grande problema com que lidar se confrontada, por hipótese, com a suposta gramaticalidade de um dado como aquele em (106), apresentado por Lacerda (2012), repetido abaixo como (124):

(124) a. Eu dei [TUdo os livro] ontem pra Maria.

Embora também questionemos a validade de tal dado, se, por hipótese, o aceitássemos, seria difícil não encará-lo como evidência contrária à proposta de Sedrins (2011), ao passo que tal dado poderia ser perfeitamente acomodado numa proposta que envolvesse movimento. Além do mais, relembremos que, pela proposta de Benmamoun (1999), a concordância de Caso é um reflexo das estruturas envolvendo adjunção. Logo, é um tanto paradoxal, em termos epistemológicos, relegar a “não concordância” de gênero e de número, morfologicamente disponíveis no PB, (nos casos envolvendo *tudo*) ao status de evidência cabal para assumir uma estrutura com adjunção. É óbvio que estamos cientes de que Caso morfológico, de um lado, e gênero e número, de outro, são coisas totalmente diferentes, mas que, no caso, seriam até certo ponto comparáveis em termos de padrões de concordância (rever seção 2.5.1).

Quanto ao comportamento de Q como adjetivo, Vicente (2006) observa tal intersecção no comportamento dos dois itens, mas provê algumas evidências em termos de distribuição contra um tratamento sintático equiparado aos dois, também discutidas na seção 2.5.1.

## 2.7 Conclusão do capítulo

Por ora, acreditamos, por meio de análise e de comparação das propostas abordadas nas seções anteriores, ter fornecido suporte teórico para o tratamento de *tudo* como núcleo no PB.

Assumindo o espírito da proposta em Sportiche (1988), argumentamos em favor de que Q e DP formam um único constituinte em algum momento da derivação; com Shlonsky (1991) e Vicente (2006), argumentamos que um Q do tipo de *tudo/todos* projeta um QP,

selecionando/subcategorizando um DP como complemento. Também demonstramos, principalmente por meio da proposta sintático-informacional de Lacerda (2012) – a qual mapeia o fenômeno de *Q-float* na sintaxe por meio de movimentos dos quantificadores para projeções periféricas dedicadas à expressão de noções discursivas como tópico e foco – que *Q-float* envolve fenômenos discursivos, embora não adotemos o tratamento sintático-informacional do autor em nossa análise, por motivos que se tornarão óbvios no capítulo seguinte. Vimos, também, com Sedrins (2011) e Lacerda (2012), que há problemas de minimalidade envolvidos numa proposta que envolva movimento do DP interno a QP para SpecQP.

No próximo capítulo, lidaremos com a análise propriamente dita de sentenças envolvendo o uso de *tudo*, a partir da argumentação semântica de que tal item, nas sentenças em que gera leitura quantificacional (ou intensificacional, como defenderemos), trata-se de um ajustador de relações de predicação.

## CAPÍTULO 3

### TUDO ENQUANTO MODIFICADOR DE GRAU

#### 3.1 Introdução

No capítulo 2, revisamos parte da literatura sobre os quantificadores flutuantes (especificamente no que tange a *todos/all* enquanto quantificador), partindo da hipótese clássica de Sportiche (1988), em que o encalhe é uma mera “ilusão de ótica”, causada pelo movimento do DP, deixando Q encalhado. Acreditamos ter fornecido boas evidências para assumir, no PB, o estatuto categorial de Q como o de núcleo funcional, e para assumir a relação entre Q e DP como a de complementação (em vez de adjunção), embora tenhamos visto que há propostas concorrentes na literatura sobre o PB (como a de Sedrins (2011), por exemplo). Indiretamente, também acreditamos ter deixado explícito que assumimos que Q e DP são gerados na base como um constituinte sintático, ainda que a proposta de um modelo derivacional para sentenças envolvendo o uso de *tudo* só venha a ser proposto no presente capítulo.

No presente capítulo, pressupomos a proposta de Vicente & Quadros Gomes (2013) de que os itens da série *todo-all*<sup>73</sup> não são quantificadores (ou intensificadores, como também têm sido tratados pela literatura), mas modificadores de grau, que podem tomar por escopo tanto relações de predicação sentencial (o evento e um argumento participante do evento), gerando leitura quantificacional, quanto relações de predicação em que uma propriedade é aplicada a um argumento (a propriedade e o argumento portador da propriedade), gerando leitura intensificacional. Pretendemos estender essa análise a *tudo*, o qual geralmente atua sobre relações de predicação sentencial, gerando leitura quantificacional, mas que também pode modificar, em contextos mais restritos, uma propriedade e o argumento detentor da propriedade, gerando leitura intensificacional. Nesses termos, *tudo* também é um ajustador de relações de predicação (VICENTE & QUADROS GOMES, 2013) que opera sobre escalas, tomando para si uma escala fechada em grau mínimo e a maximalizando, devolvendo uma escala fechada em grau máximo. Sintaticamente, *tudo* entra na derivação portando um traço de grau máximo –  $\forall$  – que é capaz de valorar os traços do núcleo de grau Deg, projetado sobre a relação de predicação que é relevante para a maximalização operada pelo modificador de grau. Assumiremos, de forma preliminar, a partir da observação de dados, que *tudo* é um item

---

<sup>73</sup> Os itens a que estamos chamando de “série de *todo-all*” são *todo* e suas flexões (*toda*, *todos*, *todas*). O termo “*todo-all*” será usado para diferenciar o uso de *todo* significando *all* (nosso objeto de interesse) do uso de *todo* significando *every*.

coloquial pertencente à série *todo-all* (com propriedades mais semelhantes às do item *todos/todas*, conforme vimos no capítulo 2, na seção 2.2), defectivo em termos de traços- $\phi$ , pois só possui traço de número, que geralmente toma como restrição DPs sintaticamente plurais (coletivos ou não-coletivos), podendo ainda selecionar nomes nus (*bare nouns*) e DPs sintaticamente singulares que denotem conjuntos de entidades.

Nossa hipótese preliminar em relação ao ordenamento de *tudo* e o DP por ele selecionado, que carece de pesquisas futuras para ser comprovada (ou refutada), é de que a obrigatoriedade da ordem DPQ parece ter relação com a defectividade de traços- $\phi$  de *tudo*, pois parece-nos que, em PB, só pode figurar à esquerda do sintagma nominal um Q que exiba concordância “forte”, ou seja, que possua um conjunto completo de traços- $\phi$  e exprima concordância de gênero e número com o nominal associado (CANÇADO, 2006; LACERDA, 2012); advertimos que essa hipótese não explica o motivo do movimento do DP, o que ainda é desconhecido por nós, mas descreve, em linhas paralelas à proposta de Shlonsky (1991) para os dados do francês, uma de suas consequências para boa formação da sentença.

O capítulo se estruturará da seguinte forma: na seção 3.2 (e respectiva subseção), discutimos, a partir da análise de Brisson (1998) para *all* no inglês e das evidências experimentais de Lima (2013) para *todos* no PB, o efeito semântico de “maximalização” e a proposta da primeira para captá-lo formalmente na gramática; na seção 3.3 (e nas respectivas subseções), (i) analisamos a proposta de Vicente & Quadros Gomes (2013) de que não há dois itens lexicais *todo* homófonos – um funcionando como quantificador universal e outro como intensificador –, mas um só item, modificador de grau, que sempre opera semanticamente sobre relações de predicação, e estendemos essa análise a *tudo*; (ii) apreciamos a sintaxe fornecida em Vicente, Quadros Gomes & Lunguinho (2016) para essa argumentação de base semântica, defendida em Vicente & Quadros Gomes (2013), estendendo-a às ocorrências de *tudo*; na seção 3.4, analisamos construções com nomes nus e propomos uma sintaxe para esse tipo de sentença que seja uniforme para as ocorrências de *tudo* e de *todo*, que apresentam diferentes propriedades distribucionais; na seção 3.5, voltamo-nos às relações de concordância internas ao DP e à questão da ordem DPQ; em 3.6, concluímos o capítulo.

### **3.2 Brisson (1998): sobre o efeito de maximalidade**

A análise de Brisson (1998) para os quantificadores flutuantes no inglês é parte da literatura de tratamento adverbial para os quantificadores flutuantes. Dessa forma, para Brisson (1998), quantificadores em estruturas flutuantes são advérbios orientados para o falante

(*speaker-oriented adverbs*), enquanto quantificadores em posição pré-nominal são modificadores de grau/adjetivos. Não entraremos no mérito da questão a esta altura, uma vez que já nos posicionamos contra tratamentos adverbiais para *todo-all/tudo* no PB (rever seção 2.5). O que nos interessa na proposta de Brisson (1998) é a parte semântica de sua abordagem para o quantificador *all*, a qual o encara como uma espécie de “operador semântico” que atua na semântica dos sintagmas nominais plurais e na estrutura do evento, causando um efeito de “fortalecimento” no domínio de distribuição do evento sobre uma pluralidade atômica denotada pelo sintagma nominal plural que a autora chama de *maximalização*.

Segundo a autora, embora *all* não seja um quantificador universal<sup>74</sup>, deve-se representar na gramática o “efeito de fortalecimento” que esse quantificador tem em sentenças com um sintagma nominal plural definido, como em (1):

- (1) a. The boys jumped in the lake.  
       os garotos pularam em o lago  
       ‘Os garotos pularam no lago.’
- a’. The boys all jumped in the lake.  
       os garotos todos pularam em o lago  
       ‘Os garotos todos pularam no lago.’

Enquanto em (1a) a sentença pode ser verdadeira se um ou dois de um grande grupo de garotos não tiver pulado no lago, (1a’) parece exigir, para ser verdadeira, que cada um dos garotos tenha pulado no lago. A esse efeito, segundo Brisson (1998), Link (1983) o chamou de efeito de “totalidade” e Dowty (1987) de efeito de “maximização”.

O problema que surge na captura desse efeito pela gramática é que as condições de verdade de sentenças com DPs sujeitos plurais definidos na literatura são já bastante fortes sem a presença de *all*. Seguindo uma versão simplificada da proposta de Link (1983) para a interpretação da sentença em (1a), por exemplo, em que o DP *the boys* denota uma pluralidade atômica, Brisson mostra que a aplicação do predicado sobre o DP requer um operador de distributividade encoberto, “D”, cuja função é introduzir quantificação universal sobre os átomos do conjunto denotado pelo DP, como ilustrado em (2):

- (2) a. The boys jumped in the lake.
- b. <sup>D</sup>jump.in.lake’(the.boys’)

---

<sup>74</sup> Para a autora, *all* sequer tem força quantificacional própria (ver, a esse respeito, Quadros Gomes (2009)). Conforme veremos, na semântica proposta por Brisson (1998), o efeito de quantificação universal se deve a um operador distributivo não-vozeado, D.

c.  $\forall x[x \in [\text{the.boys}]] \rightarrow x \in [\text{jump.in.lake}]]]$

Validando a interpretação da sentença em (2), seria impossível representar na gramática a noção de maximização introduzida pelo quantificador em uma sentença como em (1a'). Dessa forma, a autora propõe um “enfraquecimento” para as condições de verdade de sentenças com sintagmas nominais plurais definidos, chamado por ela de *enfraquecimento pragmático* ou teoria da *não-maximalidade*, a fim de captar o efeito de *all* nas sentenças em que ele ocorre.

Brisson (1998) levanta, em particular, dois problemas relacionados às teorias existentes na literatura sobre os sintagmas nominais plurais: (i) a distinção entre predicados coletivos e predicados distributivos e como tal distinção deve ser representada na gramática; e (ii) a constatação do que a autora chama de *não-maximalidade*, ou seja, a possibilidade de não se aplicar alguma propriedade a todos os indivíduos do conjunto denotado por um sintagma nominal plural definido, mantendo as condições de verdade de uma sentença, e como isso funcionaria para predicados distributivos e coletivos.

Em relação a (i), a autora propõe que a distributividade seja representada na gramática pela presença do operador distributivo encoberto, *D*. *A priori*, a ausência desse operador *D* produziria, então, leitura coletiva. Observemos a diferença entre predicados de distributividade e coletividade por meio de exemplos. Considerando-se as sentenças em (3) e (4), abaixo, vemos que (3a) acarreta (3b), mas (4a) não acarreta (4b). Em (3a), há uma sentença distributiva, em (4a), coletiva.

(3) a. George and Sandra left.  
George e Sandra saíram  
'George e Sandra saíram.'

b. George left and Sandra left.  
George saiu e Sandra saiu

(4) a. George and Sandra are a happy couple.  
George e Sandra são um feliz casal  
'George e Sandra são um casal feliz.'

b. \*George is a happy couple and Sandra is a happy couple.  
George é um feliz casal e Sandra é um feliz casal

A autora adota a proposta de Lasersohn (1995) de que distributividade e coletividade são propriedades do VP, como evidencia a sentença com coordenação em (5):

(5) Rick and Ilsa met \_\_\_\_\_ in a bar and had \_\_\_\_\_ a drink.

Rick e Ilsa encontraram em um bar e tomaram uma bebida  
 ‘Rick e Ilsa encontraram-se em um bar e tomaram uma bebida.’

A primeira oração do período deve ser interpretada coletivamente, mas a segunda pode ser interpretada distributivamente. Se essa propriedade pertencesse ao DP, ele teria de ser coletivo e distributivo ao mesmo tempo, sendo impossível fornecer as condições de verdade da sentença.

A função do operador D, como dissemos, é quantificar universalmente sobre a pluralidade introduzida pelo DP sujeito. A justificativa da autora para introduzir esse operador repousa em duas observações: (i) algumas sentenças com plurais definidos aparentemente têm quantificação universal como parte de seu significado (como em “As garotas têm 8 anos de idade”, *The girls are 8 years old*, por exemplo, em que a intuição é de que todas as garotas tenham oito anos de idade), e (ii) algumas sentenças, como em (6), têm interpretação ambígua (coletiva ou distributiva):

- (6) The boys ate a sandwich.  
 os garotos comeram um sanduíche  
 ‘Os garotos comeram um sanduíche.’

É possível interpretar essa sentença com o significado de que cada garoto comeu um sanduíche diferente. Nessa interpretação, o operador D tem escopo sobre *a sandwich*. (6) é interpretada como mostrado em (7c):

- (7) a. The boys ate a sandwich.  
 b.  $\text{D} \text{ate.a.sandwich}'(\text{the.boys}')$   
 c.  $\forall x[x \in \llbracket \text{the.boys}' \rrbracket \rightarrow \text{ate.a.sandwich}'(x)]$

Por outro lado, a sentença em (6) também pode ser verdadeira em uma situação em que *the boys* compartilharam entre si um único sanduíche. A interpretação dessa leitura coletiva (como de qualquer outro predicado coletivo) seria representada, a princípio, sem qualquer operador D interveniente, como mostrado em (8b):

- (8) a. The boys ate a sandwich.  
 b.  $\text{ate.a.sandwich}'(\text{the.boys}')$

Em relação à observação (ii) de Brisson (1998) sobre as teorias existentes sobre os sintagmas nominais plurais no que tange à constatação de *não-maximalidade*, a autora diz que a literatura menciona não-maximalidade, mas apenas alguns pesquisadores propõem um meio de a semântica captar essa noção. Incumbida nessa tarefa, a autora assume a análise de Schwarzschild (1992, 1994, 1996), chamada de “distributividade generalizada”, que propõe que há predicados que podem ser verdadeiros em uma leitura a que podemos chamar “distributividade intermediária” (BRISSEON, 1998) – em que a distributividade é aplicada a subpluralidades de um sujeito plural, mas não a todos os seus átomos, e as subpluralidades relevantes serão crucialmente determinadas pelo discurso. “A distribuição generalizada que Brisson assume permite a livre formação de células (*covers*) contendo livres associações entre objetos salientes no universo do discurso” (QUADROS GOMES, 2009, p. 20).

Os *covers* são um meio formal para fazer com que o operador D se estenda não somente sobre os átomos de uma pluralidade, mas sobre subpluralidades de uma pluralidade. De acordo com Brisson (1998), Schwarzschild argumenta que o *cover* relevante, sobre o qual o operador D se estenderá, é determinado em larga medida pelo contexto de enunciação: ou seja, as “células” do *cover* serão compostas por quaisquer que sejam as subpluralidades pragmaticamente salientes.

Na semântica de Schwarzschild, segundo Brisson (1998), o operador D é chamado de *Part* – de “partição” – e é sempre acompanhado por uma variável que seleciona um domínio de acordo com o contexto, *Cov*, cujo valor sempre forma um *cover* do universo do discurso. Em (9), vejamos, de acordo com essa análise, um exemplo de como seria interpretada uma sentença como em (6), *The boys ate a sandwich*, captando o *enfraquecimento pragmático* (ou *não-maximalidade*):

(9) The boys ate a sandwich.

a. (Part(Cov<sub>i</sub>)(ate.a.sandwich'))(the.boys')

b.  $\forall x[x \in \llbracket \text{Cov}_i \rrbracket \ \& \ x \subseteq \llbracket \text{the.boys}' \rrbracket \rightarrow x \in \llbracket \text{ate.a.sandwich}' \rrbracket]$

c.  $U = \{a, b, c, s, t, \{a,b\}, \{a,c\}, \{a,s\}, \{a,t\}, \{a,s,t\} \dots\}$

$\llbracket \text{the.boys}' \rrbracket = \{a,b,c\}$

I =  $\{\{a\}, \{b\}, \{c\}, \{s,t\}\}$

J =  $\{\{a\}, \{c\}, \{b,s,t\}\}$

K =  $\{\{a,b,c\}, \{s,t\}\}$

L =  $\{\{a,b\}, \{c,s,t\}\}$

Em (9b), temos a interpretação da sentença: para ser verdadeira,  $x$  precisa ser subconjunto da descrição definida *the boys* e, simultaneamente, precisa fazer parte do *cover* que equivale ao valor atribuído à variável *Cov*. Em (9c), representaram-se (i) U como o universo do discurso, que contém quaisquer elementos que estejam contextualmente salientes para o falante (tanto garotos ( $a$ ,  $b$ , e  $c$ ) quanto outros objetos/seres ( $s$  e  $t$ ), por exemplo), (ii) a extensão da descrição definida *the boys*, e, (iii) de I a L, possíveis *covers* que poderiam ser formados por livre associação a partir de U. Se o valor atribuído a *Cov* fosse I, haveria a leitura distributiva da sentença, exatamente como vimos em (7). Já se o valor de *Cov* fosse K, haveria a leitura coletiva<sup>75</sup>.

Se atribuíssemos os valores J ou L a *Cov*, observaríamos que alguns elementos estranhos à denotação do DP estariam “presos” em uma célula desses *covers* com um elemento pertencente à sua denotação. Por isso, essas “células fora da medida”, nos termos de Quadros Gomes (2009), (chamadas por Brisson de *ill-fitting covers*) não serviriam ao domínio de distribuição da predicação, sendo descartadas, mesmo contendo um indivíduo pertencente à extensão do DP. Permitir a formação de células fora da medida (*ill-fitting covers*), como aquelas presentes em J e L, é o mecanismo apropriado para captar a noção do *enfraquecimento pragmático* nas condições de verdade de uma sentença em que o predicado poderia não se aplicar a toda a extensão do DP.

Resumindo, a teoria de Schwarzschild (1992, 1994, 1996 apud BRISSON, 1998) retém a ideia do operador D e agrega à teoria de Brisson a noção de que distributividade não necessariamente se aplica a todos os indivíduos atômicos (mas à variável cujo valor é um *cover* do domínio do discurso), e que a pragmática tem um papel importante em determinar a quais entidades o predicado pode/deve ser aplicado. Portanto, Brisson (1998) afirma que a teoria da distributividade generalizada – permitindo a formação de *ill-fitting covers* – capta a noção de não-maximalidade, aplicando-se da mesma forma aos predicados coletivos e distributivos.

Captada a noção da não-maximalidade nas sentenças contendo descrições definidas plurais, a captura do efeito totalidade (maximalização) de *all*, mesmo em predicados coletivos, segue a seguinte linha de raciocínio: *all* é uma espécie de filtro que interage com *Cov*, eliminando a possibilidade de existência de células fora da medida (*ill-fitting covers*), ajustando, segundo Quadros Gomes (2009), o domínio de distribuição do predicado, de modo que todas

---

<sup>75</sup> A autora menciona o fato de ser problemática a atribuição da quantificação universal por parte do operador D a um domínio singular, mas afirma que assumir tal possibilidade é desejável, já que captura a ocorrência de *enfraquecimento pragmático* em predicados coletivos e a possibilidade de *all* ocorrer com alguns desses predicados. Portanto, no fim das contas, a autora propõe que ambos os predicados, coletivos e distributivos, contenham um operador D.

as células do *cover* sejam formadas exclusivamente por entidades pertencentes à extensão do DP.

Consideremos as sentenças em (10):

- (10) a. The boys are hungry.  
 b. The boys are all hungry.  
 ‘Os garotos estão (todos) famintos.’

A diferença entre as duas sentenças, segundo Brisson, é a “força”: (10b) é mais forte que (10a). Em outras palavras, poder-se-ia dizer que a sentença em (10a) possibilita não-maximalidade. Já *all*, em (10b), exclui a possibilidade de enfraquecimento pragmático, pois não permite a formação de células fora da medida presentes no *cover*. Em outras palavras, *all* requer, nas palavras de Quadros Gomes (2009), somente “células na medida” da extensão do DP (chamadas de *good-fitting covers* por Brisson).

A autora define formalmente a relação de “boa medida” (*good fit*) entre um *cover* e a denotação de um DP:

- (11) Boa medida: para algum *cover* do universo do discurso *Cov* e alguma denotação *X* de um DP, *Cov* está em boa medida em relação a *X* se e somente se  $\forall x[y \in X \rightarrow \exists Z[Z \subseteq Cov \ \& \ y \in Z \ \& \ Z \subseteq X]]$ <sup>76</sup> (BRISSEON, 1998, p. 94, tradução nossa).

O que (11) quer dizer é que *Cov* estará em boa medida (*good fit*) se todos os elementos do conjunto denotado pelo DP estiverem contidos em células do *cover* que sejam subconjuntos próprios desse conjunto (ao contrário de um *ill-fitting cover*, em que um elemento do conjunto denotado pelo DP pode estar preso em uma célula do *cover* com um elemento do universo do discurso não pertencente ao conjunto denotado pelo DP).

Então, segundo a autora, a função de *all* em uma sentença é assegurar o valor *good fit* atribuído a *Cov* em relação ao DP sujeito. Dito de outra forma, a função de *all* é saturar ao valor máximo o DP em sua restrição em relação a sua participação no evento. A principal implicação dessa proposta seria que a denotação de um DP/VP com *all* (flutuado ou não), então, seria a mesma de um DP/VP sem *all* (ver exemplo em (2)).

---

<sup>76</sup> No original: “*Good fit: For some cover of the universe of discourse Cov and some DP denotation X, Cov is a good fit with respect to X iff  $\forall x[y \in X \rightarrow \exists Z[Z \subseteq Cov \ \& \ y \in Z \ \& \ Z \subseteq X]]$ .*”

Na subseção a seguir, mencionaremos brevemente o estudo de Lima (2013), que constata, por meio de evidências experimentais, que *todos* acarreta maximalidade quando combinado a um DP plural.

### 3.2.1 Lima (2013): todos, em PB, é um maximalizador

Por meio de evidências coletadas a partir da comparação entre *cada* e *todos* em estudos experimentais, Lima (2013) evidencia, fundamentada pela análise de Brisson (1998, 2003 apud LIMA, 2013), que *todos*, em PB, associado a um DP plural, acarreta efeito de maximalidade, ao passo que *cada* tem características distributivas.

A autora levanta quatro hipóteses ao analisar a literatura – das quais três (as três últimas hipóteses) são testadas experimentalmente – a partir da constatação de que *todos* licencia interpretações coletiva e distributiva, independentemente do tipo de nominal (coletivo ou não-coletivo) com o qual se associa, conforme mostram os exemplos apresentados por Lima (2013) em (12), extraídos de Müller, Negrão e Gomes (2007).

- (12) *Todos + nome que denota grupo de indivíduos ('família')*  
 a. Todas as famílias construíram uma jangada. (*leituras coletiva e distributiva possíveis*)
- Todos + nome que não denota grupo de indivíduos ('criança')*  
 b. Todas as crianças construíram uma jangada. (*leituras coletiva e distributiva possíveis*)

A primeira hipótese, chamada por Lima (2013) de “hipótese de escopo do quantificador”, levantada por Müller, Negrão e Gomes (2007), é que a ambiguidade de leituras é derivada da possibilidade, na tradução das sentenças para a forma lógica, de o quantificador universal ter escopo sobre o quantificador existencial (e vice-versa), conforme vemos pelas traduções – extraídas de Müller, Negrão e Gomes (2007) – de (12a), repetida abaixo como (13):

- (13) a. Todas as famílias construíram uma jangada.  
 b.  $\forall x$  (família'  $x \rightarrow \exists y$  (jangada'  $y \wedge$  construiu'  $x, y$ )) (*leitura distributiva*)  
 c.  $\exists y \forall x$  (família'  $x \rightarrow$  (jangada'  $y \wedge$  construiu'  $x, y$ )) (*leitura coletiva*)

Em (13b), o quantificador universal tem escopo sobre o existencial, enquanto em (13c) o contrário é verdadeiro, derivando para cada relação de escopo uma leitura diferente.

A segunda hipótese, “hipótese do DP” (LIMA, 2013, p. 136), contrariamente à primeira, é que *todos* é um modificador que herda do DP plural a leitura coletiva ou distributiva. Dessa forma, não são as relações de escopo de *todos*, na tradução lógica das sentenças, as responsáveis

pela ambiguidade semântica. A distinção entre coletividade e distributividade seria captada pela gramática, como mostramos em Brisson (1998), pela presença de um operador D, que distribui o evento universalmente sobre a pluralidade introduzida pelo DP, e que é acompanhado da variável sensível ao contexto, *Cov*. Como a autora adota integralmente a teoria de enfraquecimento pragmático de Brisson (1998) para captar a possibilidade de não-maximalidade de sentenças envolvendo o DP plural sem *all*, a qual já explicitamos, tornam-se desnecessárias explicações adicionais.

A terceira hipótese, “hipótese da maximalidade” (LIMA, 2013, p. 136), diz respeito à função de *todos* em uma sentença. A autora segue mais uma vez Brisson (1998, 2003) ao argumentar que *todos* acarreta maximalidade; portanto, sua função é banir a formação de *ill-fitting covers*, ou seja, *todos* é um “ajustador” que garante que o valor de *Cov* esteja sempre em “boa medida” em relação ao DP. Como consequência, a autora também assume que *todos* não afeta as condições de verdade da sentença; dito de outra forma, conforme vimos em Brisson (1998), a denotação de um DP sem *todos* é a mesma de um DP com *todos*. *Todos* apenas não permite não-maximalidade.

A quarta e última hipótese, “hipótese da diferenciação em PB” (LIMA, 2013, p. 137), advém da proposta de “condição de diferenciação” de Tunstall (1998 apud LIMA, 2013). Tal proposta assume que o quantificador *each* (*cada*) é favorecido (e só produz sentenças verdadeiras se) em contextos em que, para dado evento, cada indivíduo pertencente ao conjunto que corresponde à restrição do quantificador é relacionado a seu próprio subevento. Por exemplo, em uma sentença como *Cada garota está sorrindo*, a condição de diferenciação prevê que cada garota esteja ligada a esse evento de sorrir por seu próprio subevento; ou seja, poderíamos dizer que a garota A está gargalhando, enquanto a garota B está sorrindo mais discretamente, cada uma sorrindo a seu modo, isto é, associada a seu próprio subevento, de modo que cada um desses subeventos faça parte do evento de sorrir.

Os resultados dos testes, que estabeleciam comparação quanto ao uso de *cada* e *todos*, – sobre os quais não discutiremos em detalhes, limitando-nos a expor os resultados em relação à confirmação ou refutação das hipóteses descritas – em relação à segunda hipótese, confirmaram estatisticamente que *todos* não necessariamente acarreta distributividade (100% dos participantes assinalaram que só poderia ser usado *todos* em contextos coletivos, mas não *cada*), mas pode ser usado em contextos distributivos (54% aceitaram tanto *cada* quanto *todos* em evento distributivos).

Em relação à terceira hipótese, os resultados estatísticos comprovaram que *todos* é incompatível com não-maximalidade, mas que o DP sozinho também é compatível com

maximalidade (embora nem sempre acarrete maximalidade, por causa da possibilidade de enfraquecimento pragmático). Embora, como esperado, a maioria dos participantes da pesquisa tenha assinalado que ambos, o DP sozinho e o DP com *todos*, sejam possíveis em ambientes em que ocorre maximalidade (61%), curiosamente, 31% afirmaram que somente o DP seria possível nesses contextos. Lima (2013) especula que tal resultado possivelmente está associado à forma como foi montado o experimento, que não controlou o grau de necessidade pragmática de utilização do maximalizador.

Já em relação à quarta hipótese, os resultados estatísticos a refutam parcialmente, pois mostram que *cada* pode figurar – para 12,5% dos participantes do experimento – como única opção em contexto sem diferenciação de subeventos. Somente quando a diferenciação de subeventos é claramente enfatizada, há a preferência por *cada* (50% dos participantes).

Nosso foco consiste na terceira hipótese, que foi confirmada: *todos* é incompatível com contextos não-máximos, o que fortemente evidencia que sua função é a de maximalização. Além disso, conforme aponta Lima (2013), o experimento também forneceu evidências para uma melhor caracterização do que é, de fato, maximalização.

Por ora, aplicando o mesmo raciocínio a *tudo*, cremos que tal efeito semântico de *maximalidade* tenha sido superficialmente descrito em nosso trabalho. Vamos começar a delinear, na próxima seção, a partir da análise dos trabalhos de Vicente & Quadros Gomes (2013) e Vicente, Quadros Gomes & Lunguinho (2016), a nossa proposta de análise de base sintático-semântica para sentenças envolvendo o uso de *tudo* como modificador de grau.

### 3.3 Uma proposta de análise para *tudo* como modificador de grau

Proporemos, nesta seção, adotando a análise de Vicente & Quadros Gomes (2013), que *tudo* não é um quantificador, mas um modificador de grau, um operador semântico sobre escalas, cuja função é maximalizar certas relações de predicação que podem ocasionar leituras de quantidade (ou de intensidade, se considerarmos alguns contextos sintáticos bastante restritos em que *tudo* ocorre). Pretendemos, também, fornecer a sintaxe, adotando a análise de Vicente, Quadros Gomes & Lunguinho (2016), para a argumentação de Vicente & Quadros Gomes (2013) de que não só adjetivos de grau podem projetar uma camada funcional dedicada à expressão do grau, mas também relações de predicação sentencial, que podem mapear o grau de participação da extensão do DP no evento por meio de escalas. Ademais, vamos mostrar que o fenômeno de *Q-float* ocorre, nessa proposta, quando o modificador de grau *tudo*, que intrinsecamente porta um traço de grau máximo “V”, precisa valorar o traço do núcleo do

sintagma de grau DegP, núcleo d, que foi selecionado para a numeração portando um traço [+EPP]; do contrário, a flutuação não ocorre, pois a valoração pode ocorrer *in situ*.

Até o presente momento, vimos ignorando tacitamente sentenças com leitura de intensidade, em que *todo-all* aparece intensificando um sintagma adjetival (rever nota 27, na seção 2.4), como em (14), pois optamos por um recorte da literatura que focalizasse a questão de *Q-float*.

(14) a. The dogs have been *all* petted.

b. Os avós estão todos bobos (com o nascimento do neto).

No exemplo em (14a), extraído de Bobaljik (1995), vemos, segundo o autor, que *all* aparece modificando o adjetivo *petted*, com o sentido semelhante ao de um advérbio como “completamente”. Para aquele autor, uma vez que *all* só acarreta leitura completiva quando ocorre entre o verbo *be* e o particípio passado, *all* jamais poderia ter flutuado nessa posição, o que se constitui como evidência, em sua análise, de que *all* tem natureza adverbial. O exemplo em (14b), extraído de Vicente & Quadros Gomes (2013), apresenta leitura ambígua: pode significar tanto que todos os avós estão bobos (leitura quantificacional) quanto que os avós estão completamente bobos (leitura intensificacional). Pires de Oliveira (2003) já havia observado, em PB, sentenças em que *todo* aparece como intensificador:

(15) a. O menino tá todo triste.

b. \*Todo o menino tá triste.

c. \*O menino todo tá triste.

d. O menino tá            todo            triste.  
                                   muito  
                                   meio  
                                   um pouco  
                                   totalmente

Para a autora, a sentença em (15a) mostra que também ocorre quantificação-A em PB, pois, nesse caso, há um uso adverbial de *todo*, que modifica a propriedade expressa no sintagma verbal, o que explica a impossibilidade de *todo* ocorrer adjacente ao DP em (15b-c), já que não

o modifica<sup>77</sup>. Uma prova disso é a relação paradigmática estabelecida entre *todo* e os demais intensificadores em (15d). Porém, conforme aponta Quadros Gomes (2004), quando lidamos com *todo-all* plural, *todos*, por tomar como complemento um DP que denota um conjunto de entidades atômicas, prevemos que sua distribuição seja menos restrita que *todo*, conforme podemos evidenciar ao pluralizar (15):

- (16) a. Os meninos estão todos tristes.  
 b. Todos os meninos estão tristes.  
 c. Os meninos todos estão tristes.  
 d. Os meninos estão todos tristes.  
   muito  
   meio  
   um pouco  
   totalmente

A gramaticalidade de (16b) e (16c) está ligada à possibilidade de leitura com quantificação universal distributiva: cada indivíduo atômico presente na denotação do DP está triste. O predicado de *stage-level* se aplica a cada indivíduo atômico presente na denotação do DP, o que não seria possível caso o DP denotasse um único indivíduo, como mostra Pires de Oliveira (2003):

- (17) \*Todas as partes do menino estão felizes.

Mesmo podendo gerar leitura quantificacional em todas as posições que ocupa nas sentenças em (16), vemos em (16d) que a relação paradigmática entre *todos* e os intensificadores se mantém, e podemos entender que, naquela posição, a leitura intensificacional também é possível: os meninos estão *completamente* tristes, num grau máximo de tristeza.

Quadros Gomes (2004) atesta a função intensificadora de *todos* em ambientes de predicação secundária. Primeiro, a autora constata, conforme já mostramos em momentos anteriores (rever capítulo 2), a impossibilidade de *todos*, modificando o sujeito, ocorrer após o objeto direto, na última posição da sentença:

---

<sup>77</sup> Pela análise de Vicente & Quadros Gomes (2013), a impossibilidade de ocorrência de *todo* adjacente ao DP em (15b-c) mostra que *todo* está atuando sobre a propriedade (e sobre o DP que detém a propriedade), gerando leitura unicamente intensificacional.

(18) (Todos) os bárbaros (todos) destruíram (todos) a cidade (\*todos).

Logo em seguida, Quadros Gomes (2004) mostra que, com a inserção de um predicado secundário, a sentença é perfeita com *todos* figurando naquela posição, o que, segundo a autora, mostra que *todos*, nessa configuração, intensifica o predicado secundário:

(19) (Todos) os bárbaros (todos) destruíram (\*?todos) a cidade (todos) enfurecidos.

Considerando-se a última posição ocupada por *todos* em (19), entende-se, segundo Quadros Gomes (2004, p. 234), que: “(i) a cidade foi destruída pelos bárbaros; e (ii) todos eles estavam enfurecidos enquanto a destruíam. Com o predicado secundário, ‘todos’ dentro de VP se refere ao DP sujeito mas modifica o adjetivo (significa algo como ‘muito enfurecidos’).”

Pela análise de Quadros Gomes (2004), *todos* gera leitura intensificacional quando ocupa a posição entre o objeto e o predicado secundário, mas o mesmo não se pode afirmar (com certeza) a respeito de *tudo*:

(20) Os bárbaro destruiu/destruíram a cidade tudo enfurecido.

No dado em (20), *tudo* ocorre entre o objeto e o predicado secundário orientado para o sujeito, mas a leitura obtida é quantificacional: cada bárbaro pertencente à denotação do DP participou do evento de destruição da cidade estando enfurecido. Por outro lado, em contextos em que *tudo* modifica o objeto, ocorrendo entre este e o predicado secundário voltado ao objeto, como em (21), acreditamos que haja ambiguidade entre a leitura de quantidade e a (possível, a nosso ver) leitura de intensidade:

(21) João comeu as verdura tudo crua.<sup>78 79</sup>

A nosso ver, pode haver as duas possibilidades seguintes de leitura para (21): João comeu todas as verduras cruas, não sobrando uma verdura sequer (leitura quantificacional); ou João comeu as verduras que estavam completamente cruas (leitura intensificacional). Um teste de continuação de sentença poderia evidenciar a favor dessa hipótese:

(22) a. João comeu as verdura tudo crua, mas restaram algumas verduras cruas em seu prato.

<sup>78</sup> O dado em (21) foi adaptado ao uso de *tudo* a partir de um exemplo de Quadros Gomes (2004) voltado ao uso de *todos* em contexto de predicação secundária voltada ao objeto.

<sup>79</sup> Por introspecção, entendemos que o dado apresenta leitura intensificacional. Infelizmente, não o levamos a julgamento a fim de testar essa hipótese de que há possibilidade de se obter a leitura de intensidade.

b. João comeu as verdura tudo crua, e não restou nada em seu prato.

Se *tudo* não pudesse gerar leitura intensificacional, seria impossível entender que restaram verduras cruas no prato de João, como em (22a), visto que o efeito maximalizador de *tudo* deveria fazer com que o evento se aplicasse maximamente ao argumento interno, não restando partes desse argumento que não estivessem incluídas no evento de “serem comidas pelo João”. Vale lembrar que os resultados dos testes aplicados por Lima (2013) atestam que um item dessa natureza não permite não-maximalidade. Ainda assim, reconhecemos que o dado é polêmico, e a leitura preferida é a de quantidade.

Todavia, ainda que descartemos a possibilidade de leitura intensificacional em (21), há contextos bastante restritos, como em (22)<sup>80</sup>, em que se pode constatar o uso intensificacional de *tudo*:

(23) a. Uns menino tudo esquisito tava rondando a porta da escola.

b. Tô com as costa tudo dolorida.

Os dados em (23), aliás, têm leitura unicamente intensificacional. Em (23a), a indefinidade do DP é incompatível com quantificação universal distributiva; em (23b), embora “costa(s)” seja sintaticamente plural, denota, semanticamente, uma entidade singular, por fazer referência às costas de uma única pessoa, sem partes atômicas que seriam necessárias para licenciar o uso quantificacional de *tudo*. Tanto é que, como ilustrado em (24), é impossível a flutuação de *tudo* em outras posições das sentenças em (23).

(24) a. Uns menino esquisito (\*tudo) tava (\*tudo) rondando (\*tudo) a porta da escola.

b. Tô com as costas dolorida (\*tudo).

Caso parafraseássemos *tudo* por um item da série *todo-all*, o mesmo resultado seria obtido em relação à impossibilidade de ocorrência em outra posição que não a adjacente à esquerda do AP (única posição capaz de gerar leitura de intensidade):

(25) a. (\*Todos) uns meninos (todos) esquisitos (\*todos) estavam (\*todos) rondando (\*todos) a porta da escola.

b. Estou com (\*todas) as costas (todas) doloridas (\*todas).

---

<sup>80</sup> Os dados de fala espontânea, em (22), foram coletados durante a realização desta pesquisa.

A partir das constatações em relação aos itens da série de *todo-all*, conforme observam Vicente & Quadros Gomes (2013), não raro a literatura tem despachado dois tratamentos para *todo-all*, classificando-o ora como um item lexical do tipo quantificador-D (*D-quantifier*), ora como um item lexical do tipo quantificador-A (*A-quantifier*). Vicente & Quadros Gomes (2013) consideram equivocado tal tratamento, por falta de evidências que sustentem teórica e empiricamente a existência de dois itens *todo-all* homófonos, exercendo funções distintas. Nas palavras de Vicente & Quadros Gomes (2013, p. 113), “a classificação em quantificador ou intensificador não só não cabe, como a divisão em classes não ajuda em nada a análise sintática e semântica das línguas naturais”.<sup>81</sup>

As autoras propõem que *todo-all* seja encarado como um único operador semântico, cuja função é sempre saturar ao grau máximo a relação entre um argumento e seu predicador. Dessa forma, as duas leituras em sentenças como (14b) seriam resultado de estruturas sintáticas distintas (e não de dois itens lexicais homófonos distintos). Vamos pressupor tal proposta em nossa análise, considerando que rotular *tudo* (na qualidade de item coloquial da série de *todo-all*) como quantificador é inadequado se pretendemos abarcar, também, essa análise unificada em nossa proposta; portanto, utilizaremos o rótulo “modificador de grau”, proposto por Vicente & Quadros Gomes (2013).

Em sentenças de leitura ambígua como (14b), as autoras mostram que a ambiguidade é desfeita em outras posições em que *todos* possa ocorrer:

- (26) a. Todos os avós estão bobos.  
 b. Os avós todos estão bobos.  
 c. Os jogador tudo jogou cansado.

Para as autoras, a explicação é que a leitura intensificacional não pode prescindir da estrita adjência entre *todos* e o AP, da mesma forma que *todo*, quando subcategorizando um nome nu, não pode flutuar, como mostram os dados fornecidos pelas autoras em (27). Em Vicente, Quadros Gomes & Lunguinho (2016), propõe-se que a leitura intensificacional só pode

---

<sup>81</sup> As autoras argumentam que não é inovação do PB a alternância categorial de um item ora como quantificador/determinante, ora como intensificador. Elas apresentam dados do inglês em que *all* é usado como intensificador (como (i) e (ii)) e o dado ambíguo em (iii), em que *all* varia entre um típico quantificador e um típico intensificador:

- (i) My mom is all mad at me. (Minha mãe está completamente furiosa comigo.)  
 (ii) Do you feel all goofy? (Você se sente um completo idiota?)  
 (iii) The players were all sexy. (Os jogadores estavam todos/completamente sexy.)

ser gerada quando um sintagma de grau (DegP) é projetado sobre um predicado não-verbal, tendo escopo sobre ele (conforme veremos detalhadamente mais adiante).

- (27) a. All fish swim.  
 b. \*Fish all swim.  
 c. \*Fish swim all.
- a'. Todo peixe nada.  
 b'. \*Peixe todo nada.  
 c'. \*Peixe nada todo.

Os dados em (27a) e (27a') mostram que *todo* também pode selecionar nomes nus (além de DPs plenos), que têm sido analisados na literatura como predicados (não como DPs) (CHIERCHIA, 1998; LONGOBARDI, 1994, 2001) – e, por isso, não podem ser sujeitos de sentenças episódicas (MÜLLER, 2001 apud VICENTE & QUADROS GOMES, 2013). Consequentemente, *todo*, nesses casos, embora quantifique universalmente, não pode ser considerado como um determinante. Destarte, tal fato também se constitui como um desafio a uma análise unificadora.

Antes de prosseguir o raciocínio rumo a uma uniformização no tratamento das sentenças envolvendo o modificador de grau *tudo*, será necessário esboçar a teoria sobre expressões de grau que as autoras adotam e como isso se reflete em sua/nossa proposta.

### 3.3.1 A teoria sobre expressões de grau estendida a todo

Adjetivos de grau, ao contrário de outros adjetivos, podem ser intensificados, bem como podem figurar em construções comparativas, como mostram os dados em (28) e (29), extraídos de Vicente, Quadros Gomes & Lunguinho (2016):

- |   |                       |
|---|-----------------------|
| (28) a. Maria é/está mais/menos alta que Alice. | ( <i>degree</i> )     |
| b. *Maria está mais/menos grávida que Alice.    | ( <i>non-degree</i> ) |
| (29) a. José é muito agradável/chato/dedicado.  | ( <i>degree</i> )     |
| b. *José é muito bípede/casado/terrível.        | ( <i>non-degree</i> ) |

O contraste observado nos dados em (28) e (29) entre adjetivos de grau e outros adjetivos diz respeito às diferenças sintático-semânticas entre eles: segundo Vicente & Quadros Gomes (2013), adjetivos de grau projetam na sintaxe uma camada funcional de grau, DegP, que tem por núcleo um grau (*degree*), e que é capaz de alocar modificadores de grau (como intensificadores, por exemplo); além disso, adjetivos de grau são considerados semanticamente

como “relacionais”, isto é, relacionam dois graus – um grau de parâmetro definido pelo contexto e outro aplicado ao DP pelo adjetivo de grau.

Para esclarecer o que dissemos sobre a natureza relacional das expressões de grau, exemplifiquemos, utilizando a expressão “a mesa muito larga”, com as palavras das próprias autoras:

os advérbios intensificadores são alojados nessa camada [...] [funcional] de grau. Sua presença altera a natureza da relação entre os graus requerida pelo sintagma adjetival [...]. Por exemplo, a mesa de 1,5m de LARGURA será larga, mas não muito larga, se o parâmetro for uma mesa de 1,3m. Porém, se a comparação se der com uma mesa de 90cm, não haverá dúvidas em considerar muito larga a mesa de 1,5m. ‘Muito’ modifica a relação entre os graus requerida pelo adjetivo, acrescentando uma nova exigência: a de que o intervalo entre os graus comparados seja grande. (VICENTE & QUADROS GOMES, 2013, p. 117).

Assim, de acordo com as autoras, o adjetivo, na semântica de graus, apenas liga seu argumento ao grau que lhe é correspondente numa escala, sendo a relação de comparação introduzida pelo núcleo do sintagma de grau, d (de *degree*). Um grau corresponde a um ponto ou intervalo numa escala qualquer, e uma escala corresponde a um ordenamento lógico de graus (dimensionado pelo significado do adjetivo), por ordem de grandeza. Sintaticamente, pela proposta de Vicente & Quadros Gomes (2013), a marcação de grau é saturada em localidade estrita entre o intensificador e o sintagma adjetival, de modo que é banida a intervenção de algum elemento entre ambos, como evidenciado em (30) – todavia, essa proposta é revisada em Vicente, Quadros Gomes & Lunguinho (2016), quando se trata do modificador de grau *todo-all*, pois a marcação de grau é saturada sobre a relação de predicação [DP argumento da propriedade + predicado atribuidor de propriedade], conforme veremos adiante.

(30) a. muito larga

b. \*muito mesmo larga

c. \*muito mesa larga

Porém, segundo Vicente & Quadros Gomes (2013), nem todos os modificadores de grau se comportam de modo semelhante. Ao lidar com esse problema, as autoras adotam a proposta de Kennedy & McNally (2005), que postulam a existência de variedades de configuração lógica das escalas dimensionadas pelos adjetivos de grau; isto quer dizer que cada adjetivo de grau projeta um tipo de escala. “Basicamente, a escala pode ser aberta, fechada apenas no grau

mínimo, apenas no grau máximo ou em ambos. Assumindo essa variação, os autores mostraram que cada M[odificador de]G[rau] seleciona um tipo de escala” (VICENTE & QUADROS GOMES, 2013, p. 119).

Conforme evidenciam os dados, extraídos de Vicente & Quadros Gomes (2013), em (31), o modificador de grau *todo-all*, de acordo com as autoras, seleciona uma escala fechada no grau mínimo e satura-a ao grau máximo, retornando com uma escala fechada e preenchida de modo contínuo (em todo o intervalo entre os graus mínimo e máximo).

- |  |  |
|--|--|
| (31) a. A montanha é <i>muito/*toda</i> alta.  | (ALTURA: escala aberta)  |
| b. Meu bolso está <i>bastante/*todo</i> vazio. | (OCUPAÇÃO: escala fechada tanto no grau máximo quanto no mínimo) |
| c. Essa colher está <i>muito/toda</i> suja.    | (LIMPEZA: escala fechada apenas no grau mínimo)                  |

Em relação a (31c), pode-se dizer que uma colher está suja desde que ela esteja minimamente suja e, assim, será possível sujá-la ainda mais. Porém, uma colher *toda suja* possui um grau máximo de sujeira, de modo que é impossível sujá-la ainda mais. De acordo com as autoras, o mesmo pode ser dito em relação a “adjetivos psicológicos”, que sempre aceitam modificação por *todo-all*.

- (32) a. Ele foi *muito/todo* fofo comigo.
- b. Essa menina é *muito/toda* sedutora.
- c. Pedro é *muito/todo* saudável.

Os adjetivos de grau das sentenças em (32) também representam escalas fechadas em grau mínimo: por exemplo, se alguém foi sutil e minimamente fofo para comigo, pode-se dizer que esse alguém foi fofo; e se esse alguém foi “todo fofo”, o foi num grau máximo, sem que possa ter sido mais fofo em outra ocasião (VICENTE & QUADROS GOMES, 2013, p. 121).

Parece-nos que estender essa teoria de graus a *tudo* é profícuo, visto que tal teoria consegue captar o fato de que esse item modifica as relações de predicação entre um predicador e seu argumento, maximalizando (noção que discutimos na seção anterior, 3.2), no caso das leituras de intensidade, a aplicação da referida propriedade ao argumento detentor dessa propriedade (como as sentenças em (23)); e, no caso das leituras de quantidade, a participação do argumento no evento.

Na próxima subseção, retomaremos o raciocínio que vinha sendo delineado ao longo da seção anterior, discutindo a aplicação da teoria de grau às sentenças de leitura quantificacional e, posteriormente, fornecendo a sintaxe para ambas leituras, quantificacionais e intensificacionais.

### 3.3.2 A modificação de grau em leituras de quantidade

Observemos as sentenças em (33):

(33) a. Os menino comeu a pizza.

b. Os menino tudo comeu a pizza.

Seguindo o raciocínio desenvolvido em Vicente & Quadros Gomes (2013), poder-se-ia, também, analisar as relações predicativas nessas sentenças como uma escala que mede o grau de participação dos componentes da extensão do argumento no evento, numa escala de zero a cem por cento. Em (33a), por exemplo, as condições de verdade da sentença requerem a aplicação da predicação sobre uma mínima parte da extensão do argumento externo, ou seja, de um grande grupo de garotos, somente uma quantidade mínima (em relação a um parâmetro estabelecido contextualmente) precisa ter comido a pizza para que a sentença seja verdadeira: por analogia, tal sentença é uma escala fechada em grau mínimo. Dessa forma, conseguimos captar numa análise de graus o que Brisson (1998) descreveu como enfraquecimento pragmático no domínio de distribuição do predicado. Já a sentença em (33b) mostra o efeito semântico de maximalização que a presença do modificador de grau opera sobre a extensão do DP argumental ao qual a predicação é aplicada: todos os componentes integrantes da extensão do DP participaram do evento de comer a pizza. Assim, *tudo*, como modificador de grau, eleva ao grau máximo o valor da escala, retornando a ideia de que cem por cento da extensão do DP participou do evento.

Essa ideia se sustenta empiricamente, visto que há relações predicativas sentenciais que podem ou não ser modificadas por este modificador de grau, conforme apontam Vicente, Quadros Gomes & Lunguinho (2016):

(34) a. O pastor ensaboou a ovelha toda.

b. O pastor vacinou a ovelha (\*toda).

A gramaticalidade de (34a) está ligada ao fato de à relação de predicação poder se aplicar a modificação de grau, tal que a predicação se estenderia a 100% das partes que constituem a extensão do DP, ou seja, todo o corpo da ovelha poderia ter sido ensaboado, da cabeça às patas. Já a agramaticalidade de (34b) com a inserção do modificador de grau pode ser associada ao fato de a predicação não poder se aplicar a todas as partes que constituem a extensão do DP, ou seja, a aplicação da injeção envolve apenas uma única parte do corpo da ovelha. Removido o modificador de grau, a sentença é perfeitamente aceitável. De acordo com os autores, (34a) é um predicado distributivo, capaz de distribuir maximamente a predicação a toda a extensão do DP argumento; já (34b) é um predicado incapaz de distribuir maximamente sobre o DP argumento. Mas, como bem observado por Vicente, Quadros Gomes & Lunguinho (2016), se o DP argumento denotasse um conjunto, como ilustrado em (35), o predicado poderia perfeitamente se distribuir maximamente sobre as entidades atômicas componentes da extensão do DP, satisfazendo as exigências que o modificador de grau impõe às relações de predicação.

(35) a. O pastor vacinou todo o rebanho.

b. O pastor vacinou as ovelha tudo.

Dessa forma, embora predicados sentenciais não sejam naturalmente expressões de grau, as evidências parecem sugerir a Vicente & Quadros Gomes (2013) que, quando *todo-all* figura na sentença, as relações de predicação sentencial também remetem a escalas de participação da extensão do argumento no evento. Consequentemente, as autoras propõem que relações de predicação sentencial primárias (como VP, em que ocorre *merge* do verbo com seu argumento interno, e vP, com o argumento externo), quando modificadas por *todo-all*, também projetem uma camada funcional de grau, DegP, que mapeia a escala de participação do argumento no evento.

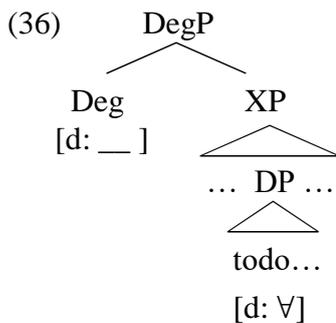
Segundo Vicente, Quadros Gomes & Lunguinho (2016), uma vez que *todo-all* sempre opera sobre escalas – estando sempre associado a um sintagma de grau, DegP –, conclui-se que não há distinção entre *todo* quantificador e *todo* intensificador: sua função sempre é a de ajustar relações de predicação.

Na subseção que se segue, discutiremos a sintaxe proposta em Vicente, Quadros Gomes & Lunguinho (2016) – aplicando-a a *tudo* – para a argumentação de Vicente & Quadros Gomes (2013), aqui delineada e estendida a *tudo*, de que *todo-all* é um modificador de grau, e que as leituras quantificacional e intensificacional são produtos de estruturas sintáticas distintas.

### 3.3.3 Propondo a derivação de sentenças com tudo

Nas subseções anteriores, argumentamos, fundamentados na proposta de Vicente & Quadros Gomes (2013), que *tudo* seja analisado como modificador de grau. Nesse sentido, *tudo* (assim como qualquer item da série *todo-all*) opera sobre escalas, modificando o grau de participação de um DP no evento denotado pelo verbo para máximo, da mesma forma que pode modificar para máximo, em contextos bastante restritos (como nas sentenças em (23)), o grau de aplicação de uma propriedade a um argumento. Assumir, destarte, que *tudo* tenha escopo sobre as relações de predicação, requer que esse modificador de grau, na sintaxe, c-comande a projeção em que há *merge* entre o evento e seu argumento, em caso de leitura quantificacional, ou a projeção que contém a propriedade e o argumento ao qual a propriedade é aplicada, em caso de leitura intensificacional (VICENTE, QUADROS GOMES & LUNGUINHO, 2016).

No modelo proposto por Vicente, Quadros Gomes & Lunguinho (2016), o qual delinearemos a partir de agora, *todo-all*, considerado como um elemento com propriedades A', entra na derivação sempre portando um traço de grau (*degree feature*),  $\forall$ , com valor “máximo”, relevante para o núcleo d do sintagma de grau DegP, conforme ilustrado em (36):



Os autores também assumem que DegP é uma projeção funcional periférica, que figura em domínio A' (invisível ao DP ou à sonda- $\Phi$  de T, portanto), cujo núcleo deve entrar em relação de *Agree* com o modificador de grau *todo*, a fim de valorar seu traço de grau. Tal operação ocorre assim que Deg é projetado, posteriormente à operação de *Concord* entre Q e DP (etapa derivacional que analisaremos separadamente em seção posterior).

Nas sentenças com leitura quantificacional, conforme dissemos, DegP pode ser projetado sobre as relações de predicação sentencial primárias: ou seja, sobre vP (lugar em que o argumento externo é gerado na base) ou VP (lugar em que o argumento interno é gerado na base), como ilustra (37):



A representação acima, em (37), mostra que, em sentenças em que o grau de participação do argumento interno no evento é modificado pelo modificador de grau, DegP é projetado sobre VP, ao passo que, quando o grau de participação do argumento externo no evento é modificado, DegP é projetado sobre vP. Os exemplos a seguir, em (38), constituem as etapas iniciais na derivação de sentenças com leitura quantificacional.

(38) a. Os menino gastaram as moeda tudo. (*argumento interno*)

[<sub>DegP</sub> [<sub>Deg'</sub> d [<sub>VP</sub> [<sub>V'</sub> gastar [[as moeda]<sub>i</sub> tudo t<sub>i</sub>]]]]]]

b. Os menino tudo gastaram as moeda. (*argumento externo*)

[<sub>DegP</sub> [<sub>Deg'</sub> d [<sub>VP</sub> [[Os menino]<sub>i</sub> tudo t<sub>i</sub>] [<sub>v'</sub> v [<sub>VP</sub> [<sub>v'</sub> gastar [as moeda]]]]]]]]

Havendo a inserção de DegP na derivação, há a valoração do traço não-interpretável de grau do núcleo d via *Agree* com *tudo*, que porta o traço  $\forall$ , que, de acordo com os autores, fornece a interpretação de maximalização, em que o grau de participação da extensão do DP no evento é total. Se o núcleo d for selecionado para a numeração com um traço [+EPP]<sup>82</sup>, a valoração do traço de grau desse núcleo desencadeará movimento do modificador de grau para Deg, e, conseqüentemente, haverá *Q-float* (ver (39c)); do contrário, na ausência de um traço EPP em d, a valoração ocorre *in situ*, podendo o modificador de grau e o nominal a ele associado permanecer na posição de origem (ver (39a)) ou se deslocar por *pied-piping* para SpecTP (ver (39b)).

(39) a. Os menino gastaram as moeda tudo.

[<sub>TP</sub> [<sub>DP</sub> Os menino]<sub>k</sub> [<sub>T'</sub> gastaram]<sub>j</sub> [<sub>vP</sub> t<sub>k</sub> [<sub>v'</sub> t<sub>j</sub> [<sub>DegP</sub> [<sub>Deg'</sub> d<sub>[-EPP]</sub> [<sub>VP</sub> [<sub>v'</sub> t<sub>j</sub> [<sub>DP</sub><sup>83</sup> [as moeda]<sub>i</sub> [tudo t<sub>i</sub>]]]]]]]]]]]]

b. Os menino tudo gastaram as moeda. (*d [-EPP] ⇒ Agree in situ*)

[<sub>TP</sub> [<sub>DP</sub> [Os menino]<sub>k</sub> [tudo<sub>q</sub>]] [<sub>T'</sub> gastaram]<sub>j</sub> [<sub>DegP</sub> [<sub>Deg'</sub> d<sub>[-EPP]</sub> [<sub>VP</sub> [t<sub>k</sub> [t<sub>q</sub> t<sub>k</sub>]] [<sub>v'</sub> t<sub>j</sub> [<sub>VP</sub> [<sub>v'</sub> t<sub>j</sub> [<sub>DP</sub> as moeda]]]]]]]]]]]]

c. Os menino<sub>i</sub> gastaram tudo<sub>i</sub> as moeda. (*d [+EPP] ⇒ Q-float*)

[<sub>TP</sub> [<sub>DP</sub> Os menino]<sub>k</sub> [<sub>T'</sub> gastaram]<sub>j</sub> [<sub>DegP</sub> [<sub>Deg'</sub> [tudo<sub>q</sub>+d<sub>[+EPP]</sub>] [<sub>vP</sub> [t<sub>k</sub> [t<sub>q</sub> t<sub>k</sub>]] [<sub>v'</sub> t<sub>j</sub> [<sub>VP</sub> [<sub>v'</sub> t<sub>j</sub> [<sub>DP</sub> as moeda]]]]]]]]]]]]

<sup>82</sup> Na Teoria Gerativa, um traço EPP, presente em um núcleo funcional, geralmente força o movimento de um elemento sintático, via *Agreement*, para a posição de especificador da projeção desse núcleo funcional. O traço EPP do núcleo Deg, na proposta de Vicente, Quadros Gomes & Lunguinho (2016), assim como em nossa proposta, força o movimento do modificador de grau, que também é um elemento nuclear, para a posição de núcleo do sintagma de grau.

<sup>83</sup> O rótulo DP, utilizado por Vicente, Quadros Gomes & Lunguinho (2016), é uma simplificação, visto que os autores adotam a proposta de Vicente (2006) de que o modificador de grau (QP) e o DP selecionado por ele são gerados inicialmente como um único constituinte sintático. Manteremos em nossas representações tal rótulo, postergando a discussão sobre as relações que se estabelecem interiormente ao domínio nominal para uma seção posterior.

As sentenças com leitura intensificacional, segundo Vicente, Quadros Gomes & Lunguinho (2016), são geradas quando DegP c-comanda um predicado não-verbal. Em uma sentença como (40), por exemplo, AP (predicado não-verbal) projeta a camada periférica funcional DegP. Há *Concord* entre os elementos do sintagma nominal, mas, nesse caso, *todo* não possui traço de Caso para ser valorado (ao contrário das sentenças com leitura quantificacional).

- (40) O João está todo cansado.  
 [DegP [Deg' d [AP [DP todo o João] [A' cansado]]]]

Os autores assumem, com Foltran (1999), que predicados secundários orientados para o sujeito se adjungem a IP (TP), ao passo que predicados secundários orientados para o objeto se adjungem a VP. No caso, o predicado secundário “todo o João cansado”, que tem orientação para o sujeito, é adjungido a TP, conforme a derivação da sentença em (41) ilustra:

- (41) O João chegou todo cansado.  
 [TP [TP [DP O João]<sub>k</sub> [T' chegou<sub>j</sub> [VP [V' t<sub>j</sub> t<sub>k</sub>]]]] [DegP [Deg' [todo<sub>q</sub>+d<sub>[+EPP]</sub>] [AP [DP [t<sub>q</sub> t<sub>k</sub>] [A' cansado]]]]]]

*Q-float* ocorre em (41) porque o núcleo d tem um traço [+EPP] – o que, como consequência, acaba garantindo que *todo* se mantenha adjacente ao sintagma adjetival, única configuração possível para leituras intensificacionais. O DP é *merged* como argumento interno do verbo inacusativo, movendo-se para checar os traços-Φ da sonda T e, também, valorando seu traço de Caso como [Nominativo].

Se, pelas evidências que analisamos, estamos corretos ao afirmar que *tudo* também possa gerar leitura de intensidade, a proposta dos autores é extensível a esse tipo de construção em que *tudo* ocorre. A leitura intensificacional de uma sentença como (42), por exemplo, seria gerada pela projeção de DegP tendo escopo sobre AP (um predicado não-verbal), como ilustrado abaixo:

- (42) a. João viu uns menino tudo esquisito. (*DegP* > *AP*)  
 b. [DegP [Deg' d [AP [DP [uns menino]<sub>i</sub> tudo t<sub>j</sub>] [A' esquisito]]]]  
 c. [TP [DP João]<sub>k</sub> [T' viu<sub>j</sub> [VP [DP uns menino]<sub>m</sub> [v' t<sub>k</sub> [v' t<sub>j</sub> [VP [VP [V' t<sub>j</sub> t<sub>m</sub>]] [DegP [Deg' [tudo<sub>q</sub>+d<sub>[+EPP]</sub>] [AP [DP t<sub>m</sub> [t<sub>q</sub> t<sub>m</sub>]] [A' esquisito]]]]]]]]]]]]

Dado que o predicado secundário é orientado ao objeto, o complexo em (42b) é adjungido a VP (como mostra (42c)). O DP “uns menino” também é argumento interno do

verbo, e se move para SpecvP a fim de valorar seu traço de Caso, assim como *tudo* se move para o núcleo de grau pela presença do traço [+EPP] nesse núcleo.

Conforme vimos, a função do modificador de grau, independentemente da leitura gerada, é exatamente a mesma: ajustar relações de predicação. O que ocasiona diferentes leituras é o tipo de relação de predicação sob o escopo do sintagma de grau, DegP; em outras palavras, a diferença nas possíveis leituras é resultante de estruturas sintáticas distintas. Assim, se a sentença em (21) fosse ambígua, como pressupomos que seja, sua leitura quantificacional seria captada por uma estrutura subjacente como em (43b), ao passo que a possível leitura intensificacional teria uma estrutura diferente, como em (43c).

(43) a. João comeu as verdura tudo crua.

b. *Leitura quantificacional* (DegP > VP)

[TP [DP João]<sub>k</sub> [T' comeu<sub>j</sub> [vP [DP as verdura]<sub>m</sub> [v' t<sub>j</sub> [DegP [Deg' d [VP [VP [v' t<sub>j</sub> [DP t<sub>m</sub> [tudo t<sub>m</sub>]]]] [AP crua]]]]]]]]]

c. *Leitura intensificacional* (DegP > AP)

[TP [DP João]<sub>k</sub> [T' comeu<sub>j</sub> [vP [DP as verdura]<sub>m</sub> [v' t<sub>k</sub> [v' t<sub>j</sub> [VP [VP [v' t<sub>j</sub> t<sub>m</sub>]] [DegP [Deg' [tudo]<sub>q</sub>+d<sub>[+EPP]</sub>] [AP [DP t<sub>m</sub> [t<sub>q</sub> t<sub>m</sub>] [A' crua]]]]]]]]]]]

Pela representação em (43b), em que DegP tem escopo sobre VP, o significado obtido é de que todas as verduras presentes na extensão do DP, sem exceção, foram comidas cruas pelo João. Já pela representação em (43c), em que DegP tem escopo sobre AP, o significado obtido é de que as verduras que o João comeu estavam completamente cruas.

Vê-se que a possibilidade de estender a proposta de Vicente, Quadros Gomes & Lunguinho (2016) a *tudo* amplia seu alcance explicativo. Na subseção seguinte, ainda discutiremos essa proposta a partir da comparação entre as propriedades de *todo* e *tudo* no que diz respeito às sentenças com nomes nus.

### 3.4 Contrastando *tudo* e *todo* em sentenças com nomes nus (*bare nouns*)

Nesta seção, pretendemos mostrar que a tentativa de Vicente, Quadros Gomes & Lunguinho (2016) de estender sua proposta a [todo + N<sub>nu</sub>] é interessante do ponto de vista teórico, mas que algumas observações por eles elencadas precisariam ser revistas se compararmos o comportamento de [todo + N<sub>nu</sub>] a [N<sub>nu</sub> ...+ tudo], que apresentam propriedades sintáticas diferentes. Pretendemos mostrar, destarte, que as ocorrências de [N<sub>nu</sub> ...+ tudo] e [todo + N<sub>nu</sub>] seriam acomodadas pela sintaxe fornecida na seção anterior de modo uniforme.

Vimos, no início da seção anterior, que *todo* também pode selecionar nomes nus, como mostram os dados em (27a) e (27a'), repetidos abaixo como (44). Os nomes nus têm sido analisados pela literatura como predicados (+pred), conforme observado pelos autores em questão. Eles ainda atentam para o fato de que tais estruturas têm somente leitura quantificacional, como ilustram as paráfrases e as interpretações em (44a'-a'') e (44b'-b'').

- (44) a. All fish swim.  
 a'. All the fish swim.  
 a''.  $\forall x[x \in \llbracket \text{fish}' \rrbracket] \rightarrow \text{swim}'(x)$
- b. Todo peixe nada.  
 b'. Todos os peixes nadam.  
 b''.  $\forall x[x \in \llbracket \text{peixe}' \rrbracket] \rightarrow \text{nada}'(x)$

Outras duas observações que os autores fazem, cruciais para a análise que esboçarão, é que, nos casos de combinação entre *todo* e nome nu, (i) não é possível a flutuação de Q, (ii) tampouco o reordenamento dos dois constituintes internamente ao DP:

- (45) a. Todo homem é mortal.  $([\text{todo} + N_{nu}] \checkmark OK)$
- b. \*Homem é todo mortal.  $(*Q\text{-float})$
- c. \*Homem todo é mortal.  $(*[N_{nu} + \text{todo}])$

Partindo dessas observações, os autores levantam a hipótese de a impossibilidade de reordenamento interno ao DP poder ser consequência da estrutura funcional de nomes nus, aparentemente menos articulada que a de DPs plenos (que permitem reordenamento).

Eles também especulam que a impossibilidade da flutuação de Q poderia estar relacionada à inexistência de DegP nessas estruturas (o que acarretaria a inexistência de local de pouso para alocar *todo*) ou à existência do núcleo de grau selecionado para a numeração sem traço EPP (o que, como vimos, é determinante para a ocorrência ou ausência de *Q-float*). Porém, os autores rejeitam a primeira hipótese, visto que, nesses casos, *todo* incorre exclusivamente em leitura quantificacional: ou seja, *todo* relaciona dois conjuntos – o conjunto dos humanos e o conjunto dos mortais –, garantindo que todos os elementos do conjunto denotado pelo nome nu sejam também membros do conjunto denotado pelo predicador. Ao postular a projeção de um DegP nessas sentenças, os autores indicam que DegP toma em seu escopo tanto o sujeito e o predicado de *individual-level* (o adjetivo “mortal”) quanto o tempo verbal (o verbo copulativo, *ser*, que, de acordo com os autores, tem papel fundamental em determinar o estatuto do

predicado como *individual-level*), portanto, o ponto de inserção de DegP na sentença seria sobre TP. Como TP estabelece relações sentenciais de predicação, não há como se obter leitura intensificacional, pois esta resulta exclusivamente da projeção do sintagma de grau sobre um predicado não-verbal.

Há ainda a questão do traço EPP, que os autores deixam aberto para estudos futuros, pois, havendo ou não um traço EPP no núcleo d, o efeito para a linearização da sentença será o mesmo, conforme ilustra a representação da proposta dos autores em (46):

- (46) a. Deg [+EPP]: movimento de *todo* para Deg  
 [DegP Deg<sub>[+EPP]</sub> todo [TP [t<sub>todo</sub> homem] é mortal ...]]
- b. Deg [-EPP]: *todo* permanece no sintagma nominal  
 [DegP Deg<sub>[-EPP]</sub> [TP [todo homem] é mortal ...]]

Se compararmos as sentenças em (45) com as sentenças em (47), que mostram que *tudo* também seleciona nomes nus, vemos que há diferenças nas posições em que esses modificadores de grau podem ocorrer:

- (47) a. \*Tudo cachorro é bonzinho. (\*[*tudo* + *N<sub>nu</sub>*])
- b. \*Cachorro tudo é bonzinho. (\*[*N<sub>nu</sub>* + *tudo*])
- c. Cachorro é tudo bonzinho. (*Q-float* ✓OK)

Pela agramaticalidade de (47b), vemos que parece ser plausível a hipótese de que a estrutura funcional dos nomes nus pode ser menos rica que a de um DP pleno, o que impossibilita o rearranjo interno dos dois constituintes.

Ademais, os dados em (47) também mostram que só é possível, nessas estruturas, *tudo* flutuado. Se aceitássemos a hipótese de Vicente, Quadros Gomes & Lunguinho (2016), seria impossível captar as ocorrências de *tudo* em estruturas com nomes nus. Dessa forma, defendemos que o ponto em que DegP é projetado na sintaxe não é sobre TP, como sugerem os autores, pois, uma vez que *tudo* é um elemento da série *todo-all*, não há motivos para que DegP seja projetado em pontos diferentes da sentença para cada um desses itens. Por isso, acreditamos que o ponto de inserção de DegP na sentença é sobre VP<sup>84</sup>.

<sup>84</sup> Vimos que, conforme ilustrado em (38a), DegP é projetado sobre VP quando o argumento interno é modificado pelo modificador de grau. Nas sentenças com nomes nus, também argumentamos que o ponto de inserção de DegP é sobre VP. Tais afirmações não são contraditórias ou um “remendo” ao sistema que vinha sendo proposto, visto que, nas sentenças em que *tudo* seleciona nomes nus, vP não é projetado.

Seguiremos Mateus *et al.* (2003), ao pressupor que o verbo copulativo, embora seja funcional (ou seja, embora fundamentalmente porte noções gramaticais, como tempo, modo e aspecto, e não tenha grade temática), é projetado na sintaxe em VP, sobre a *Small Clause* (cf. BERLINCK, DUARTE & OLIVEIRA, 2015). Consequentemente, estamos assumindo que, embora o predicador por excelência nessas construções seja o adjetivo, o local de projeção da cópula também estabelece relações de predicação – como vimos em Vicente, Quadros Gomes & Lunguinho (2016), o verbo funcional tem papel fundamental em determinar o estatuto do predicado como *individual-level* (ou *stage-level*).

Propomos que em sentenças como em (47c), envolvendo *tudo*, o núcleo Deg seja selecionado para a numeração sempre portando um traço [+EPP], que obrigará o movimento de *tudo* para d, ocasionando sua flutuação. Já nas sentenças envolvendo *todo*, como em (45a), o núcleo Deg será selecionado para a numeração sempre sem o traço EPP, o que possibilitará que o complexo [todo + N<sub>nu</sub>] se desloque para SpecTP, passando por sobre DegP, que está em um domínio A', e, portanto, invisível para o nome nu, conforme ilustra (48), simplificadamente:

(48) a. Cachorro é tudo bonzinho.

[<sub>TP</sub> [<sub>Cachorro</sub>]<sub>i</sub> [<sub>T'</sub> é<sub>j</sub> [<sub>DegP</sub> [<sub>Deg'</sub> tudo<sub>q</sub>+d<sub>[+EPP]</sub> [<sub>VP</sub> [<sub>V'</sub> t<sub>j</sub> [<sub>Small Clause</sub> [<sub>t<sub>q</sub> t<sub>i</sub></sub>] [bonzinho]]]]]]]]]]

b. Todo homem é mortal.

[<sub>TP</sub> [<sub>Todo</sub><sub>q</sub> [<sub>homem</sub>]<sub>i</sub>] [<sub>T'</sub> é<sub>j</sub> [<sub>DegP</sub> [<sub>Deg'</sub> d<sub>[-EPP]</sub> [<sub>VP</sub> [<sub>V'</sub> t<sub>j</sub> [<sub>Small Clause</sub> [<sub>t<sub>q</sub> t<sub>i</sub></sub>] [mortal]]]]]]]]]]

A diferença na linearização dos dois modificadores de grau em relação aos nomes nus é, em nossa proposta, fruto da presença ou ausência de um traço EPP no núcleo Deg selecionado para a numeração, o que nos permite captar o fenômeno de um modo mais uniforme, sem postular que DegP seja projetado em dois lugares diferentes, a depender do modificador de grau presente.

Na próxima seção, discutiremos superficialmente a questão da presença (ou ausência) de traços-φ em *tudo* e os mecanismos de concordância via *Concord*<sup>85</sup> no domínio do sintagma nominal, que são etapas iniciais nas derivações que propusemos na seção anterior, e, brevemente, a questão da obrigatoriedade da ordem DPQ.

<sup>85</sup> *Concord*, a grosso modo, é o estabelecimento de concordância nominal por meio de checagem/valoração *in situ* de traços-φ dos elementos nominais.

### 3.5 Traços- $\phi$ , concordância e ordem

Nesta seção, pretendemos, por meio da observação de alguns dados, evidenciar que *tudo* é defectivo em termos de traços- $\phi$ , pois só possui traço de número. Observaremos, também, que há restrições em relação à ocorrência de *tudo* em uma sentença – como já tinham notado Quadros Gomes (2004) e Müller, Negrão & Quadros Gomes (2007) em relação às restrições impostas à ocorrência de *todos/todas* –, uma vez que *tudo* só ocorre com elementos sobre os quais a predicação possa se distribuir de forma máxima. Por isso, *tudo* geralmente toma como restrição DPs plurais, podendo ainda selecionar nomes nus (*bare nouns*) e DPs singulares que denotem conjuntos de entidades. Trataremos, ainda, da realização de *Concord* entre Q e DP, assumindo o mecanismo proposto em Vicente, Quadros Gomes & Lunguinho (2016). Em relação à obrigatoriedade da ordem [DP Q], embora deixemos a questão em aberto para estudos futuros, nossa hipótese é de que há uma relação desse fenômeno com a defectividade de traços- $\phi$  de *tudo* (cf. CANÇADO, 2006; LACERDA, 2012), conforme evidenciaremos por meio de analogia à tentativa de extensão da proposta de Shlonsky (1991) para o francês.

Assumimos em diversas etapas deste trabalho visões semelhantes às de Godoy (2005), Cançado (2006), Vicente (2006) e Lacerda (2012), que propõem como variante coloquial de *todos* o uso “peculiar” de *tudo* em PB, visto que, tal como *todos*, *tudo* geralmente seleciona um DP plural como complemento e também pode flutuar. Porém, nossa visão é de que *tudo* não é uma “contraparte” de *todos*, mas um item coloquial pertencente à série *todo-all*, que compartilha de várias propriedades semelhantes às dos itens que a compõem. Além do mais, rejeitamos a hipótese de Lacerda (2012) de que *tudo* não possui traços- $\phi$  (rever, a esse respeito, a seção 2.5.4). O fato de *tudo* não poder figurar em ordem *tudo*+DP não necessariamente evidencia que ele não tenha traços- $\phi$ , mas pode evidenciar, conforme acreditamos, que o conjunto de traços que ele porta não é suficiente para valorar todos os traços não-interpretáveis da sonda em T<sup>0</sup>. Ademais, dizer que *tudo* não porta nenhum traço- $\phi$ , a nosso ver, faz-nos cogitar que a “invariabilidade” de *tudo* advoga a favor de uma análise adverbial, o que já rejeitamos.

Observemos, de forma superficial, o comportamento de *tudo* em relação aos itens que seleciona para compor o sintagma nominal. Conforme já mencionamos no capítulo 2 (seção 2.2), e em outras partes deste trabalho, *tudo* seleciona normalmente um DP sintaticamente plural como complemento:

(49) a. Os cachorro tudo

b. As menina tudo

Porém, também é possível notar pelos dados a seguir que *tudo* ocorre com DP sintaticamente singular (dados em (50a) e (50b)<sup>86</sup>) e, conforme vimos na seção anterior, com nomes nus (50c):

- (50) a. Pai, assim molha a gente tudo.  
 b. O pessoal tudo chegando atrasado, e eu vou ficar calado?  
 c. Homem é tudo igual.

Ainda que *tudo* possa ocorrer com DPs sintaticamente singulares e nomes nus, vemos que não se trata de qualquer DP singular: ele deve necessariamente denotar um conjunto de entidades. Isso não é inesperado, visto que o que definirá a gramaticalidade de sentenças com esse modificador de grau é, como bem observam Müller, Negrão & Quadros Gomes (2007, p. 88) em relação ao item lexical *todos*, “a compatibilidade entre a denotação do predicado e a natureza da denotação do argumento nominal d[o modificador de grau]”. Em (50a), vemos o DP *a gente*, forma gramaticalizada concorrente de ‘nós’, 1ª pessoa do plural (LOPES, 1999)<sup>87</sup>, que indica um conjunto formado de mais de uma entidade (pelos menos duas: o enunciador e uma terceira pessoa); em (50b), há o DP “o pessoal”, que também denota um conjunto de entidades. Logo, vemos que a noção de pluralidade é essencial para *tudo*, bem como o é para *todos*, para efeitos de maximalização, como atestam sintagmas nominais em (50a-b), repetidos em (51a-b), comparados às evidências negativas em (51c-d):

- (51) a. A gente tudo  
 b. O pessoal tudo  
 c. \*A criança tudo (por exemplo, \**Ele molhou a criança tudo*)  
 d. \*O papel tudo (por exemplo, \**O papel tudo foi rabiscado pelo João*)

Desse modo, (51c) e (51d) são mal formadas porque há incompatibilidade entre o modificador de grau presente, que mapeia a participação de pluralidades num evento, e o DP por ele selecionado, que denota uma única entidade. Alterando-se o modificador de grau para a forma singular, *todo*, desfaz-se o problema:

<sup>86</sup> Os dados de fala espontânea, em (50a) e (50b), foram coletados durante a realização desta pesquisa.

<sup>87</sup> Em relação à inserção de *a gente* no sistema pronominal brasileiro, ver o trabalho de cunho sociolinguístico de vertente variacionista de Lopes (1999).

- (52) a. A criança toda (por exemplo, *Ele molhou a criança toda*)  
 b. O papel todo (por exemplo, *O papel todo foi rabiscado pelo João*)

As sentenças fornecidas como exemplo para atestar a perfeita formação dos sintagmas em (52a-b) também revelam que o efeito de grau máximo se mantém, mesmo com os DPs singulares, pois *todo* mapeia a participação da soma de todas as partes da extensão do DP no evento. Assim, pelo comportamento de *tudo* em relação ao DP que seleciona, propomos que *tudo* tem traços não-interpretáveis de número<sup>88</sup>, que precisam ser checados/valorados com o DP via *Concord*, embora a concordância de número não seja morfológicamente marcada, por motivos que desconhecemos.

O contrário se pode dizer a respeito de traços de gênero. *Tudo* é uma forma não marcada morfológicamente também para gênero, mas, como mostram os dados em (53), não há restrição à seleção do DP em relação a gênero:

- (53) a. Os cachorro tudo  
 b. As menina tudo  
 c. Isso tudo

Observa-se, em (53c), a possibilidade de ocorrência de *tudo* com o pronome neutro, cuja ocorrência não é possível com o modificador de grau marcado morfológicamente para gênero masculino ou feminino, conforme ilustrado em (54):

- (54) a. esses / essas / isso tudo  
 b. esses / \*isso todo(s)  
 c. essas / \*isso toda(s)

Aprioristicamente, parece-nos que os dados em (53) e (54) constituem evidência para afirmarmos a defectividade de *tudo* em relação a traços de gênero<sup>89</sup>.

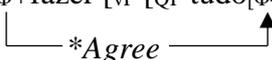
<sup>88</sup> Ao afirmar que os traços de número são não-interpretáveis em Q, estaremos seguindo Magalhães (2004), para quem os traços de número no sintagma nominal são interpretáveis apenas no determinante.

<sup>89</sup> Foram-nos reportados dois dados de escrita (em (i) e (ii)), nos quais *tudo* apresenta marcação morfológica de gênero. Os dados foram coletados na internet, em contextos que envolviam certo tom debochado, jocoso. É interessante perceber que, embora *tudo* normalmente não tenha traços de gênero, o falante prevê, pela regularidade do sistema, que um item de valor nominal possa realizar concordância morfológica de gênero com os demais itens que compõem o sintagma nominal. É interessante notar, também, que ainda nesses casos, *tudo* aparece posposto ao DP:

(i) Segura umas pra mim, senão o pessoal vai comer as pamonha tuda.

Também especulamos que *tudo* pode ser defectivo em relação a traços de pessoa, dada a impossibilidade de ocorrência da ordem [*tudo*+DP] em posição de sujeito, o que é evidenciado pela sua incapacidade, de acordo com Lacerda (2012), de concordar com a flexão verbal. Lacerda (2012) observa que nem a morfologia verbal *default* salva a sentença, que estará fadada a não convergir pela ausência da concordância, como ilustrado em (55) (dado (104) do cap. 2, extraído de Lacerda (2012)).

(55) a. \*Tudo os alunos fez a prova.

b. \* $[_{TP} T_{\Phi} + \text{fazer} [_{VP} [_{QP} \text{tudo}_{[\Phi-]} [_{DP} \text{os alunos}]] [_{VP} \text{a prova}]]]$   


Como bem observa Lacerda (2012), não se trata de uma mera questão de concordância com T: é interessante notar que na posição de objeto também não é possível encontrar a mesma ordem, conforme ilustrado em (56):

(56) \*Os menino viu [tudo os filme].

Em virtude dessas observações superficiais, que merecem melhor atenção em estudos posteriores, podemos firmar como hipótese que *tudo* é defectivo em relação aos traços- $\phi$  esperados para uma forma nominal. Portanto, propomos que *tudo* comporta-se de modo “peculiar” em relação à concordância nominal: só valora seu traço- $\phi$  de número, o único traço- $\phi$  que possui. Vamos analisar, especificamente, como a concordância se estabelece no sintagma nominal.

No capítulo anterior, assumimos que Q é um núcleo que seleciona um DP como complemento em PB, formando com ele um constituinte sintático no momento inicial da derivação, e estabelecendo com ele relações de concordância. Vamos retomar o sintagma nominal modificado por *tudo* na derivação em (38a), repetida abaixo em (57), como exemplo:

(57) Os menino gastaram as moeda tudo.

$[_{DegP} [_{Deg'} d [_{VP} [_{V'} \text{gastar} [[\text{as moeda}]_i \text{tudo } t_i]]]]]$

Seguiremos Magalhães (2004) ao assumir que, em PB, (i) D porta traços interpretável de número e não-interpretável de gênero; (ii) N porta traços não-interpretável de número e

---

(ii) ... pras mina tuda

interpretável de gênero; (iii) ambos portam traço não-valorado de Caso.<sup>90</sup> Pressupomos, também, de modo análogo à análise Vicente, Quadros Gomes & Lunguinho (2016) para *todo-all*, que *tudo* entra na derivação portando traço não-interpretável de número, traço não valorado de Caso, e o traço de grau  $\forall$ , com valor “máximo” (relevante para Deg). Assim, *Concord* ocorre como ilustrado em (58).

- (58) a. [DP [D' aS<sub>{PLN; UG; UCASO}</sub>] [NP [N' moeda<sub>{UN; FEMG; UCASO}</sub>]]]]  
 b. [DP [D' aS<sub>{PLN; FEMG; UCASO}</sub>] [NP [N' moeda<sub>{PLN; FEMG; UCASO}</sub>]]]]  
 c. [QP [Q' tudo<sub>{UN; VDEG; UCASO}</sub>] [DP [D' aS<sub>{PLN; FEMG; UCASO}</sub>] [NP [N' moeda<sub>{PLN; FEMG; UCASO}</sub>]]]]]]  
 d. [XP [DP aS<sub>{PLN; FEMG; UCASO}</sub>] moeda<sub>{PLN; FEMG; UCASO}</sub>]<sub>i</sub>] [QP [Q' tudo<sub>{PLN; VDEG; UCASO}</sub>] t<sub>i</sub>]]

O passo a passo em (58) é o seguinte: em (58a) ocorre *merge* entre D e o NP, sendo que D tem traço interpretável de número [plural] e N tem traço interpretável de gênero [feminino]; em (58b), o traço não-interpretável de gênero de D é valorado como [feminino], enquanto o traço não-interpretável de número de N é valorado como [plural]; em (58c), Q é *merged* portando seu traço de número não-interpretável (e os demais supracitados); em (58d), ocorrem a valoração do traço de número de *tudo* como [plural] e o movimento do DP internamente ao sintagma nominal para uma posição mais alta que QP.

Conforme demonstramos, o movimento do DP para uma posição mais alta que Q é obrigatório, porém, ainda não sabemos necessariamente o que o motiva. Dessa forma, adiaremos para estudos futuros uma investigação mais profunda. Porém, descreveremos uma das consequências desse movimento para a convergência da derivação, estabelecendo uma

<sup>90</sup> De acordo com Magalhães (2004), postular que os traços de número são interpretáveis no determinante – contrariamente a Chomsky (1995-2001), que afirma que os traços de número são interpretáveis no nome – pode explicar o motivo de, em dialetos coloquiais do PB, a concordância de número aparecer explícita apenas no determinante.

A autora assume com Abney (1987) que a relação seletional entre D e N se dá de modo semanticamente semelhante entre I e o DP sujeito; ou seja, N funciona para D da mesma forma que Infl para o sujeito. “Na sentença, os traços de número são interpretáveis no sujeito (argumento) e não-interpretáveis no verbo (predicado). O mesmo acontece no DP: traços de número são interpretáveis no D (argumento de N) e não-interpretáveis em N (predicado)” (MAGALHÃES, 2004, p. 161). Assim, em termos de concordância entre predicado/argumento, a autora traça um paralelo entre o nível da sentença e o nível do DP, mostrando que a concordância tende a desaparecer no predicado (que possui traços não-interpretáveis), mas manter-se no argumento (que possui traços interpretáveis):

- (i) a. Nós vai.  
 b. As menina.

Seguindo o raciocínio de Magalhães (2004), se a tendência no enfraquecimento da concordância é que os argumentos, que possuem traços interpretáveis, mantenham seus traços morfológicos de número, pode-se dizer que o mesmo se dá dentro do sintagma nominal: a realização morfológica de número se mantém no item que possui traços interpretáveis.

comparação entre a proposta de extensão da análise de Shlonsky (1991) para o francês e a obrigatoriedade do movimento do DP para cima de *tudo*, em PB.

Shlonsky (1991) propõe que sua análise para o hebraico seja extensível ao francês; ou seja, em francês, um quantificador flutuante pode projetar um QP e o DP pode se mover da posição de complemento de Q para SpecQP (e de lá para outras posições mais altas na estrutura), desde que o movimento do DP desencadeie a concordância.<sup>91 92</sup>

O autor mostra que um DP lexical, em francês, pode aparecer na posição de complemento de Q (ver (59a)), mas não pode aparecer em SpecQP (ver (59b-c)), ao passo que um vestígio da passagem de um DP pode aparecer naquela posição (ver (59d)).

- (59) a. Elle a lu [QP tous les livres].  
           ela tem lido todos os livros  
           ‘Ela leu todos os livros.’
- b. \*Elle a lu [QP les livres tous [e]].  
           ‘Ela leu os livros todos.’
- c. \*[QP Les enfants tous [e]] ont mangé.  
           as crianças todas têm comido  
           ‘As crianças todas comeram.’
- d. Elle les a lus [QP [e] tous [e]].  
           ela os tem lido todos  
           ‘Ela leu-os todos.’

O fato de um DP lexical não poder aparecer em SpecQP em francês, de acordo com Shlonsky (1991), resulta da incapacidade desse Q de “transmitir” Caso ao DP interno à sua projeção, em SpecQP, mesmo estando o QP numa posição marcada para Caso – como as posições em que ocupa em (59b) e (59c), por exemplo, marcadas para Caso acusativo e nominativo, respectivamente. Essa constatação deriva da observação de que é o DP, por ser o argumento sentencial, que requer Caso, e não necessariamente o QP dentro do qual o DP é projetado. Assim, se projetado numa posição estruturalmente marcada para Caso, Q deve transmitir o Caso recebido ao DP argumento. A “transmissão de Caso” ocorre em obediência às seguintes condições, replicadas em (60):

<sup>91</sup> A respeito da análise de Shlonsky (1991) para o hebraico, ver capítulo 2, seção 2.5.2.

<sup>92</sup> De acordo com Shlonsky (1991), há duas diferenças cruciais entre o francês e o hebraico no que diz respeito ao fenômeno de *Q-float*: (i) no francês, a concordância com Q é “encoberta” (embora Q expresse concordância morfológica explícita de gênero e número com o DP, de modo semelhante ao português), enquanto em hebraico é explícita (há um clítico marcador de concordância em Q quando o DP se desloca da posição de ComplQP); e (ii) um DP lexical pode aparecer em SpecQP em hebraico, mas não em francês.

(60) “*Transmissão de Caso*”

Um núcleo funcional (e.g., Q) pode transmitir Caso a um DP que é regido por ele ou que concorda fortemente com ele.”<sup>93</sup> (SHLONSKY, 1991, p. 178, tradução nossa)

Segundo Shlonsky (1991), uma vez que o DP, estando em SpecQP, não é regido pelo núcleo funcional Q, este é incapaz de lhe transmitir Caso (rever (59b-c)). Pela via da concordância, vale lembrar que, na proposta de Shlonsky (1991), a manifestação morfológica do clítico de concordância em Q (*kol*) torna-o um núcleo regente para um DP em SpecQP, como é possível ver pela comparação dos dados abaixo (dados (68) e (69b-c) do cap. 2), extraídos de Shlonsky (1991):

- (61) a. Katafti ?et **kol ha-praxim** bi-zhirut.  
colhi acus todas as-flores com-cuidado  
‘Colhi todas as flores cuidadosamente.’
- b. Katafti ?et **ha-praxim kul-am** bi-zhirut.  
colhi acus as-flores todas-[3MPL] com-cuidado.  
‘Colhi as flores todas cuidadosamente.’
- c. \*Katafti ?et **ha-praxim kol** bi-zhirut.  
colhi acus as-flores todas com-cuidado.
- d. \*Katafti ?et **kul-am ha-praxim** bi-zhirut.  
colhi acus todas-[3MPL] as-flores com-cuidado.

Em (61), *kol* hospeda o clítico marcador de concordância (de gênero, número e pessoa) quando o DP se move para SpecQP, tornando-se, então, um núcleo regente para o DP naquela posição e, por isso, pode transmitir a esse DP o Caso acusativo recebido estruturalmente (ver (61b)). Se não manifesta a concordância forte com o DP movido para SpecQP, não pode reger o DP naquela posição, e, conseqüentemente, não pode lhe transmitir o Caso recebido (ver (61c)). Então, seria de se esperar que o DP lexical em francês pudesse ser licenciado na posição SpecQP, uma vez que há concordância de gênero e número do DP com o Q (de modo semelhante ao português)<sup>94</sup>. Porém, Shlonsky (1991) adverte que a concordância entre os dois

<sup>93</sup> No original: “*Case Transmission: A functional head (e.g., Q) can transmit Case to a DP which is either governed by it or strongly agrees with it.*”

<sup>94</sup> Shlonsky (1991) mostra (pelos dados replicados em (i), abaixo) que há concordância de gênero e número entre Q e o DP no francês, mas que esta não é uma concordância que o autor chama de “*Spec-head*”, como o é a concordância entre DP (em SpecQP) e Q, em hebraico.

(i) J’ai vu tous les enfants  
eu tenho visto todas-MPL as crianças  
toute la famille

itens também ocorre na ordem de base, [Q DP], no francês, o que o autor considera como concordância “fraca”, por não ser especificamente desencadeada pelo movimento do DP, para SpecQP, que resulte em uma concordância entre o elemento em *Spec* e o núcleo (*head*), como a do hebraico (comparar (61b) a (61d)). Como consequência, uma vez que não concorda de modo “forte” com o DP, Q não pode transmitir Caso a ele.

Por outro lado, a presença de um vestígio em SpecQP é lícito em francês (ver (59d)), pois ao clítico não é atribuído Caso nessa posição, sendo possível sua extração, deixando para trás um vestígio.

Utilizando-nos da lógica da proposta presente em Shlonsky (1991), podemos afirmar que o modificador de grau, por ser gerado numa projeção funcional que faz parte do sintagma nominal e por também portar traço de Caso a ser valorado, interfere nas relações de *Agree* do DP (do qual faz parte) com uma sonda (como T, por exemplo) – visto que, conforme argumentamos, QP e DP formam inicialmente um único constituinte sintático, estabelecendo entre si relações de concordância e podendo mover-se em bloco para posições em que ocorre valoração de Caso (como SpecTP/vP, por exemplo). Assim sendo, poderíamos considerar o mecanismo em (60) exclusivamente no que tange à concordância “forte” (visto que uma análise minimalista dispensa a noção de regência), entendendo, contrariamente a Shlonsky (1991), que a concordância em gênero e número, pelo menos em PB, é forte. Estamos pressupondo, dessa maneira, uma assimetria entre o mecanismo de concordância em português (quiçá, das línguas românicas em geral) e o mecanismo de concordância em hebraico. No sintagma nominal do PB coloquial, como bem observou Cançado (2006) (rever capítulo 2, seção 2.2), quando há relaxamento da concordância, o item mais à esquerda deve expressar as marcas morfológicas de concordância; dito de outro modo, o item à esquerda é o marcador de concordância forte no DP.

Dessa forma, a gramaticalidade das sentenças abaixo, em (62a) e (62b), mostra que Q, anteposto ao DP que seleciona, se expressa com ele concordância forte, pode transmitir-lhe o valor do Caso; do contrário, isto é, se está anteposto ao DP que seleciona e não expressa concordância forte, não consegue transmitir-lhe o valor do Caso, o que explica a agramaticalidade das sentenças em (62c) e (62d):

(62) a. [<sub>DP</sub> [Todos [os meninos]]] fizeram os deveres.

---

toda-FS a família

toutes les filles

todas-FPL as garotas

- b. Os meninos fizeram [<sub>DP</sub> [todos [os deveres]]].
- c. \*<sub>DP</sub> [Tudo [os meninos]] fizeram os deveres.
- d. \*Os meninos fizeram [<sub>DP</sub> [tudo [os deveres]]].

Por isso, o movimento do DP para cima de *tudo*, internamente ao sintagma nominal, é desejável, pois *tudo*, sendo defectivo em termos de traços- $\phi$ , não concorda “fortemente” com o DP, sendo incapaz de transmitir-lhe o valor do Caso recebido por meio de *Agree* com o núcleo T/v. É preciso salientar que não estamos afirmando que a ausência de concordância forte necessariamente ocasiona o movimento do DP, pois isso poderia implicar um problema de globalidade: depois de estabelecido *Concord*, o sintagma formado poderia olhar para etapas posteriores da derivação e saber que, se o DP não se movimentasse, a sentença não convergiria pela presença, no DP, do traço de Caso não interpretável nas interfaces. Porém, se o DP se movimenta, por motivos independentes, o que estamos afirmando é que o resultado é extremamente satisfatório para a convergência da derivação, conforme atestam os dados em (63).

- (63) a. [<sub>DP</sub> [Os menino]<sub>i</sub>] [tudo [t<sub>i</sub>]] fizeram os dever.
- b. Os meninos fizeram [<sub>DP</sub> [os dever]<sub>i</sub>] [tudo [t<sub>i</sub>]].

Daí a nossa hipótese preliminar de que a ordem DPQ parece ter uma relação com a defectividade de traços- $\phi$  de *tudo*. Só pode figurar à esquerda do sintagma nominal um Q que exprima concordância “forte”, isto é, de gênero e de número com o nominal associado.

### 3.6 Conclusão do capítulo

Ao longo deste capítulo, vimos que a inserção de *tudo* na sentença ocasiona um efeito semântico de “maximalização”, efeito descrito por meio da análise de Brisson (1998) para o inglês e confirmado por Lima (2013) para o PB. Tal efeito opera na forma como o evento é distribuído a seu argumento. A partir da constatação desse efeito semântico de *tudo*, estendemos-lhe a proposta de Vicente & Quadros Gomes (2013), acreditando que ele é, também, um modificador de grau, que opera semanticamente sobre relações de predicação, a que chamamos modificador de grau (VICENTE & QUADROS GOMES, 2013). Em virtude disso, estendemos às ocorrências de *tudo* a sintaxe fornecida em Vicente, Quadros Gomes & Lunguinho (2016) para a argumentação defendida em Vicente & Quadros Gomes (2013).

Reassumimos, posteriormente, que *tudo* coloquial é um item que manifesta propriedades sintáticas semelhantes às propriedades dos itens da série *todo-all*, sendo defectivo em termos de traços- $\phi$ . Mostramos, então, como se dão relações de concordância internas ao DP entre Q e seu nominal associado, e, a partir da comparação com a proposta de Shlonsky (1991) para os dados do francês, mostramos que a defectividade de traços- $\phi$  de *tudo* pode apresentar consequências na valoração de Caso do DP.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, nos propusemos a analisar especificamente um uso de *tudo* no PB coloquial, muito produtivo em ambientes informais de fala, em que esse item modifica relações de predicação.

A partir da constatação de que *tudo* pode estar associado a um elemento nominal que se encontra em posições mais altas na estrutura, nosso objetivo se tornou, a princípio, revisar parte da literatura sintática sobre o fenômeno de *Q-float*, o que nos levou à conclusão de que a vertente com encalhe, proposta inicialmente por Sportiche (1988), teria maior alcance frente aos dados do PB. Assim, fornecemos suporte teórico para o tratamento de *tudo*, no PB coloquial, como núcleo que seleciona um elemento nominal como complemento.

Posteriormente, dedicamo-nos a compreender a função semântica de *tudo* nas sentenças em que ocorre. Chegamos à conclusão de que *tudo* é um item maximalizador, que, nos termos de Brisson (1998), provoca uma espécie de “fortalecimento” nas condições de verdade da sentença. Essa conclusão nos levou a adotar a proposta de Vicente & Quadros Gomes (2013), de que um item dessa natureza é um modificador de grau, que sempre opera sobre escalas – seja a escala de participação de um argumento no evento, ou a escala de detenção de uma propriedade pelo argumento –, elevando-as ao grau máximo. Assim, pressupomos a proposta de Vicente, Quadros Gomes & Lunguinho (2016) como forma de captar, na sintaxe, essas propriedades semânticas de um item como *tudo*.

Durante todo o trabalho, também mostramos que *tudo* tem muitas propriedades semelhantes não só com o item *todos*, mas com os itens da série *todo-all* em geral; daí nossa hipótese de que *tudo* é um item coloquial pertencente a essa série.

Esperamos ter fornecido, pelo menos de forma preliminar, algumas respostas e suscitado várias questões que possam ser úteis para o desenvolvimento do conhecimento a respeito do tema, uma vez que não há, até onde sabemos, à exceção da descrição do fenômeno por Godoy (2005) e Cançado (2006) – e algumas considerações em Vicente (2006) e Lacerda (2012) –, trabalhos formalistas relacionados especificamente ao uso de *tudo* no PB coloquial.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, A. C. N. **Da estrutura de expressões nominais quantificadas em posição de tópico**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- BALTIN, M. R. Floating quantifiers, PRO and predication. **Linguistic Inquiry**, 26(2). pp.199-248.
- BENMAMOUN, E. The syntax of quantifiers and quantifier float. **Linguistic Inquiry**, Cambridge, n. 30, 1999. pp. 621-642.
- BERLINCK, R. A.; DUARTE, M. E. L.; OLIVEIRA, M. Predicação. In: KATO, M. A.; NASCIMENTO, M. (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil: a construção da sentença**. 2. vol. São Paulo: Contexto, 2015. pp. 81-149.
- BOBALJIK, J. D. **Morphosyntax: the syntax of verbal inflection**. PhD dissertation. Massachusetts Institute of Technology, Massachusetts, 1995.
- \_\_\_\_\_. Floating quantifiers: handle with care. In: CHENG, L. & SYBESMA, R. (eds.). **The Second Glot International State-of-the-article Book**. Berlin: Mouton, 2001. pp. 107-148. Disponível em: <<http://bobaljik.uconn.edu/papers/FQII.pdf>> (pp. 1-50).
- BOŠKOVIĆ, Ž. Be careful where you float your quantifiers. **Natural Language & Linguistic Theory**, n. 22, 2004, pp. 681-742.
- BRISSON, C. M. **Distributivity, maximality, and floating quantifiers**. PhD Dissertation – Rutgers University, New Brunswick, NJ, 1998.
- CANÇADO, M. O quantificador *tudo* no PB. **Letras**, Curitiba, n. 70, set/dez 2006. pp. 157-182.
- CHIERCHIA, G. Reference to kinds across languages. **Natural Language Semantics**, n. 6, 1998. pp. 339-405.
- CHOMSKY, N. **Linguagem e mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas**. Trad.: LOBATO, L. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

\_\_\_\_\_. **Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente.** Trad.: SANT'ANNA, M. A. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

\_\_\_\_\_. Principles and parameters in syntactic theory. In: HORNSTEIN, N; LIGHTFOOT, D. (Ed.). **Explanation in linguistics: the logical problem of language acquisition.** New York: Longman, 1981. pp. 32-75.

\_\_\_\_\_. **The minimalist program.** Cambridge: MIT Press, 1995.

CIRILLO, R. **The syntax of floating quantifiers: stranding revisited.** PhD Dissertation – Universiteit van Amsterdam, 2009.

FERRARI-NETO, J.; SILVA, C. R. T. (org.). **Programa minimalista em foco: princípios e debates.** 1. ed. Curitiba: CRV, 2012.

GODOY, L. A. G. **A palavra *tudo* como quantificador universal puro no Português Brasileiro.** Monografia (Graduação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

HAEGEMAN, L. **Introduction to government and binding theory.** 2. ed. Oxford: Blackwell, 1994.

HORNSTEIN, N; LIGHTFOOT, D. Introduction. In: \_\_\_\_\_ (org.). **Explanation in linguistics: the logical problem of language acquisition.** New York: Longman, 1981. pp. 9-31.

HORNSTEIN, N; NUNES, J.; GROHMANN, K. K. **Understanding minimalism.** New York: Cambridge University Press, 2005.

KENEDY, E. **Curso básico de linguística gerativa.** São Paulo: Contexto, 2013.

KOOPMAN, H.; SPORTICHE, D. The position of the subjects. **Lingua**, 85, p. 211-258, 1991.

LACERDA, R. **Quantificadores flutuantes no português brasileiro.** Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

\_\_\_\_\_. Rebel without a Case: quantifier floating in Brazilian Portuguese and Spanish. In: KATO, M. & ORDÓÑEZ, F. **Morphosyntax of Portuguese and Spanish in Latin America.** Em preparação.

LIMA, S. Maximality and distributivity in Brazilian Portuguese. **Linguística**, v. 9, n. 1, 2013, pp. 133-157

LOBATO, L. O que o professor de ensino básico deve saber sobre gramática? Trabalho apresentado na 55ª Reunião Anual da SBPC, Fortaleza, 2003.

LONGOBARDI, G. Reference and Proper Names. **Linguistic Inquiry** 25(4), 1994. pp. 609-665.

\_\_\_\_\_. How comparative is Semantics? A unified parametric theory of bare nouns and proper names. **Natural Language Semantics**, n. 9, 2001. pp. 335-369.

LOPES, C. R. S. **A inserção de *a gente* no quadro pronominal do português**: percurso histórico. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

LUNGUINHO, M. V.; NAVES, R. R.; PILATI, E.; RABELO, P. C.; VICENTE, H. S. G. Aspectos da gramática do português: investigações minimalistas. **DELTA**, vol. 23, n.spe, pp. 147-191, 2007.

MAGALHÃES, T. M. V. A valoração de traços de concordância dentro do DP. **DELTA**, 20:1, 2004. pp. 149-170.

MATEUS, M. H. M.; BRITO, A. M.; DUARTE, I.; FARIA, I. H.; FROTA, S.; MATOS, G.; OLIVEIRA, F.; VIGÁRIO, M.; VILLALVA, A. **Gramática da língua portuguesa**. 5. ed. Lisboa: Caminho, 2003.

MIOTO, C.; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. E. V. **Novo manual de sintaxe**. 3. ed. Florianópolis: Insular, 2007.

MÜLLER, A. L. P.; NEGRÃO, E. V.; QUADROS GOMES, A. P. “Todo” em contextos coletivos e distributivos. **DELTA**, 23:1, 2007. pp. 71-95.

PINTO, I. I. **A variação entre *tudo* e *todo(a)(s)* do português informal carioca**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

PIRES DE OLIVEIRA, R. O menino tá todo triste: uma reflexão sobre a quantificação universal no PB. **Revista Letras**, Curitiba, n.61, 2003. pp. 191-210.

QUADROS GOMES, A. P. “**Todo**”, “**cada**” e “**qualquer**”: exigências sobre a denotação nominal e verbal. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_. **O efeito grau máximo sobre os domínios**: como *todo* modifica a relação argumento-predicado. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

RODRIGUES, E. S.; AUGUSTO, M. R. A. Modelos formais de gramática: o programa minimalista vs. gramáticas baseadas em restrições: HPSG e LFG. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, p. 133-149, jan.-jun. 2009. Disponível em: <<http://www.pgletras.uerj.br/matraga/matraga24/arqs/matraga24a06.pdf>>.

SEDRINS, A. P. O quantificador *todos* no português brasileiro: ordem e padrões de concordância. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 40:1, jan-abril, 2011. pp. 207-219.

SHLONSKY, U. Quantifiers as functional heads: a study of Quantifier Float in Hebrew. **Lingua**, 84, p. 159-180, 1991.

SPORTICHE, D. A theory of floating quantifiers and its corollaries for constituent structure. **Linguistic Inquiry**, 19.3, p. 425-449, 1988.

VICENTE, H. S. G. **O quantificador flutuante todos no português brasileiro e no inglês**: uma abordagem gerativa. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

VICENTE, H. S. G.; QUADROS GOMES, A. P. Um tratamento unificado de grau para o quantificador flutuante e o intensificador ‘todo’. **Linguística**, v. 9, n. 1, 2013, pp. 112-132.

VICENTE, H. S. G.; QUADROS GOMES, A. P.; LUNGUINHO, M. V. Uma análise sintático-semântica de grau para todo-all no português brasileiro. Ms. 2016